

O Terceiro Mundo na Segunda Guerra Mundial



Die **Dritte Welt** im Zweiten Weltkrieg



Erweiterte Ausstellung

im NS-Dokumentationszentrum der Stadt Köln

8. März bis 1. Juni 2025

Geschichte · Kunst · Filme · Theater · Musik

Begleitprogramm:
www.3www2.de



Gráfik: Amado Alfadni

NS-DOK
NS-Dokumentationszentrum
der Stadt Köln

STIFTUNG UMWELT
UND ENTWICKLUNG
NORDRHEIN-WESTFALEN

Stadt Köln

recherche international e.v.

ROSA
LUCHEMBURG
STIFTUNG

JULIA VOGEL STIFTUNG
Förderprogramm für die Weibler-Kittler

asb

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
PRÓLOGO	
Um Capítulo Suprimido da História	8
1°, 2°, 3° Mundo	9
Inúmeras Vítimas	
MAPA: Potências Coloniais e Colônias no Início da Segunda Guerra Mundial	10
VIDEO I: Os Libertadores Esquecidos	13
ÁFRICA	
Etiópia 1935: O Surto da II Guerra Mundial em África	16
HISTÓRIA RETORCIDA: Extraído de um manual de História para as escolas alemãs, 2006/7	17
ESTAÇÃO DE ESCUTA 1: Te Mikael Kidanemariam – Etiópia	
Planos Coloniais dos Nazis	18
Konrad Adenauer Vice-Presidente da Associação Colonial Alemã	19
Alternativas para a “solução final” em Madagáscar	
Exército Colonial Britânico na Segunda Guerra Mundial	20
Combatentes africanos das colônias francesas	21
De Gaulle: “Plataforma de Lançamento África”	22
ESTAÇÃO DE ESCUTA 2: Yoro Ba – Senegal	
Crimes contra os prisioneiros de guerra africanos cometidos pela Wehrmacht	23
ESTAÇÃO DE ESCUTA 3: Mamadou Hady Bah – Guiné	24
A Revolta de Thiaroye e a Reacção Francesa	25
VIDEO II: Curta-metragem L’AMI Y A BOM	26
Um Dia de Libertação na Europa – Um Dia de Luto na Argélia	27
Matéria-prima para a Indústria de Armas	28
Doações para os Aliados	29
Provisões para os nazis	
Trabalho Forçado para a Guerra dos Governantes Coloniais	30
Esmola e não pensões para Veteranos de Guerra Africanos	31
“Apartheid” para o Túmulo	32
ESTAÇÃO DE ESCUTA 4: Samuel Masila Mwanthi – Quênia	
As colônias portuguesas durante a Segunda Guerra Mundial	33
Aeroporto de Mussolini em Cabo Verde	34
Timor Leste como Teatro de Guerra	
ÁSIA	
China 1937: O eclodir da Guerra na Ásia	35
HISTÓRIA RETORCIDA: “A guerra tornou-se uma Guerra Mundial em Pearl Harbor 1941”	36
O papel da Coreia na Guerra do Japão	37
Os Crimes de Guerra Japoneses Cometidos Contra as Mulheres Asiáticas	38
O Tribunal das Mulheres de Tóquio em 2000	39
ESTAÇÃO DE ESCUTA 5: Hwang Kum-Ju – Coreia do Sul	
MAPA: Retratos de Mulheres: Raptadas e Abusadas em Bordéis Militares Japoneses	40
A Guerra de Aniquilação do Japão contra a China	43
O Massacre de Nanking 1937/38	44
Relatos de Testemunhas de Nanking	
As Consequências da Guerra na Península Malaia	45
Temos uma escolha (Chin Peng – Malásia)	46
A Fome de 1945 na Indochina	
As ilhas indonésias sob domínio japonês	47
Índia: O Maior Exército Colonial de Todos os Tempos	48
HISTÓRIA RETORCIDA: Churchill sobre Hindustan (Índia)	49
A Fome de 1943/44 em Bengala	
As Filipinas – Um País de Resistência	50
Manila 1945	51
ESTAÇÃO DE ESCUTA 6: Remedios Gomez-Paraiso – Filipinas	
Depois da Guerra Significa Antes da Guerra	52

OCEÂNIA

Nauru 1940: O Eclodir da Guerra na Oceânia	53
Havai 1941: As Vítimas Polinésias de Pearl Harbor	54
HISTÓRIA RETORCIDA: Televisão alemã – Guerra no Pacífico travada em ilhas desabitadas	55
ESTAÇÃO DE ESCUTA 7: Haunani-Kay Trask – Havai	
Bases de Destacamento para os Aliados no Pacífico Sul	56
Nova Guiné: Agricultores e Pescadores em Guerra	57
HISTÓRIA RETORCIDA: Yusako Goto, Alto Comando Japonês, sobre Compensações	58
ESTAÇÃO DE ESCUTA 8: Asina Papau/Ovivi Arau – Nova Guiné	
A Revolta de Soldados Coloniais da Papua	59
Escotismo para os Aliados nas Ilhas Salomão	60
Jacob Vouza – “Herói Nacional das Ilhas Salomão”	61
ESTAÇÃO DE ESCUTA 9: Biuku Gasa – Ilhas Salomão	
Aborígenes australianos: Soldados Sem Custos	62
As Estrelas da Avó Lovett	63
O Batalhão Maori da Nova Zelândia	
Colônias francesas no Pacífico: Dos Mares do Sul para o Norte de África	64
O Chefe das Ilhas Polinésias adverte sobre Hitler em 1939	65
Uma crítica à Guerra “Moderna”	
Atolos Entre as Frentes: A Guerra no Pacífico Central	66
O Massacre de Banaba de 1945	67
As Batalhas Finais e Crimes de Guerra na Micronésia	68
“Tempos Radiantes” depois de 1945: A Militarização do Pacífico	69
Por um Pacífico sem armas nucleares!	70
Testemunha ocular de Palau	
Do “ponto Um Milhão de Dólares” para um “som na base de aço”	71

AMÉRICA DO SUL

Brasileiros em Monte Castello – Mexicanos em Manila	72
---	----

CARAÍBAS

Dezenas de Milhares de Voluntários contra o Fascismo	73
O Combatente da Resistência do Suriname, Anton de Kom	74
Frantz Fanon, Anti-fascista da Martinica	

PERSEGUIÇÃO DE JUDEUS (FORA DA EUROPA)

Leis Anti-semitas e Campos de Trabalho no Norte de África	75
Os Ajudantes de Hitler no Norte de África	76
ESTAÇÃO DE ESCUTA 10: Alice Cherki – Argélia	
Planos Nazis para a “Solução Final” no Médio Oriente	77
A Turquia e o Holocausto	78
Planos Nazis para a “Solução Final” no Extremo Oriente	79

COLABORAÇÃO

Simpatizantes Fascistas no Médio Oriente	80
“Comemorando as vitórias nazis”	81
Os salvadores árabes (como Khaled Abdelwahhab – Tunísia)	
Líder da Palestina e Criminoso de guerra	82
HISTÓRIA RETORCIDA: “Apoio aos Aliados” – abordagem consensual na Palestina	83
O Mufti de Jerusalém e a “Solução Final”	
3.500 Indianos nas Waffen-SS e 50.000 no lado dos japoneses	84
Subhas Chandra Bose (Índia) admira o “espírito jovem” do Fascismo	85
A Ordem Mundial Fascista	
Simpatizantes fascistas do Extremo Oriente	86
Judeus fora – Nazis na Argentina sob o comando de Juan Perón	87
As Vítimas dos Colaboradores	88

EPÍLOGO

O Direito à Memória (Professor Kum'a Ndumbe, Camarões)	89
Créditos	90

INTRODUÇÃO

Esta brochura documenta a exposição “O Terceiro Mundo na Segunda Guerra Mundial”, que foi criada por jornalistas e cientistas sociais da associação recherche international e.V. baseada em Colônia (Alemanha).

A exposição foi o resultado de mais de dez anos de pesquisa em 30 países em África, Ásia e Oceânia, durante os quais os autores trabalharam com historiadores locais e testemunhas sobreviventes. Em África, estes incluíram contribuintes como Joseph Ki-Zerbo de Ouagadougou que, em 1978, publicou a primeira história de África a partir de uma perspectiva africana, bem como veteranos da Argélia, Etiópia, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Quênia, Mali, Marrocos, Namíbia, Senegal, África do Sul, Tanzânia e Sahara Ocidental.

Em Manila encontramos Ricardo Trota José da Universidade das Filipinas, que por muitos anos investigou as consequências da ocupação japonesa e nos informou do resultado estarrecedor de que, no seu país, morreram um total de 1,1 milhões de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial – uma em cada 16!

Em Hong Kong, o historiador chinês Tim Ko guiou-nos por um museu sobre as consequências do regime de ocupação japonês na então ainda colónia da Coroa Britânica.

Durante uma viagem de investigação por sete países insulares do Pacífico, descobrimos que historiadores da Universidade do Pacífico Sul, no Havaí, já nos anos oitenta tinham realizado conferências de história oral sobre as experiências de guerra dos habitantes insulares. Estas encontram-se documentadas em publicações extensivas em inglês e pidgin. Só na ilha Vanuatu, os investigadores de campo locais tinham gravado centenas de entrevistas sobre a Segunda Guerra Mundial com testemunhas sobreviventes, que foram então armazenadas em cassetes no arquivo do Centro Cultural na capital da ilha, Port Vila, onde as pudemos analisar.

Os resultados da pesquisa realizada foram publicados no livro de 2005 intitulado “As nossas Vítimas Não Contam”. 2008 testemunhou a publicação de materiais de cursos para escolas e outras instituições educativas. Ambas as publicações viram desde então múltiplas edições.

Evento de abertura da exposição no Centro de Documentação do NS na cidade de Colônia





O veterano do ANC Denis Goldberg durante a montagem da versão inglesa da exposição em Fevereiro de 2017 no Castle Museum na Cidade do Cabo



Uma turma de uma escola da Cidade do Cabo na secção da exposição dedicada à África do Sul no Castle Museum

Em 2009, num esforço adicional de aumentar ainda mais a consciência sobre o papel importante do Terceiro Mundo na Segunda Guerra Mundial, que foi largamente ignorado pela historiografia prevalente, recherche international e.V. criou uma exibição (itinerante) sobre o assunto, agora documentada nesta brochura.

Deixando fora da equação a União Soviética, mais soldados do Terceiro Mundo lutaram na Segunda Guerra Mundial do que da Europa. Numerosas regiões do Terceiro Mundo, da costa da América do Sul e passando da África Ocidental, do Norte e do Leste, do Médio Oriente e vastas áreas da Ásia e indo todo o caminho até às Ilhas do Pacífico, tornaram-se teatros da guerra e foram deixadas devastadas após 1945. A China por si só chorou por um número maior de vítimas do que o total combinado incorrido pelos países fascistas responsáveis pela guerra, Alemanha, Itália e Japão.

A exposição, que realça esses factos esquecidos, esteve em exibição em mais de 60 locais na Alemanha e Suíça até finais de 2025. Uma versão inglesa começou a fazer uma digressão pela África do Sul em 2017. A brochura actual adiciona ainda uma tradução portuguesa. A exposição consiste em quatro secções geográficas (sobre África, Ásia, Oceânia e América do Sul e as Caraíbas), bem como duas secções sobre temas específicos (a perseguição de Judeus fora da Europa e colaboração). As dez estações de escuta da exibição mostram testemunhas actuais de um leque de diferentes países partilhando suas experiências. As suas contribuições também aparecem de forma escrita nesta brochura.

Inauguração sul-africana da exibição no Castle Museum na Cidade do Cabo



A estação de vídeo I apresenta 200 fotografias de pessoas de todos os continentes que lutaram para libertar o mundo do fascismo na Segunda Guerra Mundial. Os retratos desses “libertadores esquecidos” são documentados em particular na brochura.

Na estação de vídeo II, situada na secção africana da exposição, é possível visualizar a curta-metragem L'AMI Y A BOM do realizador argelino Rachid Bouchareb. Ela lembra o massacre de Thiaroye, em 1944, durante o qual soldados coloniais de África Ocidental, regressados da guerra e reivindicando os seus salários em atraso, foram trucidados por ordem dos seus oficiais franceses.

Após a conclusão do projecto de longa duração, com as últimas apresentações alargadas no Centro de Documentação do NS na cidade de Colónia, no início de 2025, as versões da exposição em Alemão, Inglês, Francês e Português permanecerão online e poderão ser consultadas gratuitamente na página Web www.3www2.de. Esta página contém ainda informações contextuais extensas sobre o projecto de investigação e publicação.

O arquivo do projecto, que inclui documentos, livros, entrevistas, fotografias e filmes reunidos durante quatro décadas, ficará a cargo do arquivo para literatura alternativa (Archiv für alternatives Schrifttum) em Duisburgo e permanece, portanto, acessível a todos os interessados.

Os iniciadores do projeto “O Terceiro Mundo na Segunda Guerra Mundial” esperam que ele contribua para iniciar uma mudança de perspectiva, de uma visão eurocêntrica para uma historiografia global. Isto porque uma visão global da história, no geral, e da história da Segunda Guerra Mundial, em particular, pode ajudar a despertar mais solidariedade pelos refugiados (de guerra) actuais e a alertar para a responsabilidade histórica que a Europa tem em relação a continentes, países e regiões arruinados pelas potências europeias através da colonização.

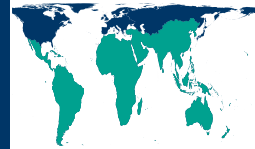
Março de 2025

recherche international e.V.

Anúncio publicitário da exposição nos murais do Castle of Good Hope na Cidade do Cabo: “Uma História descolonizada da Segunda Guerra Mundial”



Um Capítulo Suprimido da História



PRÓLOGO

O Terceiro Mundo colocou mais soldados em campo na Segunda Guerra Mundial do que a Europa e sofreu mais perdas do que a Alemanha, Itália e Japão. Vastas áreas do Terceiro Mundo serviram de campo de batalha, e as nações beligerantes requisitaram alimentos para as suas tropas e matérias-primas para as suas indústrias de armamento.

Na véspera da guerra, o mundo ainda estava maioritariamente colonizado. Todas as nações beligerantes utilizaram as suas colónias para fins militares. Sendo a maior potência colonial, a **Grã-Bretanha**, com a sua Commonwealth, comandou um império composto por um quarto do globo, bem como por um quarto da população mundial.

As colónias **francesas** eram 20 vezes maiores do que a “pátria” e orgulhavam-se de uma população de 100 milhões. A área das Índias **Orientais Holandesas** (actualmente Indonésia) igualava a Europa Ocidental em tamanho.

Os **EUA** governavam sobre as Filipinas e sobre grandes partes do Pacífico a partir de bases insulares como o Havai e Samoa Americana.

O **Japão** controlava o Pacífico Norte com a Micronésia, assim como a península coreana, Formosa e Manchúria. Na África Oriental, o regime fascista de Mussolini controlava um território colonial que era mais extenso que a **Itália**.

Na sequência da Primeira Guerra Mundial, a **Alemanha** teve de entregar as suas colónias em África e no Pacífico aos vencedores. No entanto, reclamá-las de volta foi um dos objectivos militares declarados pelos nazis. Com a ajuda do governo colaborador de Vichy em França, o regime nazi conseguiu acesso a matérias-primas, trabalhadores e soldados das colónias francesas na África Ocidental e do Norte, bem como da Indochina, a partir de 1940.



1° 2° 3° **Mundo**

2° 1° 3°

3° 2°

2° 1°

3° 1° 3°

3° 1° 2°



O termo “Terceiro Mundo” atraiu, com razão, críticas, uma vez que agrupa um leque diversificado de países de África ao Pacífico e coloca-os semanticamente dois níveis abaixo do “Primeiro Mundo”. A razão pela qual é utilizado no contexto desta exposição é a falta de alternativas não controversas. Termos como “periferia” elevam as “metrópoles” a uma posição semanticamente superior em comparação com o resto do mundo, e a referência aos chamados “países em desenvolvimento” coloca imediatamente a questão de quem deve “desenvolver” em que direção e por que motivos. Utilizar o termo “Sul Global” em oposição aos países industrializados do “Norte” seria geograficamente incorreto, uma vez que alguns dos países com os quais esta exposição trata estão localizados no hemisfério Norte.

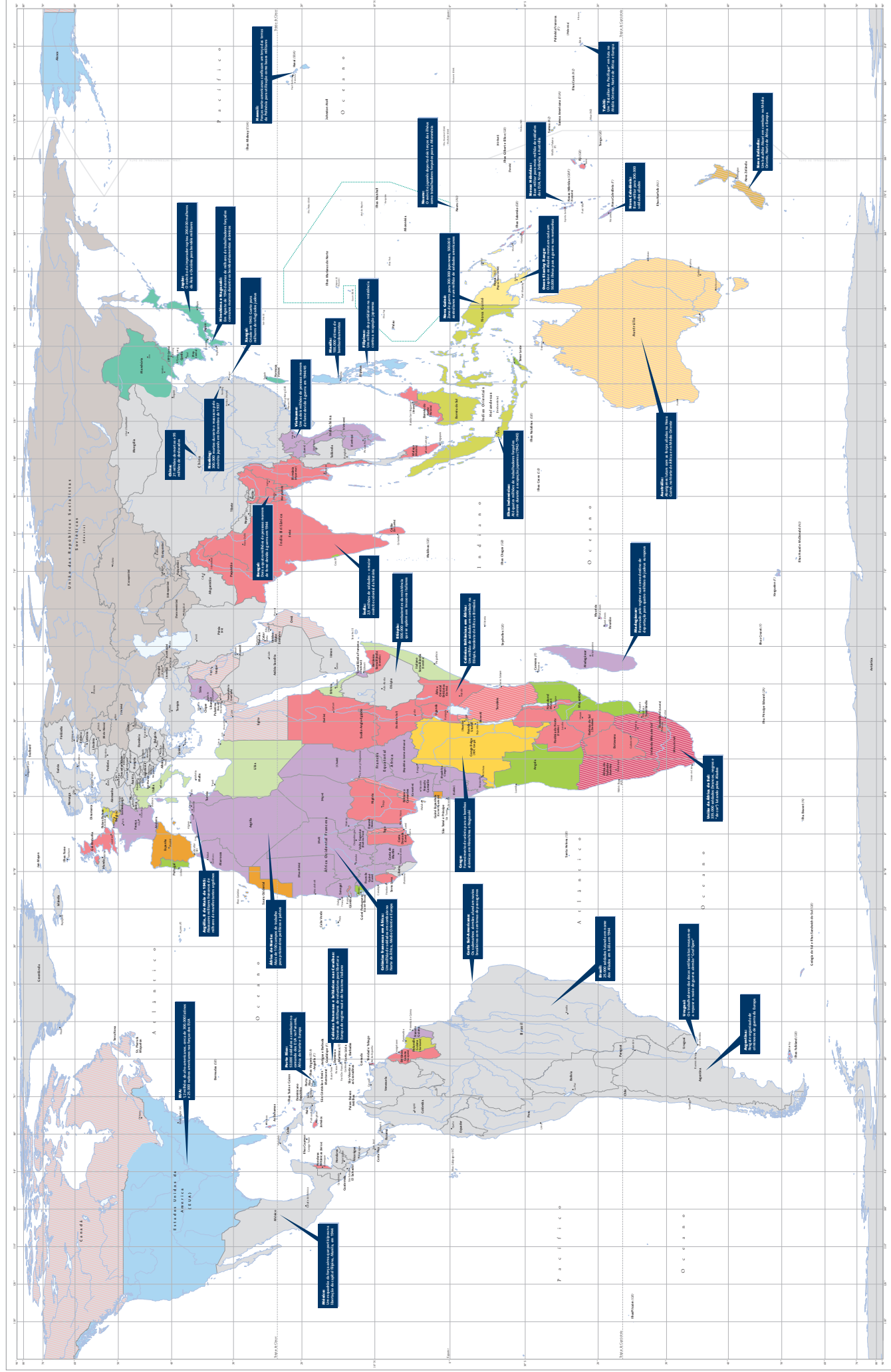
Assim, o termo “Terceiro Mundo” é utilizado no contexto desta exposição tal como foi definido pelo pensador anticolonialista Frantz Fanon no seu livro “O Destruído da Terra”. Ele escreveu que o “Terceiro Mundo” deveria começar “uma nova história” e “tentar resolver os problemas para os quais a Europa não foi capaz de encontrar as respostas”.



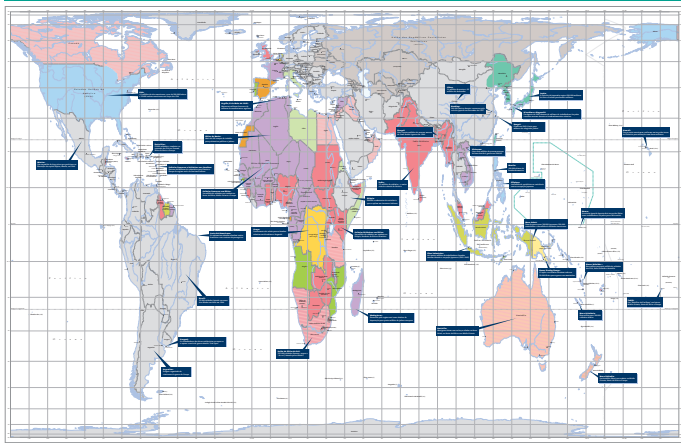
Embora o número de pessoas do Terceiro Mundo que perderam a vida na Segunda Guerra Mundial exceda o número de pessoas da Europa, estas não figuram normalmente nas estatísticas sobre as vítimas desta guerra. Os soldados e civis mortos das colónias ou não foram contados de todo ou acrescentados às perdas dos seus respectivos poderes coloniais.

Assim, os livros de história europeus ainda apresentam estatísticas sobre “o número de mortos da Segunda Guerra Mundial” que, além dos cerca de 20 milhões de vítimas na União Soviética e mais de cinco milhões na Alemanha, enumeram todas as perdas dos países europeus, incluindo “1.400 baixas na Dinamarca”, mas nenhum dos milhões e milhões de mortos em África, Ásia, América Latina e Oceânia. Os números citados nesta exposição baseiam-se em estimativas de historiadores dos países afectados, bem como de investigadores críticos das (antigas) potências coloniais. Embora só possam servir como aproximações, ilustram claramente a magnitude das vítimas de guerra de todo o mundo que até agora foram esquecidas.

Potências Coloniais e Colónias no Início da Segunda Guerra Mundial



Potências Coloniais e Colônias no Início da Segunda Guerra Mundial



O mapa baseia-se no chamado "Projeção Peters", que usa uma projeção de área igual para ilustrar a dimensão real das colônias e dos países das potências coloniais no início da Segunda Guerra Mundial.

Américas

EUA:
1,2 milhões de afro-americanos, cerca de 300.000 latinos e 25.000 nativos americanos nas forças dos EUA

México:
Um esquadrão da força aérea que participou na libertação da capital filipina, Manila, em 1944

Porto Rico:
53.000 soldados a combater sob o comando dos EUA no Panamá, Norte de África e Europa

Colônias francesas e britânicas nas Caraíbas:
Dezenas de Milhares de voluntários para libertar a Europa do regime nazi e do fascismo italiano

Brasil:
25.000 soldados lutando em nome dos Aliados em Itália em 1944

Argentina:
Resgate organizado de criminosos de guerra da Europa

Costa Sul-Americana:
Os submarinos alemães afundam navios brasileiros com centenas de passageiros

Uruguai:
Os trabalhadores das docas antifascistas recusam-se a reparar o navio de guerra alemão "Graf Spee"

África

Argélia, 8 de Maio de 1945:
Massacres militares franceses de milhares de manifestantes argelinos

África do Norte:
Mais de 100 campos de trabalho para prisioneiros políticos e judeus

Colônias francesas em África:
Um milhão de soldados em combate no Norte de África, Médio Oriente e Europa

Etiópia:
500.000 combatentes da resistência que se opõem aos invasores italianos

Colônias Britânicas em África:
Um milhão de soldados em combate na Etiópia, Nordeste de África e Birmânia

Congo:
Fornecimento de urânio para as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki

Madagáscar:
Reservado pelo regime nazi como destino de deportação para quatro milhões de judeus europeus

União da África do Sul:
335.000 soldados (brancos, negros e "de cor") lutando pelos Aliados

Ásia

Japão:

O exército do imperador raptou 200.000 mulheres da Ásia e Oceânia para bordéis militares

Hiroshima e Nagasaki:

Em Agosto de 1945 dezenas de milhares de trabalhadores forçados coreanos morrem durante os bombardeamentos atômicos

China:

21 milhões de mortos e 95 milhões de deslocados

Nanking:

300.000 mortos durante o massacre pelo exército japonês em Dezembro de 1937

Xangai:

Criado em 1943: Gueto para milhares de refugiados judeus

Vietname:

Um a dois milhões de pessoas morrem de fome devido à guerra em 1944/45

Índia:

2,5 milhões de soldados – o maior exército colonial da história

Bengal:

Dois a quatro milhões de pessoas morrem de fome devido à guerra em 1944

Filipinas:

Um milhão de partidários na resistência contra a ocupação japonesa

Manila:

100.000 vítimas de bombardeamentos

Ilhas indonésias:

Até quatro milhões de trabalhadores forçados morrem durante a ocupação japonesa (1942-1945)

Oceânia

Havai:

Forças norte-americanas confiscam um terço das terras da Polinésia para utilização como bases militares

Nauru:

O exército japonês deporta dois terços dos insulares como trabalhadores forçados para a Micronésia

Nova Guiné:

Zona de guerra para 300.000 japoneses, 500.000 australianos e um milhão de soldados americanos

Owen Stanley Range:

O Japão e os Aliados recrutam cada um 50.000 ilhéus para a guerra nas montanhas

Novas Hébridas:

Base militar para meio milhão de soldados dos EUA, Nova Zelândia e Austrália

Tahiti:

Um "Bataillon du Pacifique" em luta no Médio Oriente, Norte de África e Europa

Nova Caledónia:

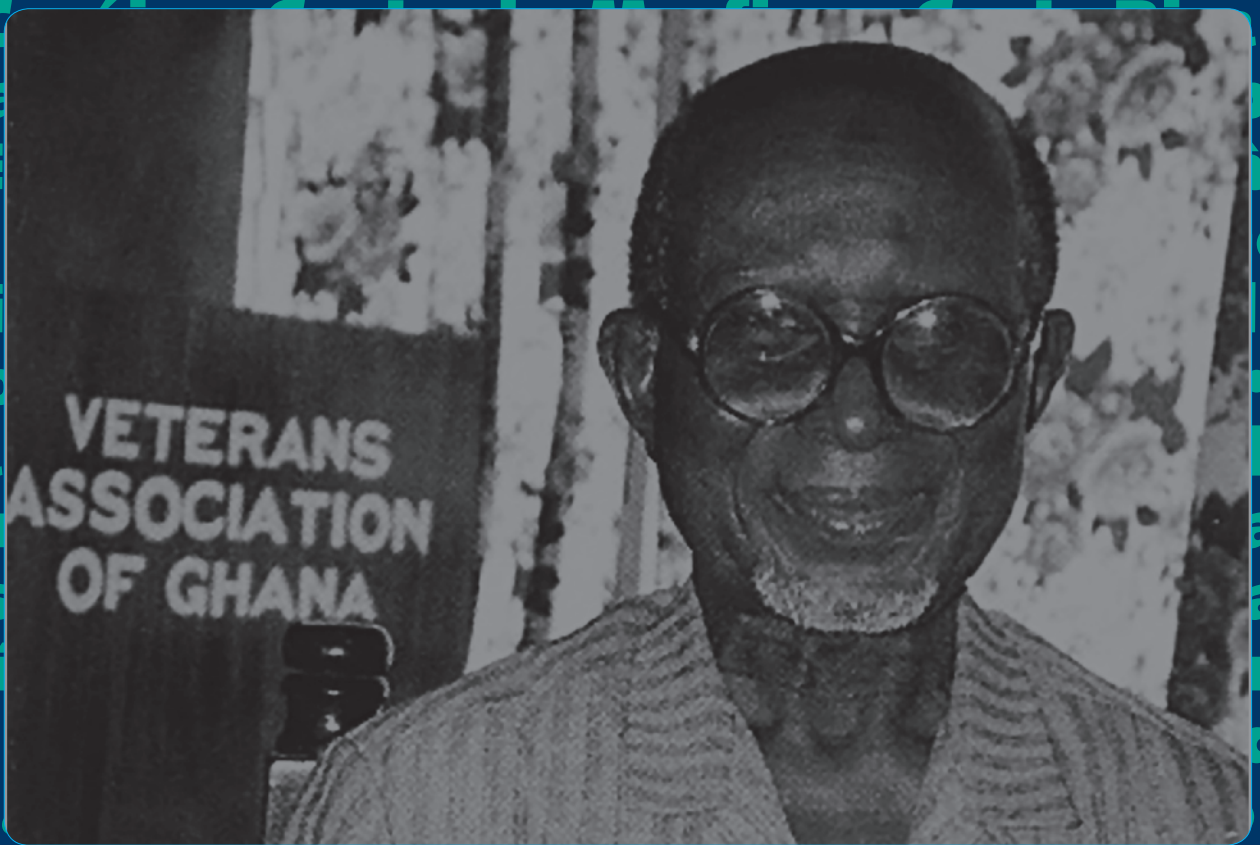
Base militar para 300.000 soldados aliados

Austrália:

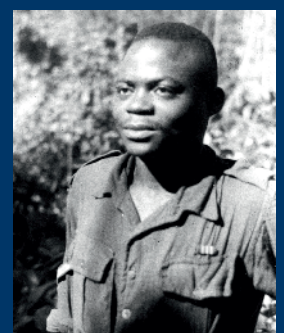
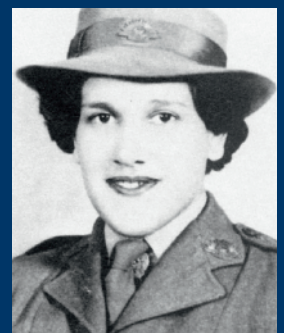
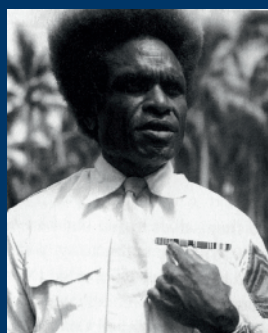
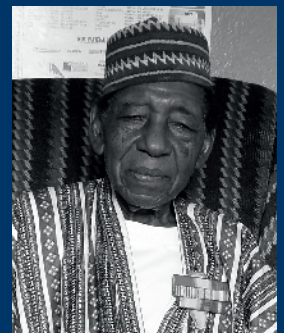
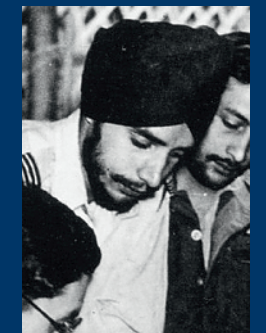
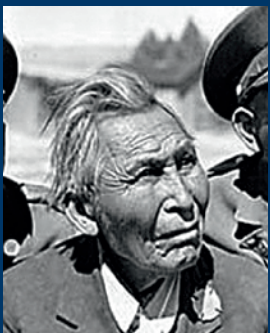
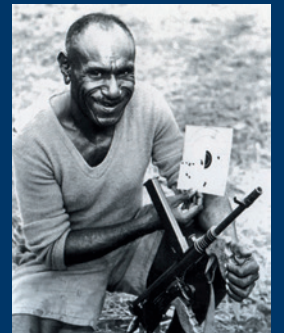
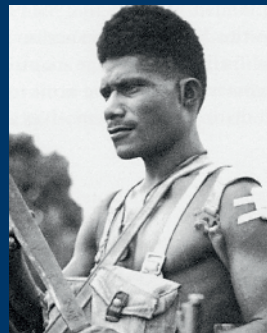
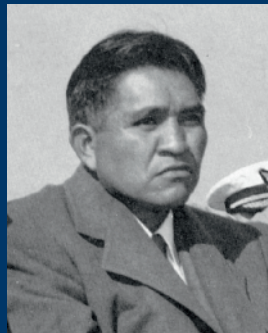
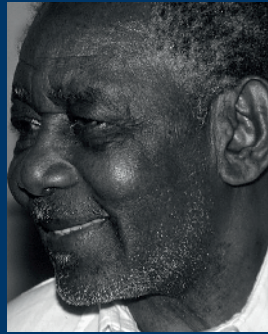
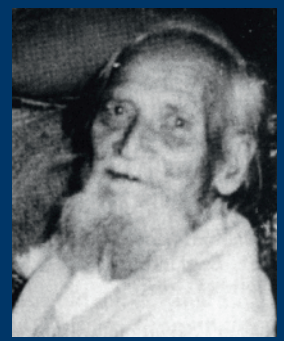
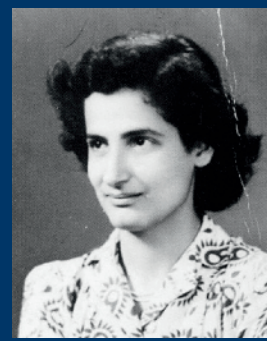
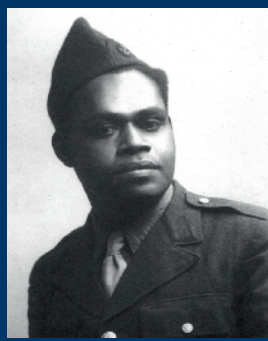
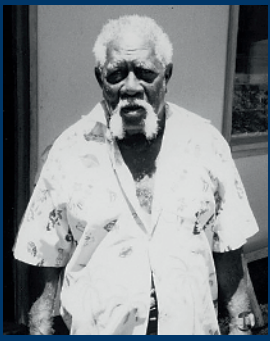
Aborígenes lutam com as forças aliadas na Nova Guiné, no Norte de África e no Médio Oriente

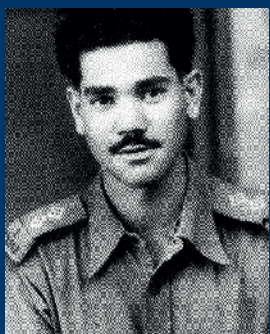
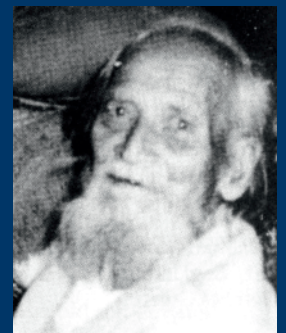
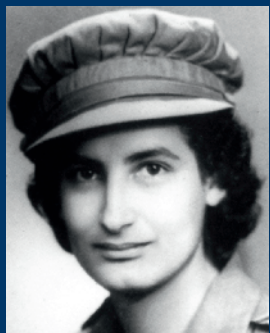
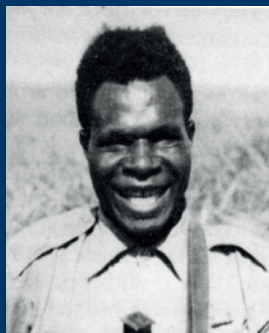
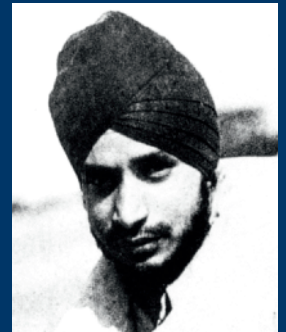
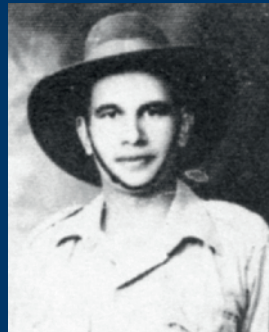
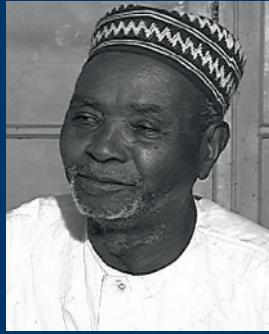
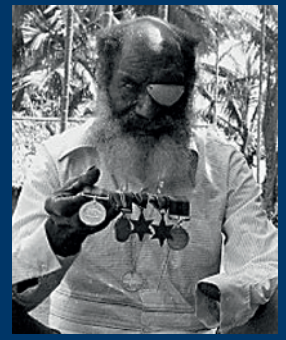
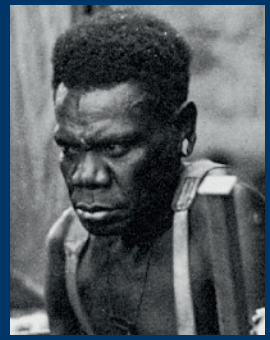
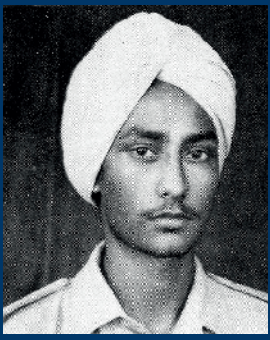
Nova Zelândia:

Um batalhão Maori em combate no Médio Oriente, Norte de África e Europa



OS LIBERTADORES ESQUECIDOS





Etiópia 1935: O Surto da II Guerra Mundial em África



A 3 de Outubro de 1935, tropas italianas invadiram a Etiópia. O ditador fascista italiano Benito Mussolini quis criar um novo “Império Romano” na África Oriental.

Metade dos 300.000 invasores eram soldados africanos das colónias italianas na Líbia, Somalilândia e Eritreia.

A Etiópia, o único país africano a ter resistido à colonização europeia até este momento, comandou um exército forte de 250.000 homens. Contudo, foi forçada a recuar sob o peso das tropas italianas com os seus modernos tanques, aviões, bombas de fragmentação e gás venenoso.

Quando os fascistas italianos chegaram à capital Adis Abeba, a 5 de Maio de 1936, já tinham massacrado 150.000 civis.

O imperador etíope Haile Selassie fugiu para

500 000 partidários que resistem aos invasores Italianos

A resistência etíope formou-se principalmente no campo. Durante quatro anos, 500.000 partidários que se autodenominavam “patriotas” lutaram em grande parte sem apoio contra os ocupantes italianos.

Só depois da Itália ter declarado guerra à Grã-Bretanha e França em Junho de 1940 é que as tropas de guerrilha etíopes receberam apoio das colónias britânicas na África Ocidental e Oriental, bem como da Índia e da África do Sul.

Até à capitulação dos italianos na Etiópia, em Abril de 1941, as tropas de 17 países e quatro

o exílio em Londres e Mussolini nomeou o marechal italiano Rodolfo Graziani “vice-rei” da Etiópia. Graziani estabeleceu um reinado de terror onde as violações e execuções estavam na ordem do dia. Os etíopes tinham de saudar retratos do “Il Duce” nas ruas e realizar trabalhos forçados



continentes estavam envolvidas neste teatro de guerra na África Oriental. É por isso que para muitos africanos o ataque italiano à Etiópia, em Outubro de 1935, marca o início da Segunda Guerra Mundial.



ÁFRICA



"Os etíopes foram incapazes de contrariar o ataque (italiano) que foi conduzido com armamento moderno, gás venenoso e brutalidade extrema"

Extraído de um manual de História para as escolas alemãs, 2006/7.



Te Mikael Kidanemariam (acima à esquerda), nascido em 1924, tinha apenas dez anos de idade quando se juntou aos seus irmãos adultos nas fileiras dos combatentes da liberdade etíopes. De 1936 a 1941, cerca de 500.000 “patriotas” lutaram numa tentativa frenética de resistir aos invasores italianos. Seis décadas mais tarde, alguns dos sobreviventes ainda se reuniam regularmente no Clube de Veteranos de Adis Abeba, entre eles Adamu Asseghan (em cima à direita), bem como Like T. Astatke Abate, Assefa Bayu (Presidente da “Associação de Patriotas Etíopes”) e Kengnzmach Mike Ytbarek (em baixo, da esquerda para a direita).



Te Mikael Kidanemariam – Etiópia



Estação de escuta 1: Te Mikael Kidanemariam – Etiópia

“O meu pai era um assistente próximo do imperador Heile Selassie. Ele lutou na batalha de Mai Ceu com o imperador. Quando regressou, foi ferido. Voltou com a sua própria espingarda e um monte de balas. Chamou os seus filhos de quem eu era um e disse: “O imperador pediu aos etíopes que não desistissem dos italianos, mas que resistissem aos agressores.

E ele disse-nos que voltaria mais tarde”.

“Os meus irmãos mais velhos queriam lutar; então eu decidi ir. Pedi ao meu pai que me desse a sua arma e ele deu-me e eu juntei-me aos meus parentes, que decidiram ir para os arbustos e para as montanhas para lutar contra os italianos.”

“A nossa estratégia foi: quando os italianos vêm em grande número escondemo-nos e deixamo-los passar para o interior, para as zonas camponesas, e depois rodeamo-los e acabamo-los lá. Depois desaparecemos. Pegamos no maior número de armas e balas possíveis e depois escondemo-nos”.

Os Planos Coloniais dos Nazis



Na sequência da I Guerra Mundial, o Reich alemão teve de entregar “as suas” colónias às potências vitoriosas na negação da paz de Versalhes em 1919. Desde então, os importadores e vendedores alemães de bens coloniais, bem como os industriais e banqueiros que tinham lucrado com a exploração das colónias alemãs, agitavam-se contra a chamada “vergonha de Versalhes”. Os políticos nacionalistas-conservadores apoiaram esta propaganda e, a partir de 1933, o regime nazi apanhou-a e continuou-a sem problemas. O partido nazi NSDAP criou um Gabinete para a Política Colonial (KPA) a fim de preparar a administração de um “império colonial germânico” em África. Este deveria estender-se desde a costa atlântica, a oeste do continente, até ao Oceano Índico, a leste. A sua conquista foi um dos objectivos militares declarados pelos nazis e era seguir a subjugação da Europa de Leste. A partir de



Planos coloniais alemães 1940.

Alemanha nazi com frutos secos, óleos, café, chá, cacau, tabaco e frutas, bem como algodão, sisal, madeiras tropicais, minérios, metais, ouro e diamantes. Houve mesmo alguns “livros de registo de trabalho” impressos para registar os “nativos” que se destinavam a realizar trabalhos forçados sob supervisão alemã. E os advogados nazis elaboraram uma “lei de protecção do sangue colonial” para impedir qualquer “mistura de raças” dentro das colónias.

1940, o regime nazi recrutou a polícia e pessoal dos SS para o serviço “nos trópicos” e treinou homens e mulheres seleccionados para gerir as plantações e minas. O império colonial africano deveria abastecer a



“Aqui também está o nosso Lebensraum (espaço para viver)! ”
“Há muitas coisas que a Alemanha tem de obter das colónias e precisamos tanto de colónias como de qualquer outra potência”. – O Chanceler Adolf Hitler a um representante do “Sunday Express” em 11.2.33.

Já em Julho de 1941, o KPA pode anunciar, “Quando o Führer, o modelador do futuro alemão, der a ordem de missão para os territórios coloniais, encontrará o Gabinete para a Política Colonial equipado para cumprir a sua ordem o melhor que puder”. Para a ilha da África Oriental de Madagáscar, o regime nazi tinha em mente um uso particularmente sinistro. Era suposto ser o destino de quatro milhões de judeus europeus. Os nazis estavam bem conscientes de que um número tão elevado de pessoas não conseguia sobreviver na ilha. A morte da maioria dos deportados já tinha sido considerada. Foi a superioridade da frota britânica em torno das rotas marítimas de África que impediu que Madagáscar se tornasse o local do holocausto.

ÁFRICA

O Exército Colonial Britânico na Segunda Guerra Mundial

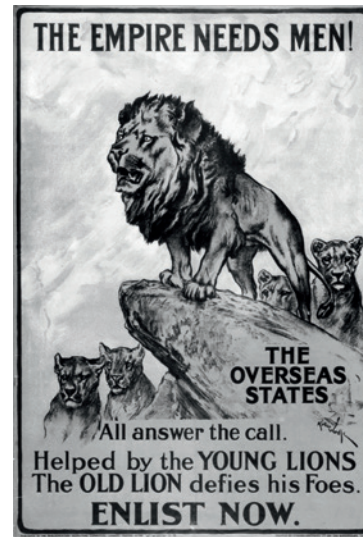


Em 1933, o Império Britânico, juntamente com os Estados Commonwealth, constituía um quarto da população mundial, bem como quase um quarto de todo o globo.

Quando o governo britânico declarou guerra a Alemanha, dois dias após a invasão alemã da Polónia a 3 de Setembro de 1939, as colónias britânicas foram arrastadas para esta guerra sem serem questionadas. Apenas os governos dos “domínios” britânicos (antigas colónias britânicas como a Austrália, Nova Zelândia, Canadá e a União da África do Sul) decidiram independentemente lutar contra as potências do Eixo do lado dos britânicos.

Um milhão de soldados coloniais de África

Um total de onze milhões de soldados serviram sob a bandeira britânica, seis milhões da Grã-Bretanha e cinco milhões das colónias. Em África, o exército britânico recrutou cerca de um milhão de homens – muitas vezes com o uso da força. Lutaram contra as tropas coloniais italianas na Somalilândia britânica e na Etiópia em 1940/41, contra as forças germano-italianas na região fronteiriça da Líbia e do Egipto de 1940 a 1943, contra o regime de Vichy em Madagáscar em 1942 e contra as tropas japonesas nas selvas da colónia britânica da Birmânia em 1944.



ÁFRICA



Os soldados africanos recebiam significativamente menos do que as forças britânicas, e as suas refeições eram muito piores. As tropas coloniais eram comandadas por oficiais brancos. Foram preparadas para o seu comando através de uma brochura emitida pelo Alto Comando Britânico que afirmava que os soldados africanos tinham, em muitos aspectos, “a mente de uma criança”. Os soldados coloniais reagiram a estas formas de discriminação racial encenando protestos e motins. Os líderes das rebeliões foram levados a tribunal marcial pelos britânicos e receberam castigos corporais e também sentenças de morte. Apesar disso, mais de 25.000 homens desertaram em 1944/45 só na África Oriental.

Combatentes africanos das colónias francesas



ÁFRICA



Aproximadamente um milhão de soldados africanos serviram sob comando francês na Segunda Guerra Mundial – em lados em mudança. Após a declaração de guerra contra Alemanha nazi em Setembro de 1939, a República Francesa recrutou 500.000 soldados africanos das suas colónias em África. Em Maio de 1940, muitos deles lutaram na linha da frente no Norte de França, tentando repelir a invasão da Wehrmacht alemã.

Após a derrota francesa e a trégua entre o governo de colaboração de Vichy e o regime nazi, soldados coloniais do Oeste e do Norte de África tiveram de lutar do lado das potências fascistas, por exemplo em Dakar e no Levante (Síria e Líbano) contra soldados da África Central e Oriental sob o comando aliado.



Até o General Charles de Gaulle, que apelou à resistência contra o regime de Vichy e a Alemanha nazi de Londres em Junho de 1940, mobilizou as suas Forças Francesas Livres nas colónias.

A sua base inicial era Fort Lamy na África Equatorial (actual Chade).

Quando o governo de Vichy perdeu o controlo sobre as colónias após o desembarque dos Aliados no Norte de África em 1943, de Gaulle recrutou centenas de milhares de soldados adicionais no Norte e Oeste de África para as tropas de desembarque dos Aliados em Itália e França. Os soldados africanos deram uma contribuição vital para a libertação da Europa do domínio nazi.

Todos os combatentes africanos sob mandato francês partilharam uma experiência comum: a sua discriminação em relação aos soldados brancos por serem negros. Só quando se tratou de encontrar soldados para “atacar em fogo aberto e suportar corajosamente o próprio peito”, é que os africanos receberam tratamento preferencial por parte dos franceses.

No entanto, quando a libertação de Paris estava iminente no Verão de 1944, o General de Gaulle ordenou a “bem-aventurança” das suas tropas, substituindo a maioria dos soldados negros que tinham lutado pelos franceses livres por soldados brancos. Eram os jovens franceses que deviam desfilar pelos Campos Elísios como libertadores.

Entretanto, os soldados africanos foram obrigados a esperar pelo seu transporte de volta às suas pátrias em campos de trânsito sórdidos – alguns até 1947.



De Gaulle: "Plataforma de Lançamento África"

"Nas vastas extensões de África, a França conseguiu, de facto, recriar um novo exército para defender a sua soberania (...) e assim inverter o equilíbrio de poder na linha da frente. A África, ao alcance das penínsulas de Itália, dos Balcãs e de Espanha, serviu como uma excelente plataforma de lançamento para a reconquista da Europa".

O General Charles de Gaulle, Comandante-em-Chefe das tropas de resistência francesas livres, nas suas memórias.

De Gaulle inspeccionou as tropas no Sudão em 1941.



Yoro Ba foi forçado a prestar serviço por oficiais coloniais do regime de Vichy no Senegal em 1940 para repelir um ataque dos Aliados ao porto de Dakar. Quando os Aliados ganharam controlo sobre as colónias francesas na África Ocidental em 1943, Yoro Ba foi forçado a lutar por elas. Ele participou no desembarque na Provença e na libertação da França da ocupação alemã.

Após o fim da guerra na Europa em 1945, ele foi colocado na Alemanha. Só em 1947 é que pôde regressar ao Senegal.

Seis décadas mais tarde, o governo francês pagava a Yoro Ba uma pensão de 13 euros por mês pelo seu serviço militar.



ESTAÇÃO DE ESCUTA

Yoro Ba – Senegal



Estação de escuta 2: Yoro Ba – Senegal

"Nasci em 1919 em Kew Djiby, na região de Sine Saloum, no Senegal. O meu nome é Yoro Ba. Em 1940, os franceses percorreram as aldeias à procura de soldados. Aproximaram-se directamente da aldeia ou dos chefes regionais e solicitaram listas de todos os jovens. Ninguém nos perguntou. Tivemos de ir para a guerra. Se tivéssemos ficado em casa, eles teriam sido levados a tribunal marcial e possivelmente disparado contra nós. Eu ainda recordar o trovão dos canhões em Setembro de 1940. A ameaça na altura era o bombardeamento da cidade de Dakar, mas ninguém nos tinha explicado do que se tratava realmente a luta. Acabámos de acordar um dia e os franceses de Vichy ordenaram-nos que fôssemos para a frente. E foi tudo. Antes de sairmos de Dakar em 1943, os franceses deram uma injeção a cada um de nós. Depois disso, não tiveram de nos alimentar durante 24 horas. Porque não sentíamos qualquer fome. Não sentimos absolutamente nada. Havia nove divisões alemãs em Toulon e lutámos das sete da manhã às seis da tarde para obrigá-las a recuar. Arrastámos bastantes deles para fora das suas trincheiras e capturámo-los. Muitos dos nossos camaradas perderam as suas vidas no processo. Após uma batalha, houve tantos mortos que escavadores e bulldozers chegaram para cavar uma vala comum para todos os Tirailleurs Sénégalais caídos (escaramuças senegalesas). Os soldados brancos e africanos já tinham sido estritamente separados durante o treino. No exército, havia cozinheiros franceses para os soldados franceses e cozinheiros negros para os Tirailleurs. Os 'Toubabs', os brancos, recebiam comida francesa, todos os outros tinham de se contentar com mandioca e papa de milho com molho de amendoim. Mesmo no campo de batalha, nós, os africanos, estávamos em desvantagem. Não me lembro exactamente qual era o salário dos soldados europeus, mas o nosso era definitivamente inferior. E por vezes nem sequer nos pagavam o que tinham prometido".

Crimes contra os prisioneiros de guerra africanos cometidos pela Wehrmacht



Quando a França foi derrotada em Junho de 1940, cerca de 100.000 soldados coloniais acabaram em cativeiro alemão, incluindo 20.000 das colónias subsaarianas. A Wehrmacht assassinou pelo menos 3.000 deles, depois de as suas unidades já terem capitulado. A razão para tal: a cor da sua pele. Os massacres não foram ordenados por comando central. Eram o resultado da campanha de ódio do regime nazi contra as bestas negras “murder beasts” que lutavam pela França “negra” que tinha de ser mostrada “sem piedade”. Uma ordem de Oberst Walter Nehring, CChefe de Gabinete do Panzergruppe Guderian, leu: “Qualquer clemência para com os prisioneiros nativos é desnecessária”.

O massacre de Chasselay

A 20 de Junho de 1940, uma unidade de soldados africanos foi capturada pelos alemães em Chasselay, uma aldeia perto de Lyon. O seu oficial francês Gaspard Scandariato prestou mais tarde o seguinte testemunho: “Tivemos de alinhar como uma coluna, os ‘tirailleurs’ africanos, armas levantadas, na frente, e nós, os oficiais brancos, dez metros atrás deles.



Cemitério africano em Chasselay.

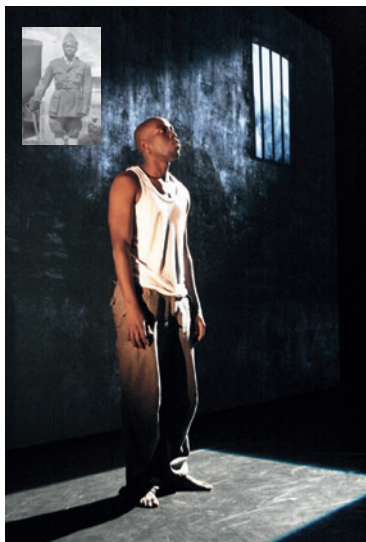
Depois de nos terem conduzido a cerca de 500 metros para fora da aldeia, encontrámos solteiros alemães com tanques. Os seus dedos nos gatilhos das suas metralhadoras, ordenaram-nos que nos deitássemos no chão. De repente, ouvimos o ruído das suas armas e gritos. De uma distância inferior a dez metros, os alemães esvaziaram os carregadores das suas pesadas metralhadoras sobre as ‘tirailleurs’ e cortaram a maior parte delas com as suas rajadas iniciais.

Os poucos que tinham sobrevivido protegidos por outros, tentaram fugir em todas as direcções. Ainda posso ver agora, como os Panzergrenadiers alemães tomaram calmamente a mira e apanharam os nossos miseráveis ‘tirailleurs’ como coelhos”.

Soldados africanos em cativeiro alemão.



ÀFRICA



Mamadou Hady Bah veio da Guiné para França em 1938, como cozinheiro de um funcionário colonial. Como soldado do 12º regimento dos “Tirailleurs Sénégalais” (“escaramuças senegalesas”), foi capturado pelos alemães em Junho de 1940, mas conseguiu escapar e continuar a combater os ocupantes alemães do lado da Resistência.

Quando caiu nas mãos dos alemães pela segunda vez em Julho de 1943, mesmo a tortura mais cruel cometida pela Gestapo não o conseguiu fazer falar. Ele foi executado a 18 de Dezembro. O grupo de teatro francês “Mémoires Vives” comemora soldados coloniais e partidários como Hady Bah com a sua produção de dança hip hop “A nos morts” (“The Forgotten Liberators”): “O vosso silêncio salvou vidas. O vosso sofrimento evitou mais sofrimento. Fostes mais fortes que os vossos inimigos e envergonhaste-os com a vossa coragem”.

Mamadou Hady Bah – Guiné



Estação de escuta 3: Mamadou Hady Bah – Guiné

Canção – letra ver acima

A Revolta de Thiaroye e a Reacção Francesa



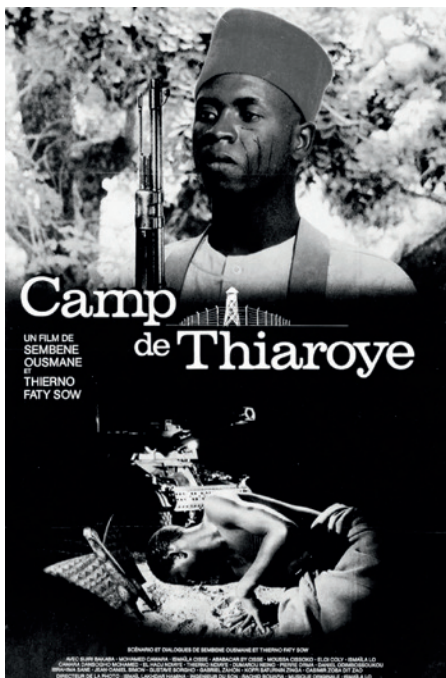
ÁFRICA

Em Novembro de 1944, 1.300 “Tirailleurs Sénégalais” (“escaramuças senegalesas”) regressaram à África Ocidental após o seu serviço militar na Europa. Muitos deles tinham sofrido anos de prisão e trabalhos forçados nos campos alemães.

Em Thiaroye, havia um campo de transferência temporária nos arredores do porto senegalês de Dakar estavam à espera de receber o seu salário em dívida, bem como os prémios de desmobilização de 500 francos que lhes haviam sido prometidos. Também exigiram a mesma compensação de 5.000 francos por pessoa que os prisioneiros de guerra franceses estavam a receber. Os oficiais coloniais no terreno recusaram-se a pagar e, além disso, só estavam dispostos a pagar metade da taxa oficial pela troca dos francos franceses pela moeda colonial CFA. Isto provocou uma revolta. Os africanos tomaram um oficial francês como refém e só o libertaram depois de ele ter prometido que todas as suas exigências seriam satisfeitas. Em vez disso, o que aconteceu foi que tanques franceses cercaram o campo na madrugada de 1 de Dezembro e às 5 da manhã abriram fogo. Quando os sonolentos “tirailleurs” saíram a correr do seu quartel, os comandantes franceses mandaram abatê-los sem piedade.



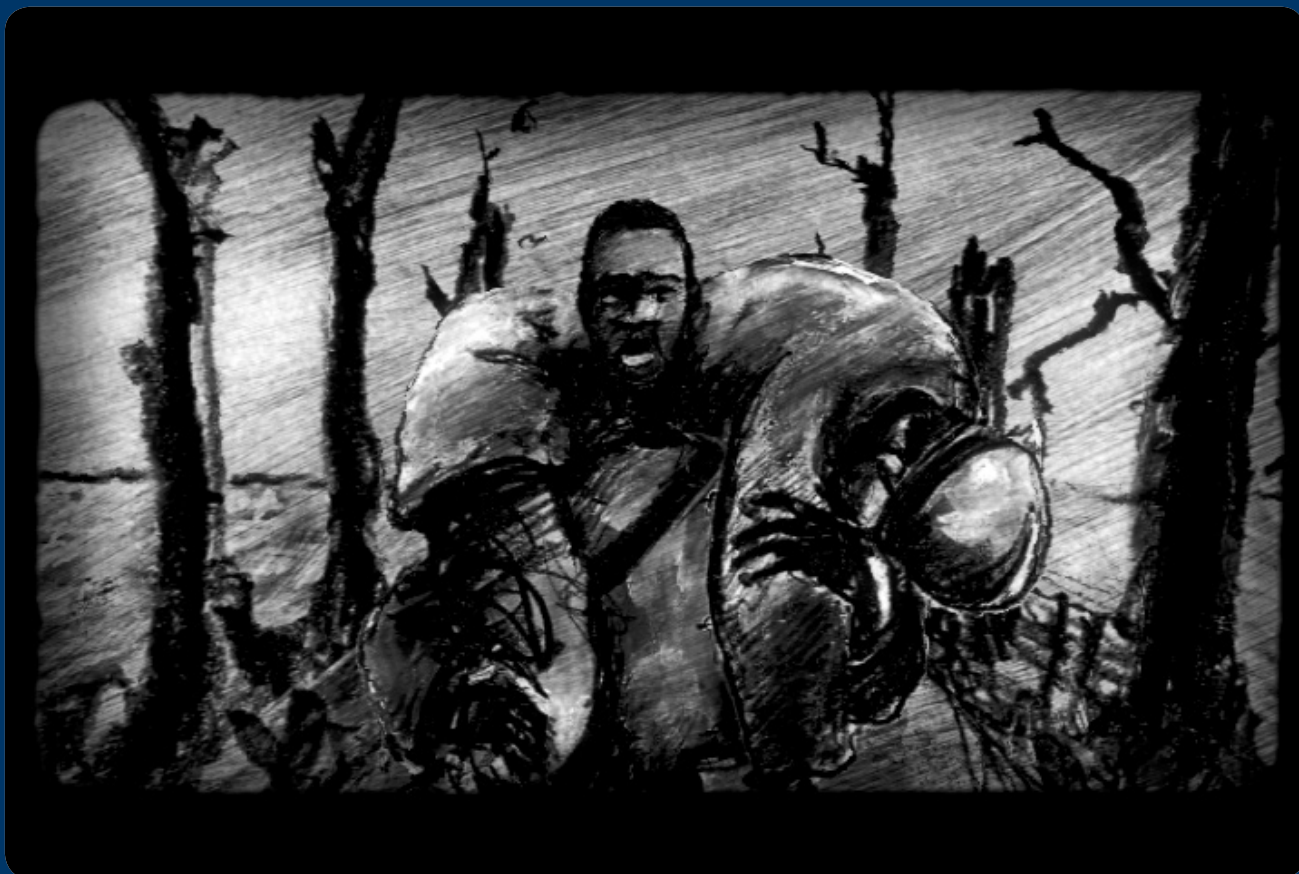
As vítimas do massacre francês de 1944 são enterradas no cemitério de Thiaroye, na periferia de Dakar.



Dependendo das fontes, o número de vítimas varia de 35 a 300.

Em Março de 1945, os tribunais marciais franceses condenaram 34 dos chamados “líderes da revolta”. Receberam penas de prisão até dez anos. Cinco dos homens morreram na prisão, os restantes 29 foram libertados em Junho de 1947 como parte de uma amnistia, devido a uma pressão política crescente.

A notícia do massacre de Thiaroye espalhou-se rapidamente por toda a África Ocidental. Tornou-se um símbolo do domínio arbitrário do poder colonial francês e deu um impulso aos movimentos independentistas na região. Uma longa-metragem do realizador, escritor e combatente activo senegalês Ousmane Sembène comemora o acontecimento.

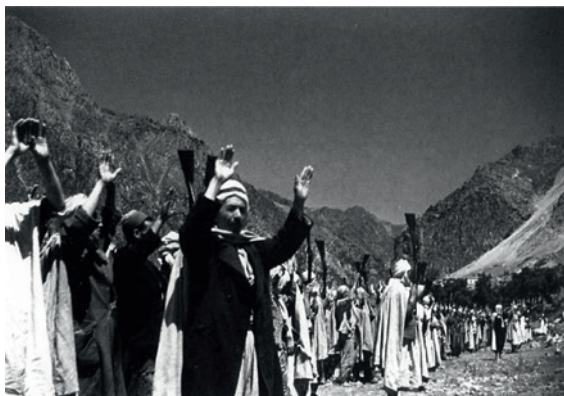
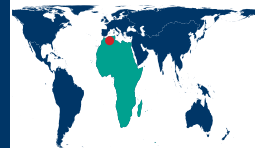


L'AMI Y'A BON

**Curta-metragem
do Rachid Bouchareb**

Argélia/França 2004 • 8'44 min

Um Dia de Libertação na Europa Um Dia de Luto na Argélia



No dia **8 de Maio de 1945**, as procissões para celebrar o fim da guerra na Europa foram também vistas na Argélia. Afinal, dezenas de milhares de argelinos tinham lutado nesta guerra, e muitos esperavam que agora fosse também o momento de as colónias alcançarem liberdade e autonomia, como prometido pelos Aliados na sua “Carta Atlântica”. É por isso que, durante as celebrações da vitória na pequena cidade de Sétif, houve também uma bandeira argelina entre as francesas, britânicas e americanas. Quando a procissão chegou ao Café de France, Lamri Bouras testemunhou como um comissário francês “puxou pela sua pistola Colt e disparou contra a multidão”. Vários outros tiros foram disparados a partir das varandas”. Neste dia, já se registaram centenas de mortos. Como resultado, protestos contra o massacre surgiram em toda a região. A administração colonial francesa reagiu, destacando a força aérea e os fuzileiros navais. “Os soldados dispararam contra tudo”, recorda Haada Mani, “as pessoas caíram como uvas secas de uma videira”.

De acordo com a administração colonial francesa, 1.500 morreram nos massacres, no entanto, fontes argelinas colocaram o número de 45.000 vítimas.

Quando os soldados argelinos que tinham lutado pela libertação da Europa regressaram da guerra, no final de Maio de 1945, muitos não conseguiram encontrar as suas famílias.

Um deles era **Lounès Hanouze**: “Quando cheguei a Kerrata, havia uma longa fila de pessoas. Tentaram dizer-me uma coisa, mas estavam a chorar. Eu perguntei-lhes: “Onde está a minha família? Onde está o meu pai? Finalmente disseram-me que tinham sido transportados para o desfiladeiro de Kerrata no lombo de um camião. Ali, na ponte – agora chama-se **Ponte Hanouze** –, foi dada ao meu pai e aos meus irmãos uma escolha: deviam começar por ele ou por eles? Penso que o meu pai foi baleado primeiro. Voltamos da guerra para encontrar as nossas famílias executadas. É impossível esquecer algo como isto”.

Hoje, o dia 8 Maio é ainda um feriado nacional em França. Na Argélia, é um dia de luto.

A rua de Sétif onde foram disparados os primeiros tiros tem agora o nome de 8 de Maio, e no muro em frente ao antigo Café de France, uma placa comemora “o primeiro mártir, Saal Bouzid”, que foi morto aqui. E ao lado de um forno de cal em ruínas na região, uma inscrição em árabe lê-se: “Este forno foi utilizado pelos franceses para queimar os corpos dos mártires do mês de Maio. É uma prova dos horrores e conta às gerações futuras a história da liberdade: «Ela é a minha noiva, mas o seu dote é sangue”.

Citações do filme “Les Massacres de Sétif, un certain 8. Mai 1945” de Mehdi Lallaoui e Bernhard Langlois, França 1995.


ÁFRICA

Matéria-prima para a Indústria de Armas



ÁFRICA

A proporção de matérias-primas da África, extraídas para a indústria de armamento (1938):

-  **Diamantes industriais** (para brocas para cortar aço, por exemplo, para tanques): **99 por cento**
-  **Cobalto** (para bombas atômicas como as utilizadas em Hiroshima e Nagasaki): **94 por cento**
-  **Urânio** (para bombas atômicas como as utilizadas em Hiroshima e Nagasaki): **80 por cento**
-  **Fosfato** (para bombas, explosivos e munições de amoníaco): **44 por cento**
-  **Ouro e prata** (para financiar despesas com armas): **40 por cento**
-  **Vanádio, cromo e manganês** (para artigos de armas altamente resistentes): **30 por cento**
-  **Cobre** (para invólucros de concha, fios, cabos telefônicos): **18 por cento**

África ■ Resto do Mundo ■



Mina de cobre na África Austral.



Mina de Urânio no Congo.

Joseph Ki-Zerbo, Historiador, Burkina Faso:

“Desde o comércio de escravos e a escultura do continente às mãos das potências coloniais na Conferência de Berlim em 1884, nenhum acontecimento afectou a África de forma mais devastadora e duradoura do que a Segunda Guerra Mundial”.

Trabalhadores migrantes sul-africanos que regressam das minas de ouro e carvão.



Processamento de sisal para cordas náuticas na África Oriental.

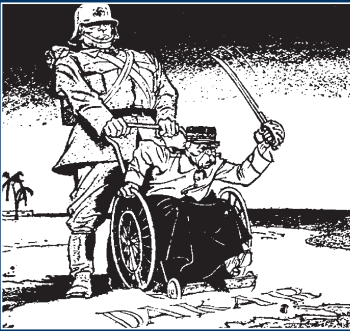


Doações para os Aliados

Os Africanos também apoiaram a guerra dos Aliados com donativos, por exemplo através de contribuições para a construção do avião de combate britânico “Spitfire”. A partir de 1940, os Aliados recolheram dinheiro para isso em todas as colónias. Accra, a capital da Costa do Ouro (actual Gana), era o lar de um “Termómetro do Fundo Spitfire” que em 1940 era de 36.000 libras (ver foto). Para doar 5.000 das 12.000 libras que custava construir um avião, grandes doadores, geralmente cidades ou estados inteiros, podiam ter o seu nome num deles. As colónias financiaram um total de 1.000 “Spitfires” que, portanto, incluíam um “Mombasa”, um “Kamba Meru” e um “Kalahari”, bem como dois “Sierra Leones” e três “Zanzibars”. Os africanos também doaram milho, arroz, gado, cabras, lençóis, pratos, copos, talheres e muitos mais itens para a manutenção das tropas das suas potências coloniais. Estas doações totalizaram cerca de seis milhões de libras.



Fundo Spitfires, “Spitfire-Termómetro”.



Caricatura da Segunda Guerra Mundial, mostrando o chefe do governo de colaboração francês, Marshall Philippe Pétain, como capanga dos nazis na África Ocidental.

Provisões para os nazis

Na África Ocidental, os funcionários coloniais do governo de colaboração francês estavam a extrair dinheiro a pedido do regime nazi de 1940 para financiar provisões para prisioneiros de guerra africanos em campos alemães. Os agricultores da região da Costa do Marfim foram obrigados a entregar nozes de cola, milho, mel, farinha e dinheiro a um “Comité para a Subsistência dos Prisioneiros de Guerra”. No espaço de um ano, a Argélia forneceu 4.429 toneladas de cereais, 220.000 ovelhas e 105,6 milhões de galões de vinho, enquanto a população argelina sofria de subnutrição, tuberculose e febre tifoide. A partir de Fevereiro de 1941, houve o encargo adicional de abastecer as divisões panzer alemãs no Norte de África, para as quais foram apreendidas mais provisões, carros e camiões no Magrebe. A administração colonial do regime de Vichy também forneceu às potências do eixo fascista matérias-primas para as suas indústrias de armamento, incluindo 990.000 toneladas de fosfato e 385.000 toneladas de ferro.

Trabalho Forçado para a Guerra dos Governantes Coloniais



ÁFRICA

Colônias francesas

Nas colônias francesas, o trabalho forçado estava na ordem do dia desde o “Code de l’indigénat” (“Lei dos Nativos”) de 1881, mas na Segunda Guerra Mundial, atingiu uma escala maciça e até então desconhecida. Dezenas de milhares de africanos foram envolvidos em obras públicas de construção, tais como a construção de um troço de estrada que ligava o Congo Centro-Africano ao Atlântico e que era importante para a exportação de recursos durante a guerra. Os trabalhadores forçados tiveram de construir barragens, cavar canais e trabalhar em plantações de sisal e algodão. A administração colonial francesa queria transformar o delta do Níger “num gigantesco campo de algodão”.

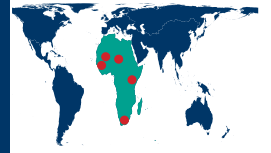
Apenas em 1946, a lei do trabalho forçado foi oficialmente abolida na Assembleia Nacional francesa – por iniciativa dos deputados africanos.

Colônias Britânicas

Em meados de 1942, o governo da colônia britânica de Rodésia do Sul aprovou uma lei que legalizava o trabalho forçado em “situações invulgares... que não provocavam quaisquer atrasos”. As decisões sobre operações de maior envergadura foram tomadas pelo gabinete de guerra em Londres. Os africanos que se recusaram a cumprir foram confrontados com multas, punições corporativas ou mesmo prisão. Só no Quênia, 20.000 homens tiveram de realizar trabalhos forçados nas indústrias de processamento de sisal, açúcar, borracha e linho. Em 1943, a administração colonial britânica no Norte da Nigéria requisitou 100.000 africanos para trabalhos forçados nas minas de estanho e um em cada dez não sobreviveu. Na Rodésia do Sul, mais de 33.000 operários foram forçados a construir pistas de aterragem. Na Rodésia do Norte, os agricultores e empresários brancos puderam “contratar” trabalhadores forçados da administração colonial por um xelim por dia.



Esmola e não pensões para Veteranos de Guerra Africanos



ÁFRICA

O **Exército Britânico** apenas concedeu aos seus soldados coloniais pagamentos de indemnizações singulares por serviços militares e ferimentos de guerra após a desmobilização. Os africanos receberam apenas uma fracção dos montantes pagos aos combatentes europeus e não beneficiaram de qualquer pensão. Apenas excepcionalmente os veteranos destituídos foram autorizados a solicitar uma indemnização singular até 470 euros da Royal Commonwealth Ex-Servicemen League ou Liga dos Antigos Combatentes da Commonwealth Real, uma instituição de caridade britânica.

O **governo francês** concedeu pensões aos seus soldados coloniais após a guerra, sobretudo porque muitos continuaram a servir no exército francês após 1945 (por exemplo, na Indochina e na Argélia). Mas desde o início, as pensões para os africanos eram apenas metade do que os europeus recebiam. E muitos veteranos da Segunda Guerra Mundial saíram de mãos vazias por não conseguirem produzir a documentação exigida pelas autoridades coloniais (por exemplo, um mínimo de 90 dias de serviço na linha da frente). O regime de Vichy tinha destruído grandes números de documentos durante o seu colapso, enquanto os nazis tinham confiscado

os livros de pagamentos dos seus prisioneiros africanos.

Além disso, em 1959, o governo de Gaulle aprovou uma lei que impedia os soldados africanos de reclamarem qualquer outra pensão de reforma de França após os seus países se tornarem independentes – numa tentativa de colocar os veteranos contra os movimentos de libertação. No entanto, quando a maioria dos países africanos votaram a favor da independência, os direitos de pensão existentes dos veteranos africanos foram “congelados” ao seu nível actual (“cristalização”).

Apesar dos protestos maciços e de um acórdão do Tribunal Europeu contra a discriminação dos soldados coloniais pelo governo francês, sessenta anos após a guerra, os veteranos senegaleses ainda recebiam apenas um terço e os argelinos apenas um oitavo das pensões dos seus homólogos franceses.

Issa Ongoïba, Membro da Associação dos Veteranos em Bamako (Mali):

“Aos olhos dos franceses continuamos a ser os pequenos soldados negros que eles acham que podem enganar com uma mísera gorjeta. Mas durante a guerra, as balas inimigas não diferenciavam entre alvos brancos ou negros. Todos eles morreram na mesma morte”.



Jones Kilundo (Quênia)
Serviço Militar na Etiópia,
Madagáscar e Birmânia;
sem pensão.



Joseph Djemakangar (Chade)
Serviço Militar na Líbia e em França;
pensão: 40 euros por mês.



Frank Kayzer (África do Sul)
Serviço Militar no deserto
líbio-egípcio;
pensão: 1,60 euros por mês.



Aja Awa Sonko (Gâmbia)
O seu marido morreu a lutar pelos
Aliados;
nenhuma pensão de viúva.



O veterano Peter Hartzberg, Cape Corps, África do Sul:
"Os brancos nunca foram destacados com negros ou pessoas de cor (mistos). Chamávamos aos negros 'escuros'. Eles sofreram realmente muito".

Apartheid para o Túmulo

335.000 soldados sul-africanos serviram na Segunda Guerra Mundial, incluindo combatentes negros e brancos, bem como os chamados “pessoas de cor”. Em 1941, 60.000 deles combateram o “Afrikakorps” da Wehrmacht no deserto do Norte de África. No dia 21 de Novembro, a quinta brigada dos “Cape Corps” travou uma batalha dispendiosa contra divisões panzer e aviões de combate alemães, durante a qual 3.000 sul-africanos foram capturados pelos alemães e 224 mortos. Os sobreviventes enterraram os seus mortos lado a lado numa vala comum. Mas o Alto Comando Sul-Africano mandou exumar os corpos pouco depois para enterrá-los novamente – desta vez separados de acordo com a cor. O apartheid não se tornou uma doutrina oficial do Estado na África do Sul até 1948, mas os militares já praticavam uma rigorosa “segregação racial” durante a guerra.



Samuel Masila Mwanthi, nascido em 1919, foi motorista e operador de rádio das forças britânicas. Lutou contra a ocupação italiana na Etiópia em 1940/41 e contra as tropas japonesas na selva birmanesa em 1943/44. De regresso a casa, na África Oriental, recebeu algumas roupas novas quando foi desactivado. Nunca beneficiou de uma pensão de guerra.



ESTAÇÃO DE ESCUTA

Samuel Masila Mwanthi – Quênia

As colónias portuguesas durante a Segunda Guerra Mundial



ÁFRICA

Após um golpe militar em 1926, Portugal tornou-se uma ditadura, liderada por António de Oliveira Salazar a partir de 1932. Salazar criou a polícia secreta do seu 'estado novo' autoritário baseado no modelo da Gestapo alemã e saudou o ataque da Alemanha à União Soviética. No entanto, Salazar queria evitar entrar na guerra ao lado das potências fascistas do Eixo por medo de perder as colónias portuguesas em África para a Grã-Bretanha. Declarou Portugal 'neutro' no início da guerra e prosseguiu com os negócios com ambos os lados.

Forneceu à Alemanha nazi recursos estrategicamente importantes das colónias, tais como estanho e tungsténio em troca de armas alemãs, e também tolerou silenciosamente a utilização de portos portugueses por navios de guerra alemães e submarinos, por exemplo em Cabo Verde. Em 1943, Portugal foi forçado a alugar um aeroporto nos Açores aos Aliados como escala no caminho para a América do Norte e do Sul e a combater os submarinos alemães no Atlântico.

Placa comemorativa em Espargos, capital da ilha cabo-verdiana Sal.



A marinha britânica que controlava a rota tentou impedir a exportação de bens coloniais para as potências fascistas do Eixo. Os colonos portugueses apropriaram-se, portanto, de quaisquer plantações nas colónias que até então eram geridas por alemães e forneciam mercadorias principalmente para o mercado interno português – arroz, chá e algodão de Moçambique, milho e café de Angola e grãos de cacau de São Tomé e Príncipe.

Centenas de milhares de povos indígenas tiveram de realizar um trabalho pesado para isso. Francisco Vieira Machado, Ministro das Colónias de Salazar, comentou sobre o facto em 1943, 'Se queremos civilizar os nativos, devemos imprimir-lhes como imperativo moral básico o conceito de que, sem trabalho, eles não têm direito à vida'.

Espancamentos, torturas, abusos sexuais e prisões arbitrárias eram práticas comuns e disseminadas nas plantações. Segundo estimativas de Henrique Galvão, um alto funcionário da administração colonial portuguesa, cerca de dois milhões de pessoas fugiram de Moçambique e Angola para os países vizinhos porque "só os mortos estão realmente isentos de mão-de-obra contratada".

Tudo isto contribuiu para o surgimento de movimentos anti-coloniais durante a Segunda Guerra Mundial. Os movimentos inspiraram-se na antiga colónia portuguesa do Brasil, que já em 1822 tinha conseguido a independência. As autoridades portuguesas responderam com uma onda de detenções em Angola e Moçambique em 1940/41.

Mesmo depois da guerra, Salazar agarrou-se ao império colonial de Portugal. Só depois das dispendiosas guerras de libertação e da Revolução dos Cravos de 1974 é que as colónias portuguesas no continente africano conseguiram conquistar a independência em 1975.

Aeroporto de Mussolini em Cabo Verde

Desde a conquista da independência em 1975, o Aeroporto Internacional de Cabo Verde na Ilha do Sal foi nomeado 'Amílcar Cabral', em homenagem ao líder do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). No entanto, a primeira pista do aeroporto foi construída em 1939 por uma companhia aérea italiana em nome do ditador fascista Benito Mussolini.

Tal como os Açores e a Madeira, as ilhas de Cabo Verde foram extremamente importantes em termos de estratégia militar devido à sua localização entre a costa ocidental de África e o continente americano. Ambos os lados lutaram, portanto, pelo controlo das ilhas. Os esforços do Eixo incluíram a amarração de submarinos alemães no porto de Mindelo, em São Vicente, e o torpedo de navios britânicos ao largo da ilha vizinha de Santo Antão.

A partir de 1940, para evitar a ocupação das ilhas pelas facções beligerantes, Portugal enviou milhares de soldados para Cabo Verde, que sofria de um período de seca catastrófica na altura. Com os carregamentos perturbados pela guerra e o escasso abastecimento alimentar a ser consumido pelos soldados, estima-se que 25.000 ilhéus morreram à fome entre 1941 e 1943.



Estátua de Amílcar Cabral em frente do Aeroporto Internacional de Cabo Verde, que recebeu o seu nome.

Timor Leste como Teatro de Guerra

Devido ao facto do ditador português António de Oliveira Salazar ter declarado o seu país 'neutro' no início da Segunda Guerra Mundial, o Japão poupou o enclave português de Macau durante a sua campanha de destruição na China. Ao contrário de Hong Kong, a cidade no Mar do Sul da China permaneceu desocupada e por isso tornou-se um porto seguro para dezenas de milhares de pessoas que fugiam das províncias vizinhas.

A colónia portuguesa de Timor Leste tornou-se, no entanto, um teatro de guerra. Após o avanço das tropas japonesas para as ilhas vizinhas indonésias, as Forças Aliadas desembarcaram em Timor Leste no final de 1941. Em Fevereiro de 1942, juntaram-se-lhes soldados japoneses que, como parte de uma campanha de propaganda anti-portuguesa, recrutaram também povos indígenas para formar tropas coloniais – as chamadas "Colunas Negras". A partir de 1943, os ocupantes japoneses controlavam toda a ilha de Timor e confiscavam aos ilhéus tudo o que necessitavam. "Não tínhamos nada para comer e nada para vestir", recorda o timorense Maurubi mesmo meio século mais tarde. "Quando recebíamos alguma comida, os soldados japoneses tiravam-na de nós e nós tínhamos de os ver comer. Os soldados eram muito cruéis".

Nas lutas travadas entre japoneses e tropas aliadas na ilha de Timor, houve crianças que também foram recrutadas como soldados.



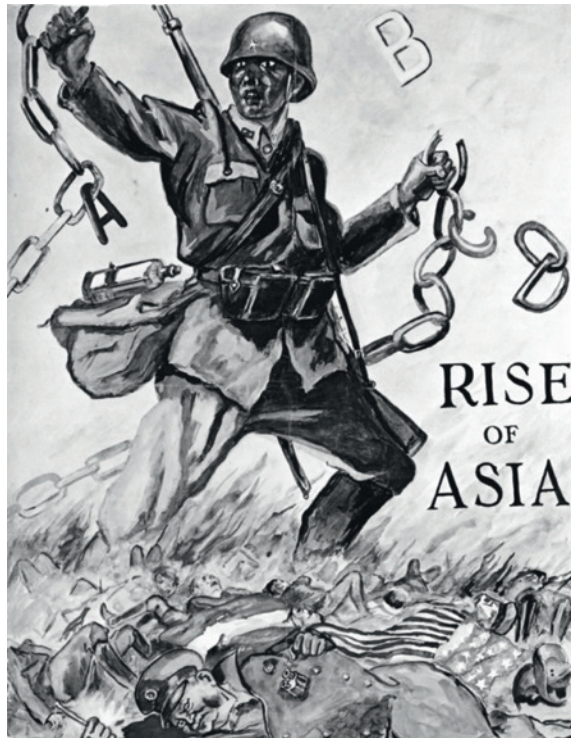
China 1937: O Eclodir da Guerra na Ásia



A 7 de Julho de 1937, soldados japoneses simularam um encontro militar com uma unidade chinesa perto de Pequim. O Japão usou isto como pretexto para o ataque contra a China.

Assim começou a Segunda Guerra Mundial na Ásia.

Desde o início do século XX, os militares japoneses tinham adquirido cada vez mais poder político. O seu objectivo megalómano era a conquista de toda a Ásia. O todopoderoso imperador (ou “Tenno”), venerado por todos como um “descendente do deus-sol Amaterasu”, apoiou esta ideologia imperial. Guerras contra a China (1894/95) e Rússia (1904/05) sobre o controlo da península coreana foram os primeiros sinais do expansionismo japonês. Na Primeira Guerra Mundial, o Japão lutou ao lado da França e da Grã-Bretanha e como potência vitoriosa foi-lhe concedido o mandato da Liga das Nações para administrar as antigas colónias alemãs na Micronésia. Isto foi utilizado pelo exército japonês para estabelecer bases militares nas ilhas do Pacífico Norte.



“Ascensão da Ásia”

Em Setembro de 1931, uma secção do exército japonês estacionado no Nordeste da China invadiu a Manchúria para instalar o estado satélite de Manchukuo, assegurando assim recursos de carvão e gás para a indústria de armamento japonesa.

A campanha de expansão do Japão em toda a região da Ásia-Pacífico começou com o ataque ao coração da China em 1937. Para tal, o Japão recrutou seis milhões de soldados e acompanhou a sua guerra com retórica anti-colonial, afirmando que o seu objectivo era expulsar as potências coloniais europeias da região, devolver a “Ásia aos asiáticos” e estabelecer uma “Grande Esfera de Co-Prosperidade da Ásia Oriental”.

Na realidade, o “Tenno” e os seus militares estavam a tentar estabelecer um império maciço sob o domínio japonês.

Os asiáticos de outros países eram considerados habitantes de segunda classe, tendo de realizar trabalhos forçados e fornecer ao Japão alimentos e recursos baratos.

ÁSIA

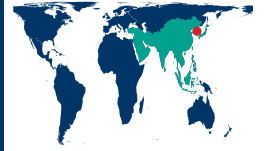


Com o ataque japonês à Frota do Pacífico dos EUA em Pearl Harbor, a 7 de Dezembro de 1941, "a guerra tornou-se uma guerra mundial".

A partir dos livros de história, para as escolas alemãs:

Cf. Beck, Dorothea et al., "Zeit für Geschichte. Banda 4. Geschichtliches Unterrichtswerk für Gymnasien", 2007; Goerlitz, Erich et al: "Taschenhandbuch zur Geschichte", 2005; Regenhardt, Hans-Otto et al. (ed.), "Forum Geschichte. Banda 4: Vom Ende des Ersten Weltkriegs bis zur Gegenwart", 2006; Bergmann et al.: "Geschichte und Geschehen", 2008.

O papel da Coreia na Guerra do Japão



A Coreia foi uma colônia japonesa desde 1910 e durante a Segunda Guerra Mundial ganhou uma importância estratégica excepcional como base de destacamento, retirada e abastecimento para as forças japonesas.

Após o início da guerra em 1937, o regime de ocupação do Japão apertou o seu controle. Em 1938, a língua e a história coreanas foram banidas dos currículos escolares. Todos os coreanos foram forçados a adotar nomes japoneses.

Em Abril de 1938, o governo japonês proclamou a “Lei de Mobilização do Serviço Nacional do Trabalho”.

4,5 milhões de coreanos tiveram de realizar toda uma série de serviços em tempo de guerra até 1945.



Chung Ki-Young era estudante na Universidade de Seul quando a administração colonial japonesa o recrutou para o serviço militar a 20 de Janeiro de 1944.

Tendo já recrutado à força a maioria da população coreana adulta, a administração japonesa em 1944 também começou a recrutar alunos e estudantes. 155.000 rapazes coreanos de 13 ou 14 anos tiveram de transportar armas e armamento para os militares japoneses e carregar os seus navios e comboios. 10.000 crianças-soldados coreanos foram enviados para a linha da frente.



O cenotáfio para as 35.000 vítimas coreanas da bomba atômica de Hiroshima retrata uma tartaruga. Da sua carapaça sobe uma coluna com um relevo de dois dragões de pedra. A inscrição abaixo lê-se: “As almas dos mortos cavalgam para o céu – na parte de trás da tartaruga”.

1,5 milhões de coreanos foram deportados para o Japão para trabalhar em fábricas mineiras, minas de carvão, portos e fabrico de armas. Quando a primeira bomba atômica atingiu Hiroshima a 6 de Agosto de 1945, 35.000 trabalhadores forçados coreanos estavam assim entre os que perderam as suas vidas.

Três dias depois, outros 15.000 coreanos morreram em Nagasaki. A maioria deles tinha sido obrigada a trabalhar na construção de navios de guerra para a Marinha Imperial Japonesa nas fábricas da Mitsubishi.

Só depois de uma prolongada disputa com as autoridades japonesas foi possível erguer um cenotáfio comemorativo das vítimas da bomba atômica coreana no Parque Memorial da Paz em Hiroshima em 1999.

ÁSIA

Os Crimes de Guerra Japoneses Cometidos Contra as Mulheres Asiáticas



ÁSIA

Segundo números fornecidos por ONG asiática, as forças japonesas raptaram uma estimativa de 200.000 mulheres e raparigas para sofrerem abusos sexuais nos seus bordéis militares durante a Segunda Guerra Mundial. Para além de 80.000 a 120.000 mulheres **coreanas**, incluíam mulheres da **China**, **Filipinas**, **Malásia**, **Birmânia**, **Timor Português** (actual Timor Leste) e **Índias Orientais Holandesas** (actual Indonésia), onde as mulheres holandesas também foram afectadas. Os generais japoneses justificaram a existência destes bordéis militares com a lógica cínica de querer evitar violações em massa pelas tropas japonesas nos países ocupados e de proteger os seus soldados de doenças sexualmente transmissíveis, a fim de manterem as suas capacidades de combate. Foi apenas graças aos esforços das próprias vítimas que os crimes de guerra japoneses cometidos contra mulheres



Mulheres sobreviventes dos bordéis militares japoneses após a sua libertação pelas tropas Aliadas, 1945.

asiáticas se tornaram conhecidos ao público. O Conselho Coreano para Mulheres Recrutadas como Escravas Sexuais Militares pelo Japão foi fundado em 1990. Durante uma visita de estado do então Primeiro Ministro japonês Miyazawa Kiichi à Coreia do Sul em 1992, as mulheres organizaram-se de forma autónoma para exigir publicamente, pela primeira vez, que o governo japonês cumprisse as seguintes exigências: “... revelar toda a verdade sobre os crimes de escravidão sexual militar, fazer um pedido oficial de desculpas, fazer reparações legais, punir os responsáveis pelo crime de guerra, registar correctamente o crime nos livros de história (e) erguer um memorial para as vítimas ...”

Devido à crescente pressão política, o Secretário do Governo japonês e mais tarde Ministro dos Negócios Estrangeiros, Yohei Kono, sentiu-se obrigado a pedir desculpa às vítimas que tinham sido “recrutadas contra a sua vontade” em 1993. No entanto, a sua declaração não teve consequências, uma vez que não foi autorizada pelo Governo japonês.

Em dezembro de 2015, os governos do Japão e da Coreia concluíram um acordo para indemnizar as vítimas através de uma fundação. Mas as vítimas não foram envolvidas e, pouco depois, o primeiro-ministro japonês Shinzo Abe voltou a declarar que não havia provas de que as mulheres tivessem sido “raptadas à força” pelo exército japonês. O acordo falhou porque o governo japonês continuou a recusar-se a analisar criticamente os crimes de guerra cometidos pelos militares japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. Nada mudou até 2025.

O Tribunal das Mulheres de Tóquio em 2000



Participantes chinesas, coreanas e filipinas no Tribunal das Mulheres, Tóquio, 2000.

Nos anos 90, muitos países asiáticos assistiram ao estabelecimento de organizações autónomas de mulheres que tinham sido deportadas para bordéis militares japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. Reuniram um “Tribunal Internacional das Mulheres sobre a Escravidão Sexual Militar Japonesa” em Tóquio, em 2000.

Embora o Tribunal das Mulheres não tenha exercido qualquer autoridade legal, atraiu muita atenção a uma escala internacional. Com base nos testamentos apresentados pelas testemunhas de vários países asiáticos, as mulheres legalmente qualificadas que actuavam como juízes do tribunal reuniram-se com o Imperador Hirohito, que tinha estado no poder durante a Segunda Guerra Mundial, juntamente com o seu governo e as suas forças armadas, culpados de causar a violação institucionalizada e a escravização sexual de dezenas de milhares de vítimas femininas. Tratando-se de um caso de “crimes contra a humanidade”, os governos do Japão do pós-guerra deviam ser responsabilizados e eram responsáveis pela indemnização das vítimas.



Hwang Kum-Ju tinha 19 anos de idade quando seguiu um apelo do Imperador japonês prometendo “mulheres e raparigas solteiras (...) muito dinheiro” por “servir três anos numa fábrica de armas japonesa” na cidade provincial coreana de Hamhung. Na realidade, ela foi obrigada a embarcar numa carruagem de caminho-de-ferro às escuras, com numerosas outras raparigas e, após uma odisseia que durou vários dias, chegou finalmente a um complexo de militar na Manchúria. Na manhã seguinte foi violada por um oficial japonês e durante os seis anos seguintes foi violada por até 40 soldados por dia. Hwang Kum-Ju permaneceu traumatizada para o resto da sua vida. Nos anos 90, foi das primeiras vítimas a exigir um pedido de desculpas e uma compensação por parte do governo japonês pelo rapto em massa de mulheres asiáticas a serem abusadas em bordéis militares japoneses.



Hwang Kum-Ju – Coreia do Sul

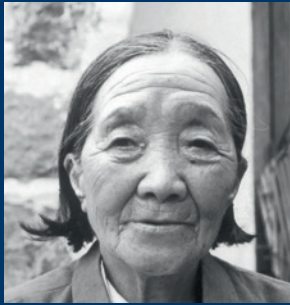


Estação de escuta 5: Hwang Kum-Ju – Coreia do Sul

“O meu nome é Hwang Kum-Ju e tenho 83 anos de idade. Quando tinha 12 anos, mudei-me do campo para a cidade de Hamhung, e quando tinha 19, respondi a um aviso dos japoneses. Disseram que estavam à procura de raparigas e mulheres jovens para trabalharem como operárias de fábrica. O meu emprego deveria ser em Jirin, na Manchúria. Os japoneses prometeram-me que eu poderia regressar à minha casa coreana após dois anos. Na realidade, mantiveram-me lá durante seis anos, e eu não fui capaz de dizer a ninguém o que tive de sofrer durante décadas depois. Após a guerra, mantive o meu passado em segredo, por vergonha. A quem é que eu deveria confiar? Regressar a minha casa não era uma opção. Se eu tivesse contado a minha história, as pessoas ter-me-iam tratado como um proscrita. Foi por isso que fiquei sempre calada e também porque nunca casei. Só nos anos 90, quando Kim Hak-Sun, uma colega vítima, foi à televisão e pediu para quebrar o silêncio, é que finalmente encontrei a força para ir ao público. O mundo inteiro deveria saber que os japoneses atraíram dezenas de milhares de jovens mulheres com a perspectiva de emprego e depois raptaram-nas para os seus bordéis militares e mataram muitas delas. Os japoneses comportaram-se como animais, não como seres humanos. Que o céu os castigue.

Não ando atrás de dinheiro. Nunca poderá haver qualquer compensação pela minha juventude perdida, mas enquanto eu viver, estarei à espera de uma admissão de culpa expressa por Tóquio. Quando os norte-coreanos tomaram alguns japoneses como reféns há alguns anos e cinco deles morreram, as autoridades japonesas fizeram muito barulho e exigiram uma indemnização para as vítimas da Coreia do Norte. Os mesmos departamentos governamentais japoneses afirmam não saber nada e não querem ouvir nada sobre as dezenas de milhares de jovens solteiras que foram abusadas por soldados japoneses durante a guerra. Eles estão apenas à espera que mulheres como eu morram silenciosamente”.

Raptadas e Abusadas em Bordéis Militares Japoneses



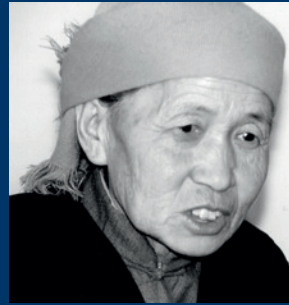
Zhou Xixiang
China

Raptada enquanto actuava para a Associação de Salvação Feminina anti-Japonesa em 1944, aos 19 anos de idade. Presa, violada e torturada em Jinguishi, província de Shanxi.



Liu Mianhuan
China

Raptada aos 15 anos de idade em 1943 e levada para um quartel japonês em Jinguashi. Violada todas as noites pelo comandante e diariamente por até 40 soldados.



Zhang Xiantu
China

Levada para as cavernas pelas tropas japonesas após a invasão de Xiyan e violada durante 20 dias consecutivos por dezenas de soldados quando tinha 15 anos.



Zhao Cunni
China

Raptada aos 24 anos durante um ataque à sua aldeia de Yaoshan em 1942, foi vítima de violação em massa, enquanto algemada para impedir a sua fuga.



Ellen C. van der Ploeg
Reino dos Países Baixos/Indonésia

Raptada do Campo Interno de Halmahera em Semarang, Indonésia e abusada num bordel militar da força de ocupação japonesa.



Jan Ruff-O'Herne
Reino dos Países Baixos/Indonésia

Levada para um centro de detenção para colonos holandeses, após a conquista de Java pelas tropas japonesas. A partir daí, deportada para um bordel militar com 35 outras mulheres.



Kim Yong-suk
Coreia do Norte

Raptada com 13 anos de idade, por um polícia japonês em 1940 e levada para um bordel militar em Shenyang, na China.



Kwak Kum-nyo
Coreia do Norte

Raptada para um bordel militar em Muling, nordeste da China, em 1939, onde foi espancada e abusada até conseguir escapar dois anos depois.



Lee Yong-soo
Coreia do Sul

Levada para um bordel militar em Hsinchu, Taiwan, em 1944, aos 15 anos de idade. Um cobertor pendurado marcava a entrada do seu quarto, onde era violada todos os dias.



Lee Ok-seon
Coreia do Sul

Raptada aos 15 anos enquanto fazia compras em 1942 e levada para um bordel militar em Yanji no nordeste da China. Torturada após uma tentativa fracassada de fuga.



Kim Soon-duk
Coreia do Sul

Promessa de "trabalho em fábrica" em 1937, com 16 anos de idade, mas deportada para um bordel militar em Shanghai, onde era violada diariamente por 30 a 40 soldados.



Kim Kun-ja
Coreia do Sul

Raptada para um bordel militar em Hui-chun na China, com 16 anos de idade e abusada diariamente por 40 soldados. Tem um tímpano perfurado como resultado de pancadas.



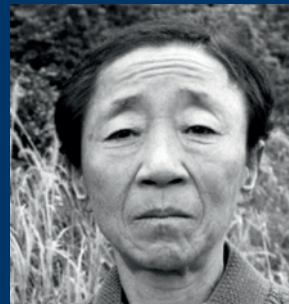
Sabina Villegas
Filipinas

O seu pai morreu em 1942 durante um ataque japonês contra a sua aldeia de montanha na Ilha de Luzon, depois do qual ela e as suas irmãs tiveram de suportar violações em massa num quartel militar.



Song Shin-do
Coreia do Sul/Japão

Raptada para o bordel militar "Sekaikan" em Wuchang, China, em 1938, com 16 anos de idade. Aí, ela teve várias gravidezes e partos. A viver no Japão desde o fim da guerra.



Bae Bong-gi
Coreia do Sul/Japão

Apresentou-se numa agência de emprego em Pusan em 1943, com 29 anos de idade. Deportada por navio de guerra para um bordel militar na ilha japonesa de Okinawa, onde continuou a viver após a guerra.



Wu Hsiu-mei
Taiwan

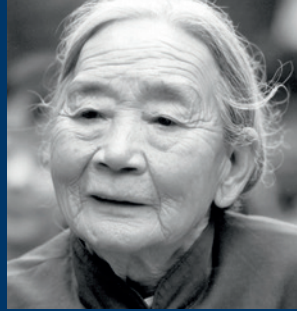
Forçada a gerir uma cantina juntamente com o marido em Guandong em 1940, com 23anos, antes de ser deportada para um bordel militar perto da linha da frente sob o nome de "Kiyoko".

Raptadas e Abusadas em Bordéis Militares Japoneses



Wan Aihua
China

Membro da resistência anti-japonesa quando tinha apenas 12 anos de idade. Capturada e violada em massa. A primeira sobrevivente chinesa a ir ao público com a sua história de infortúnio.



Zhao Runmei
China

Raptada sob os olhos dos seus pais adotivos com 16 anos de idade e violada durante 40 dias no Hedong Battery. Sofreu de traumas de infertilidade e tortura após a guerra.



Esmeralda Boe
Timor Leste

Primeiro violada na sua aldeia de Memo, com 12 ou 13 anos de idade, depois durante dois anos pelos oficiais japoneses em Uemura, Haruku e Kawato.



Marta Abu Bere
Timor Leste

Deportada da sua aldeia para Marobo, uma estância de primavera. Lá, ela teve de servir os soldados japoneses durante o dia, que depois a violavam à noite.



Lee Sang-ok
Coreia do Norte

Recebeu ordens para "contribuir com a sua virgindade" para o esforço de guerra aos 17 anos de idade. Teve de suportar diariamente até 25 violadores japoneses enquanto estava numa cela semelhante a uma prisão.



Pak Yong-sim
Coreia do Norte

Primeiro raptada e levada para Nanking aos 17 anos de idade em 1939, depois para bordéis militares na Birmânia e na província chinesa de Yunnan.



Kim Soon-ok
Coreia do Sul

Atraída sob falsos pretextos para um bordel militar no nordeste da China, onde foi abusada por oficiais com 20 anos de idade em 1942.



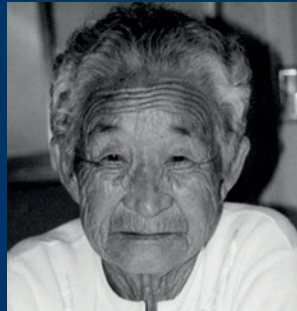
Park Du-ri
Coreia do Sul

Raptada aos 17 anos de idade e abusada sexualmente num bordel militar em Taiwan em 1940, onde a sua provação só terminou cinco anos mais tarde, após o fim da guerra.



Shim Dal-yeon
Coreia do Sul

Raptada enquanto trabalhava num campo, com 12 ou 13 anos de idade e levada para uma zona extremamente fria do Nordeste da China para ser abusada em bordéis militares, por soldados da linha da frente.



Park Ok-ryeon
Coreia do Sul

Respondeu a um anúncio de jornal japonês em 1941, com 23 anos de idade. Acabou num bordel militar em Rabaul, no Pacífico Sul, em 1944, onde proibiram-na de falar coreano.



Rufina Fernandez
Filipinas

Mãe, pai e irmãs morreram durante as campanhas de vingança japonesa em Manila em 1944. Com 17 anos de idade, ela sofreu violações em massa numa guarnição japonesa



Tomasa Salinog
Filipinas

Raptada aos 13 anos pelo "Capitão Hiro'oka" que tinha decapitado o seu pai na ilha de Panay, em 1942. Abusada pelos japoneses por vários anos.



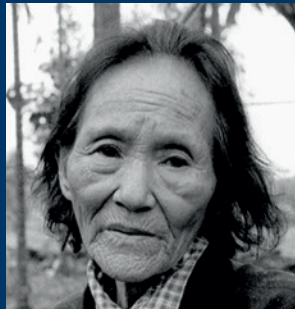
Anika
Taiwan

Recém-casada aos 21 anos de idade e ia encontrar-se com o seu marido quando foi raptada para um bordel militar em Hong Kong, em 1942. Violada diariamente pelos oficiais nesse bordel.



Su Yin-chiao
Taiwan

Atraída por uma oferta de emprego em 1943 aos 20 anos de idade e raptada para um bordel militar na ilha de Hainan, de onde regressou a Taiwan depois de ter ficado gravemente doente.



Rabai Ubusu
Taiwan

Ordenada pela polícia local para trabalhar para as tropas japonesas em 1944, com 15 anos de idade. Violada repetidamente por soldados e mais tarde engravidou.



Rapin Umaw
Taiwan

Forçada a actuar como cantora em frente às tropas japonesas, com 16 anos de idade, em 1944. Mais tarde, raptada para um bordel militar onde deu à luz a sua filha.

Raptadas e Abusadas em Bordéis Militares Japoneses



Mardiyem
Indonésia

Atraída para o Bornéu com 13 anos de idade pela promessa de poder actuar como actriz, terminando em vez disso num bordel militar onde fez o seu primeiro aborto aos 14 anos de idade.



Suhanah
Indonésia

Raptada por 6 japoneses em frente à sua casa em Badong em 1942, permaneceu presa num bordel para oficiais e soldados até ao final da guerra.



Rosalind Saw
Malásia

Raptada na presença dos seus dois filhos em 1942 e levada para um bordel militar onde foi abusada por até 60 soldados japoneses por dia.



Moon Pil-gi
Coreia do Sul

Deportada com 18 anos para um bordel militar na Manchúria, juntamente com outras 30 mulheres coreanas que sofriam espancamentos se oferecerem alguma resistência.



Gil Won-ok
Coreia do Sul

Deportada para um bordel militar em Harbin, China, em 1940, com 13 anos de idade. Traumatizada pela brutalidade dos soldados japoneses; contraiu várias doenças venéreas.



Kang Duk-kyung
Coreia do Sul

Deportada para trabalhar numa fábrica japonesa, com 16 anos de idade. Capturada pela polícia militar durante tentativa de fuga e mantida em cativeiro num bordel.



Justina Villanueva Pido
Filipinas

Uma mulher do mercado na ilha de Negros em 1942. Violada por um soldado japonês chamado Yamato, depois presa por dez meses numa guarnição japonesa, onde o seu filho nasceu.



Rosita P. Nasino
Filipinas

Raptada aos 15 anos de idade, quando ia visitar a sua avó na Ilha de Panay em 1943 e vítima de violação em massa, num quartel com dez outras mulheres.



Maxima Regala de la Cruz
Filipinas

Raptada com 14 anos de idade juntamente com a sua mãe, de um mercado em San Ildefonso por soldados japoneses em 1944 e levada para a sua guarnição onde foi violada diariamente durante três meses.



Chen Chen-tao
Taiwan

Raptada com 19 anos, a caminho da escola, por um oficial japonês em 1942 e levada para as ilhas Andaman, no Oceano Índico, de onde regressou grávida.



Lu Man-mei
Taiwan

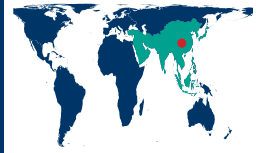
Como uma jovem de 17 anos atraída à Ilha de Hainan pela promessa de um emprego melhor em 1943 e só autorizada a voltar para casa com oito meses de gravidez.



Iyang Apai
Taiwan

Forçada a actuar como cantora em frente de soldados, com 17 anos de idade, sob ordens do oficial de polícia japonês Takemura antes de ser levada para um bordel militar.

A Guerra de Aniquilação do Japão contra a China



ÁSIA

Quando os primeiros 500.000 soldados de elite japoneses invadiram o norte da China em 1937, o governo chinês tinha apenas 100.000 soldados treinados à sua disposição. Apesar de outros 200.000 terem sido recrutados apressadamente, não conseguiram resistir à conquista de Shanghai e ao avanço das tropas japonesas sobre Nanking. No que era então a capital da China, soldados japoneses massacraram 300.000 a 400.000 civis e violaram 80.000 mulheres no espaço de poucas semanas entre o final de 1937 e o início de 1938.

As forças japonesas também utilizaram armas químicas e biológicas na China. Contaminaram aldeias e campos com bactérias de peste e cólera e realizaram experiências humanas em prisioneiros de guerra chineses, britânicos e americanos nas instalações experimentais de Pingfan. O cirurgião militar Shinozuka Yoshio recorda como a guerra de aniquilação do Japão também atingiu mulheres, crianças e idosos:

“As crianças porque elas podem crescer para se tornarem em inimigas do Japão, as mulheres porque elas podem ter mais filhos, e os idosos porque eles podem ser espiões”.

1942: Soldados chineses na estrada da Birmânia, a única rota de abastecimento que lhes estava aberta após a desconexão das ligações rodoviárias para o Vietname do Norte por parte dos ocupantes japoneses.



Mao Tse Tung dirige-se às suas tropas durante a Segunda Guerra Mundial.

Em defesa do seu país, os comunistas de Mao Tse Tung e o governo nacionalista de Chiang Kai-shek recrutaram cerca de 14 milhões de soldados até 1945.

Em 1938, Chiang Kai-shek ordenou a destruição das barragens do Rio Amarelo (Huanghe) na China Oriental para deter o avanço japonês que resultou na inundação de vastas áreas contendo onze cidades e 4.000 aldeias. Até um total de 890.000 pessoas morreram afogadas e quatro milhões perderam o seu meio de subsistência.

No total, 95 milhões de pessoas foram deslocadas por causa das hostilidades na China.

De acordo com estimativas de historiadores chineses e europeus, perderam-se até 21 milhões de vidas. Isto significa que a Segunda Guerra Mundial fez mais vítimas na China do que nos países responsáveis por ela – Alemanha, Japão e Itália – em conjunto.

O Massacre de Nanking 1937/38



Vítimas do massacre.



Prisioneiros foram enterrados vivos.



Um soldado japonês disparando sobre um monge.



Uma criança entre os escombros de Nanking.



Treino com baioneta usando prisioneiros.

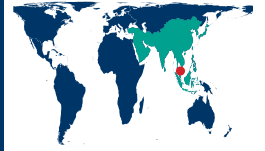
Relatos de Testemunhas de Nanking

Registados pelo “Centro de Investigação sobre o Massacre de Nanking” na Universidade de Nanking

Sr. Kun: “Os japoneses (...) transportavam três camiões cheios de homens (...) levaram-nos para o rio (...) Ali, dispararam metralhadoras contra nós. Eu tentei esconder-me atrás de um salgueiro e fiquei tão assustado que desmaiei. Quando os japoneses pensaram que todos estavam mortos, foram-se embora. Depois chegaram pessoas com faixas na cabeça da Cruz Vermelha para recolher os corpos. Encontraram-me inconsciente perto do rio debaixo do salgueiro e trouxeram-me de volta à minha mãe, salvando assim a minha vida. Além de mim, quase não houve sobreviventes entre os cerca de 10.000 homens”.

Sra. Ni: “Não nos atrevemos a cozinhar nada por medo que os japoneses se apercebessem de nós (...) até que já não conseguíssemos suportar mais. A minha mãe pediu ao meu pai para lavar alguns vegetais e arroz no rio. Mas quando ele se aproximou da margem do rio, os japoneses abriram fogo. Ele tombou e caiu no chão (...) A minha mãe correu imediatamente na sua direcção quando ouviu os tiros, por isso os japoneses também a alvejaram. Eu tinha onze anos de idade na altura. Também saí a correr e vi os meus pais deitados no chão. Os japoneses também dispararam contra mim, e eu fui atingido na omoplata. A cicatriz da bala ainda hoje é visível”.

As Consequências da Guerra na Península Malaia



Enquanto o ataque à frota americana em Pearl Harbor teve lugar em Dezembro de 1941, aviões japoneses bombardeavam também bases americanas nas Filipinas, bem como bases britânicas em Hong Kong e Rangum. Afundaram os navios mais modernos da Marinha Real ao largo da costa da Malásia, onde as tropas terrestres japonesas invadiram a colónia da Malásia Britânica. Antes disso, tinham recebido livre passagem tanto do regime de colaboração de Vichy na Indochina como do regime militar na Tailândia. Na Península Malaia, as tropas internacionais sob comando britânico, que incluíam os indianos, chineses, malaios e australianos, tentaram travar o avanço japonês. Quando foram forçados a capitular a 15 de Fevereiro de 1942, tinham sofrido perdas de mais de 138.000.

Cheah Boon Kheng, Historiador emérito da Universidade de Penang:

“As pessoas ficaram muito chocadas, especialmente a comunidade chinesa que constituía quase 40% da população malaia, pois também elas tinham ouvido falar da devastação que os japoneses tinham causado no Norte da China e do massacre de Nanking. Por isso, os chineses estavam muito assustados”.



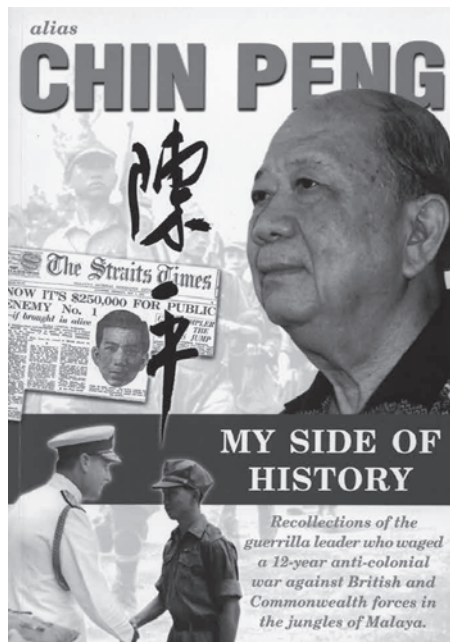
Tropas japonesas sendo celebradas aquando da sua passagem por Bangokok a 9 de Dezembro de 1941.

Na realidade, os ocupantes japoneses deportaram dezenas de milhares de chineses para campos de trabalho e massacraram vários milhares mais em plena luz do dia. A comunidade chinesa coloca o número em 45.000 mortos. Esta foi também uma das razões pelas quais os Chineses formaram o núcleo do movimento comunista clandestino de resistência, o “Exército Popular Anti-Japonês”, levando a cabo actos de sabotagem contra as forças de ocupação. Por outro lado, as forças armadas japonesas, aderindo ao princípio “dividir e conquistar”, conseguiram recrutar pessoal administrativo e soldados voluntários entre os malaios que constituíam a maior parte da população com 45 por cento. Além disso, dezenas de milhares de indianos, que constituíam cerca de 15% da população malaia, juntaram-se às forças japonesas.



Cartaz de propaganda do Japão em Singapura: Fazer fortuna cooperando com o Japão.

ÁSIA



Temos uma escolha

“Todos nós temos opções - manter a nossa posição ou comprometer-nos, poupar ou desperdiçar, confrontar ou olhar para o outro lado, esquecer ou recordar. Eu tinha de ser um combatente da libertação. (...) Não podia comprometer-me com os japoneses; nem podia ter trabalhado dentro de um sistema que perpetuava a continuação do colonialismo britânico”.

Chin Peng, guerrilheiro da resistência anti-japonesa, mais tarde Secretário Geral do Partido Comunista da Malásia (CPM) e líder da guerrilha anti-colonial, nas suas memórias “O Meu Lado da História”.

A Fome de 1945 na Indochina

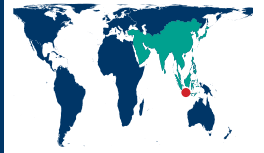


Unidade Viet Minh, 1944.

A 9 de Março de 1945, os militares japoneses expulsaram do poder a debilitada administração colonial francesa da Indochina, que tinha colaborado com o Japão, e ganharam assim poder na última colónia europeia restante no Sudeste Asiático. A partir daí, os agricultores locais tiveram de substituir as suas culturas de cereais por juta e plantas oleaginosas para produzir gasolina para a maquinaria de guerra japonesa. Na sua busca desesperada por alimentos, centenas de milhares de pessoas afluíram do campo para as cidades só no Vietname do Norte.

O movimento de resistência comunista Viet Minh sob Ho Chi Minh apelou à continuação da resistência anti-colonial também contra a ocupação japonesa. Um panfleto distribuído aos agricultores tinha as seguintes palavras: “Não dar um único quilograma de arroz, não dar um único amendoim, não cultivar outra planta de juta para os bandidos (fascistas)! As unidades Armadas Viet Minh apoiaram a invasão pela população de lojas de alimentos pertencentes a grandes proprietários e ocupantes de terras. Apesar destes esforços, um a dois milhões de pessoas morreram na fome provocada pela guerra na Indochina.

As ilhas indonésias sob domínio japonês



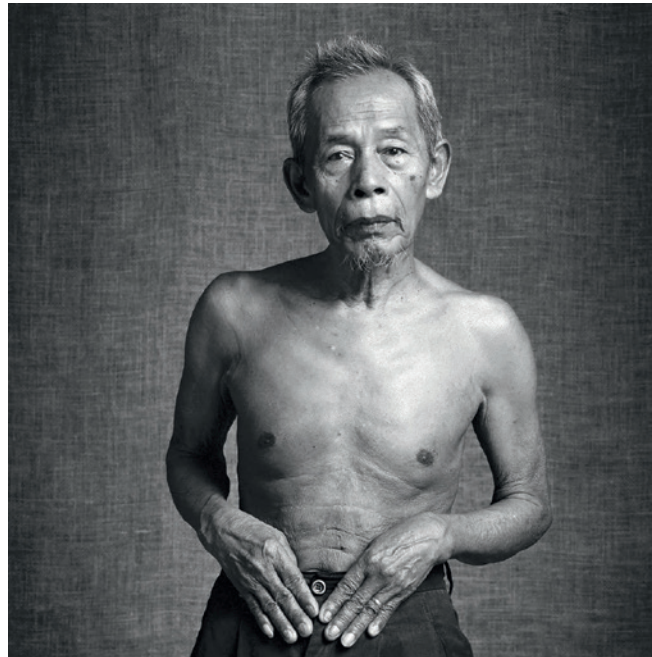
ÁSIA

De Singapura, as forças japonesas atravessaram o Estreito de Malaca para a Indonésia.

Em nenhum outro lugar da Ásia a propaganda de guerra do Japão (“Ásia para os asiáticos”) teve mais sucesso do que nas mais de 17.500 ilhas indonésias que tinham sofrido três séculos e meio de domínio holandês.

A população indonésia celebrava os invasores japoneses como se fossem libertadores.

Nas cidades, os indonésios excitados derrubaram estátuas coloniais dos seus pedestais enquanto nas províncias expulsaram a administração colonial. Nas margens, as tropas de desembarque receberam uma recepção triunfante e muitos indonésios voluntariaram-se para o serviço militar.



O indonésio Samlawi teve de realizar trabalhos forçados na construção de uma linha férrea na ilha de Sumatra, de 1942 a 1945.

Mas os “libertadores” japoneses também não concederam ao povo Indonésio o direito ao autogoverno. Os militares japoneses tratavam os indonésios com desdém e obrigaram centenas de milhares deles a realizar trabalhos forçados para construir fortificações, bunkers ou abrigos de ataque aéreo, casernas, pistas de aterragem, portos e estradas.

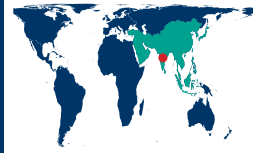
Em 1942, os militares japoneses deportaram trabalhadores forçados e prisioneiros de guerra da Indonésia e de outros países ocupados para a Tailândia, a fim de construir uma linha férrea através da selva para a selva da Birmânia. 100.000 trabalhadores asiáticos morreram no processo. A construção de uma linha férrea na ilha de Sumatra em 1944 ceifou inúmeras vidas adicionais.

O escritor indonésio Pramoedya Ananta Toer estima que durante a Segunda Guerra Mundial, “quatro milhões ou mais de agricultores javaneses tinham morrido como ‘romusha’ (trabalhadores forçados), forragem para os descendentes militaristas do Deus do Sol”.



Folheto aliado: Apenas a derrota dos japoneses libertará os trabalhadores forçados que foram chamados de “romusha” na Indonésia.

Índia: O Maior Exército Colonial de Todos os Tempos



ÁSIA



Tropas indianas em Singapura, em 1941.



Indianos em Monte Cassino, em Itália, em 1944.



Pilotos índios a serem destacados para a Grã-Bretanha.

A Índia era a maior colónia do Império Britânico, a mais importante economicamente, e com mais de 320 milhões de habitantes e a colónia mais populosa. Com os 2,5 milhões de soldados do Exército Real Indiano no subcontinente indiano, a Grã-Bretanha comandava o maior exército colonial de todos os tempos. A eles juntaram-se 120.000 Gurkhas do reino do Nepal. O Exército Real Indiano era um exército de voluntários, razão pela qual os soldados indianos se encontravam numa posição melhor do que os soldados africanos das colónias britânicas, muitas vezes recrutados à força. Enquanto as tropas africanas eram quase inteiramente lideradas por oficiais britânicos, o número de índios que assumiram posições de comando aumentou para 14.000 durante a Segunda Guerra Mundial. Os soldados indianos também recebiam benefícios e pensões de invalidez após cumprirem o serviço. Ainda que estes fossem inferiores aos que os soldados britânicos recebiam, os

veteranos do Exército Real Indiano estavam substancialmente em melhores condições do que os combatentes africanos. 30 divisões do Exército Real Indiano deram uma importante contribuição para a vitória dos Aliados sobre as potências do Eixo no Médio Oriente, Ásia, Norte de África e Europa.

A própria Índia era também um teatro de guerra. Após a ocupação de Malásia e Singapura pelas tropas japonesas, a Primavera de 1942 viu ataques aéreos a cidades da costa oriental indiana. Submarinos japoneses afundaram 23 cargueiros aliados no Golfo de Bengala, e aviões e canhoneiras japoneses bombardearam o Ceilão, onde a Marinha Real mantinha tanques de combustível. Cerca de 60.000 soldados indianos perderam a vida na Segunda Guerra Mundial e o mesmo número foi ferido. Cerca de 80.000 índios acabaram em cativeiro alemão, italiano ou japonês.



Tropas indianas a carregar munições de tanques.



Soldado indiano em frente de um avião italiano destruído em África, 1941.



“Nenhuma grande parte da população mundial estava tão eficazmente protegida dos horrores e perigos da Guerra Mundial como o foram os povos do Hindustão (Índia). Foram transportados, durante a luta, sobre os ombros da nossa pequena ilha”.

Winston Churchill, *The Second World War (A Segunda Guerra Mundial)*, Londres 1954, Vol. 4.

A Fome de 1943/44 em Bengala

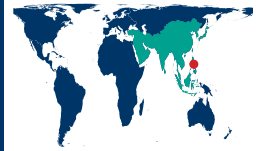
Bengala era a província mais oriental da Colônia da Coroa Britânica da Índia, perto da fronteira com a Birmânia. Quando a região se tornou uma zona de guerra, Bengala sofreu a maior fome no subcontinente indiano desde o século XVIII. A invasão japonesa da Birmânia perturbou as importações de arroz do país vizinho para Bengala. Em poucos meses, o preço do arroz tinha aumentado quinze vezes. Os comerciantes também estavam a reter estoques, pois temiam uma invasão japonesa, e não podiam ser trazidos novos estoques, pois os militares britânicos tinham confiscado quaisquer barcos na Baía de Bengala. Massas de camponeses e trabalhadores agrícolas famintos vagueavam pela província em busca de alimentos.

Só em Outubro de 1944, Calcutá viu 100.000 pessoas a mendigar nas ruas. De acordo com pesquisadores, a fome provocada pela guerra fez cerca de dois a quatro milhões de vítimas em Bengala. Na história de Winston Churchill da Segunda Guerra Mundial, em seis volumes, isto não é mencionado de todo.

Zainel Abedin registou a fome de Bengala, nos seus desenhos.



As Filipinas – Um País de Resistência



ÁSIA

O ataque japonês às Filipinas, então uma colônia americana, aconteceu ao mesmo tempo que o ataque a Pearl Harbor, em Dezembro de 1941. Após uma breve acção de retaguarda, as tropas americanas abandonaram as terras das 7.000 ilhas no início de 1942 e os filipinos foram deixados a montar a sua resistência contra os ocupantes japoneses durante os três anos seguintes por sua conta. No entanto, grupos de guerrilha rapidamente surgiram em todas as ilhas filipinas. O maior na ilha principal de Luzon era o “Exército Anti-Japonês de Libertação do Povo” (Hukbalahap) e consistia em 30.000 combatentes armados e 70.000 reservistas. No total, havia cerca de um milhão de combatentes partidários. Já tinham libertado a maior parte das províncias do país quando as forças norte-americanas regressaram às Filipinas em 1944.

Para tal, as tropas japonesas puniram cruelmente a população civil durante a sua retirada até que o Japão foi finalmente forçado a capitular em 1945.

Ricardo Trota José, historiador da Universidade das Filipinas: “As Filipinas entre os países do sudeste asiático foi o país que perdeu o maior número de vidas e sofreu a maior destruição, durante a segunda guerra mundial. O governo



“Túmulo dos Veteranos” num cemitério em Sagada, uma aldeia de montanha no norte das Filipinas.

estima em 1,1 milhões o número oficial de filipinos que foram mortos. Isto significa que um em cada 16 filipinos morreu como resultado da guerra, o que é uma percentagem muito grande”.



Musa O. Ami, Combatente muçulmano, guerrilheiro anti-japonês na ilha de Mindanao, no sul das Filipinas, de 1942 a 1945: “As nossas tropas de guerrilha consistiam em 300 pessoas. Retirámo-nos para o campo, e logo os japoneses não ousaram sair da cidade e entrar em áreas controladas por nós. Quase não tínhamos armas e atacámo-los com as nossas machetes”.



Hadji Abundi Ajiji, Guerrilheiro muçulmano anti-japonês no sul das Filipinas – Ilha de Jolo, gravemente ferido durante um ataque a uma guarnição japonesa a 15 de Abril de 1945: “Até agora, tenho uma bala alojada na minha perna. Nessa altura, os americanos ainda não tinham voltado a Jolo. Mas os guerrilheiros já tinham libertado grandes partes da ilha”.



Luis Taruc, Comandante do “Exército Anti-Japonês de Libertação do Povo” (Hukbalahap), falando num comício após o fim da guerra (esquerda) e em frente ao Gabinete de Veteranos ou Veterans Bureau em Quezon City (à direita):

“Éramos ávidos estudantes dos desenvolvimentos sociopolíticos em todo o mundo e estávamos a ler jornais de todo o mundo. Estávamos cientes das tentativas enganadoras de Hitler para ‘vestir’ ou promover os seus objectivos nacionalistas, com frases socialistas, tal como representado pelo seu livro ‘Mein Kampf’. Foi por isso que nos surpreendeu que o povo alemão, apesar da sua maturidade política avançada e força económica, estivesse hipnotizado por Hitler e pela sua mentalidade racial superior. Afinal, foi a preto e branco que ele seguiu uma política agressiva e quis ocupar toda a Europa. Com toda a informação que obtivemos, pudemos prever em 1939 que a guerra acabaria por chegar às Filipinas. Os japoneses já tinham desistido de Formosa e tinham ocupado a Coreia e a Manchúria antes de entrarem na China. A partir daí, era apenas um pequeno passo para as Filipinas. E o nosso país já era um alvo porque era o lar das maiores bases militares americanas fora dos Estados Unidos. Embora não gostássemos do mal extremo do nazismo, do fascismo e do militarismo japonês, estávamos também muito contra o imperialismo americano. Comparando os dois, chegámos à conclusão de que era melhor ficarmos do lado do mal menor. Esperávamos que mesmo os próprios EUA capitalistas se tornassem mais democráticos após a guerra. Assim, já em 1939 começámos a boicotar os bens japoneses e organizámos comícios contra o nazismo, o fascismo e o imperialismo japonês em Manila e nas províncias maiores da ilha principal de Luzon. Como um dos oradores mais populares, a liderança do partido acabou por me pedir para estabelecer um movimento de guerrilha anti-japonesa, o Hukbalahap”.

Manila 1945

Estão mortos agora – estão todos mortos agora –
uma morte horrível – pela espada e pelo fogo ...
Eles morreram com a sua casa
e morreram com a sua cidade
e talvez seja bom que o tenham feito.
Eles nunca poderiam ter sobrevivido à morte da velha Manila.

A partir de uma elegia sobre a destruição de Manila pelo escritor filipino Nick Joaquin. 100.000 civis morreram durante a libertação da cidade - mais do que nas cidades alemãs de Dresden, Colônia ou Berlim.



Remedios Gomez-Paraisa foi uma das poucas mulheres que ocupou um cargo de comando no “Exército Anti-Japonês de Libertação do Povo” filipino (Hukbalahap).

Nos anos 90, lutou pelo reconhecimento do Hukbalahap como um movimento de resistência e pelo pagamento de pensões aos antigos guerrilheiros pelo governo filipino.

Aos 80 anos de idade, ela ainda continuava a ajudar ex-combatentes a preencher os seus formulários de pensão num pequeno gabinete de veteranos na periferia de Manila. Ela própria recebia uma pensão equivalente a 60 euros por mês em 2000 – dois euros por dia durante quatro anos de luta armada para a libertação do seu país.



Remedios Gomez-Paraisa – Filipinas



Estação de escuta 6: Remedios Gomez-Paraisa – Filipinas

“Vim de Anao, Pampanga. O meu pai era presidente da câmara da nossa cidade quando os japoneses invadiram o nosso país. Isso foi em 1942. Quando os japoneses ocuparam o país, instruíram todos os funcionários do governo a renderem-se com as suas armas, mas o meu pai recusou-se a render-se. Em vez disso, foi esconder-se, fugindo aos nipónicos. Quando foi traído e detido pelos inimigos, ele recusou-se a colaborar com os japoneses, pelo que foi torturado até à morte.

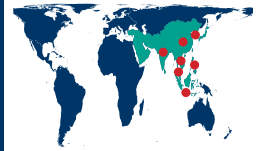
Nessa altura, começámos a esconder-nos. Eu era apenas uma adolescente. Estávamos escondidos no sopé da montanha do Monte Arayat. Conseguimos organizar um esquadrão, mas começamos com apenas uma pistola, a pistola do meu pai.

Depois dos nossos encontros com os japoneses, com as forças militares, apenas nos retirávamos para qualquer lugar, um lugar seguro sem comida. Um, dois, três dias ou mesmo uma semana estávamos dependentes de plantas comestíveis ao longo dos rios ou nas montanhas. Foi realmente muito difícil. Muitos dos nossos camaradas morreram sem tomar qualquer medicamento. Tivemos a sorte de alguns de nós terem sobrevivido a essas lutas.

Não tínhamos medo de morrer durante aqueles dias. Acreditávamos que era nossa única obrigação defender o nosso país sempre que este estivesse em necessidade.

Durante a libertação, abrimos-lhes o caminho (às tropas americanas). Esperávamos então que ganhássemos a verdadeira liberdade, democracia e justiça. Mas não o fizemos. Após a libertação demorou apenas alguns meses até voltarmos às montanhas novamente, porque as nossas esperanças não se concretizaram”.

Depois da Guerra Significa Antes da Guerra



ÁSIA



Depois de uma guerra civil que durou até 1949, Mao Tse Tung proclamou a República Popular da China.



Após a guerra da Coreia, o país permaneceu dividido ao longo do 38º paralelo, a partir de 1953.



Em 1945, Ho Chi Minh esperava em vão que a "nova França" da Resistência pusesse fim à política colonial de Vichy e permitisse um Vietname independente.



No santuário Yasukuni de Tóquio, os criminosos de guerra são homenageados até aos dias de hoje. No passado, as cerimónias eram também frequentemente frequentadas por altos funcionários do governo, tais como o primeiro-ministro.

Enquanto a Segunda Guerra Mundial terminou na Europa com a rendição da Alemanha a 8 de Maio de 1945, o Japão só se retirou quatro meses depois – após as bombas atómicas em Hiroshima e Nagasaki. A luta pelo poder político pós-guerra na Ásia levou a numerosas guerras subsequentes.

Na **China**, a luta pelo poder militar entre o Exército Vermelho de Mao Tse Tung e os nacionalistas de Chiang Kai-shek só terminou com uma vitória comunista em 1949. Na **Malásia**, **Indonésia** e **Filipinas**, os movimentos independentistas continuaram a lutar contra os antigos e novos mestres coloniais da Europa e dos EUA depois de 1945.

Do mesmo modo, a guerra na **Coreia** de 1950 a 1953 foi uma consequência da divisão do país às mãos das potências vitoriosas da Segunda Guerra Mundial. Dois milhões de civis perderam a vida na península coreana, mais um milhão de soldados norte-coreanos e chineses, 250.000 soldados da Coreia do Sul e quase 37.000 dos EUA.

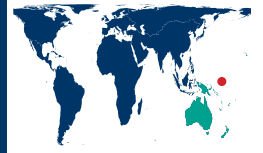
A **Indochina** teve de lutar contra as potências coloniais francesas e americanas durante mais 30 anos. Já a 2 de Setembro de 1945, Ho Chi Minh tinha proclamado a independência do **Vietname** em Hanói pela primeira vez. Mas só em 1975 é que foi finalmente alcançada. Até então, as forças norte-americanas tinham lançado dez vezes mais bombas na Indochina do que na Alemanha nazi durante a Segunda Guerra Mundial.

Na **Índia**, a conquista da independência em 1947 levou à divisão do subcontinente de acordo com a religião, o que resultou em severas guerras entre a Índia, dominada pelos hindus, e o Paquistão, governado pelos muçulmanos.

O **Japão**, por outro lado, recuperou rapidamente uma posição de liderança política e económica na Ásia como aliado das potências ocidentais durante a Guerra Fria, sem nunca ter de pagar uma indemnização adequada pelas vítimas e pelos danos que causou nos seus países vizinhos na Segunda Guerra Mundial.

Em 1990, as despesas militares japonesas estavam entre as mais elevadas do mundo, com 30 mil milhões de dólares, e na viragem do milénio, o Japão comandava a terceira frota militar mais forte do Pacífico, depois dos EUA e da Rússia.

Nauru 1940: O Eclodir da Guerra na Oceânia



De acordo com a percepção geral, a Segunda Guerra Mundial no Pacífico começou a 7 de Dezembro de 1941 com o ataque japonês à base naval americana em Pearl Harbor, no Havai. Na realidade, já tinha havido um ataque à ilha do Pacífico Central de Nauru a 27 de Dezembro de 1940. Nesse dia, um navio ostentando o nome japonês “Manyo Maru” e hasteando a bandeira da marinha mercante japonesa aproximou-se da ilha. Os ilhéus esperavam que ele trouxesse a tão esperada mercadoria de arroz, mas quando o navio entrou no porto, a sua tripulação abriu fogo sobre as instalações de carregamento de fosfatos e os tanques de petróleo, pois na realidade era o cruzador armado alemão “Komet” disfarçado de navio de carga japonês. Não encontrando qualquer resistência em Nauru, os fuzileiros alemães içaram as suas bandeiras suásticas e fizeram a sua saudação fascista antes de desaparecerem de forma tão inesperada como tinham chegado. Em Agosto de 1942, os bombardeamentos anunciaram o desembarque das tropas japonesas em Nauru.



As instalações portuárias em Nauru incendiadas pelo navio de guerra alemão “Komet” em 1940.

Refugiados do Sri Lanka em busca de asilo num campo em Neuru a exigir reconhecimento do governo Australiano durante a semana internacional do refugiado em Junho de 2007

Mantiveram a ilha ocupada durante três anos e deportaram dois terços dos 2.000 habitantes para as tréguas de Atol na Micronésia, localizado a 5.000 quilómetros de distância, que o Japão tinha transformado na maior base naval do mundo. Ali, os deportados tinham de realizar trabalhos forçados. 463 deles morreram durante o processo. Para os sobreviventes, a Segunda Guerra Mundial só terminou a 31 de Janeiro de 1946 – com o regresso à sua ilha. 22 anos mais tarde, Nauru ganhou a sua independência, embora apenas no papel, uma vez que a exploração da faixa de fosfato levada a cabo por uma empresa mineira britânico-australiana tinha deixado grandes partes da ilha tão devastadas, que o estado mais pequeno do planeta permaneceu totalmente dependente dos seus antigos governantes coloniais, a Austrália. E os australianos fizeram uso disto em 2001, quando ofereceram a Nauru 20 milhões de dólares para acomodar 400 refugiados do Iraque e Afeganistão que não eram bem vindos na Austrália. Desta forma, a ilha dos deportados de ontem tornou-se a lixeira para os deportados de hoje. Somente após protestos internacionais e uma mudança de Governo na Austrália é que os campos de refugiados em Nauru foram fechados, em 2008. No entanto, foram reabertos em 2012 e a Austrália continuou, até 2023, a usar Nauru como um depósito de refugiados, que sofreram “sérios maus-tratos, tratamentos desumanos e negligência” (*relatório da amnistia internacional, Agosto de 2016*).



OCEÂNIA

Havai 1941: As Vítimas Polinésias de Pearl Harbor



OCEÂNIA



A energia eléctrica era desligada durante a noite, as janelas tinham que ser tapadas, os alimentos e a gasolina eram racionados, ninguém era autorizado a mudar de emprego e houve um recolher obrigatório. Qualquer pessoa que se aventurasse a sair depois das oito horas da noite era baleada”.

Os habitantes polinésios tiveram de ceder um terço do seu território às forças norte-americanas durante a Segunda Guerra Mundial. Nunca foi devolvido.

Apenas num passado recente, nos finais do século XIX, Havai tinha sido um país independente sob o reinado da rainha polinésia Liliuokalani. Mas então os proprietários de plantações americanas que queriam exportar o seu açúcar sem impostos para os EUA tinham tomado o poder através de um golpe de estado, provocando a afiliação do grupo de ilhas com os EUA contra a vontade da população polinésia e forçando os regentes havaianos a renunciar o delta de Pearl Harbor, na ilha de Oahu, a favor dos militares americanos. Foi uma fatídica concessão que levou à criação da base naval de Pearl Harbor. Apoiando-se no seu poder naval, os Estados Unidos declararam o Havai território dos EUA em 1900.

“Só isto fez das nossas ilhas um alvo para os japoneses na Segunda Guerra Mundial”, diz o polinésio Napua Keko’olani-Raymond.

Hoje, Pearl Harbor é o maior museu de guerra dos EUA com mais de 1,5 milhões de visitantes por ano.



A historiografia oficial dos EUA descreve o 7 de Dezembro de 1941 como o “Dia da Infâmia”. Neste dia, um ataque surpresa das forças japonesas dizimou quase completamente a frota americana do Pacífico em Pearl Harbor, no Havai. Só na sequência deste ataque é que os EUA entraram na Segunda Guerra Mundial. Hoje, um gigantesco museu ao ar livre no Porto de Honolulu comemora “o pior desastre da história naval dos EUA”: “21 navios, incluindo todos os oito navios de guerra de primeira classe, foram afundados ou danificados, 170 aviões do exército e da marinha foram destruídos”. O número de baixas: 2.400 mortos, 1.200 feridos”.

Para o Kekuni Blaisdell polinésio, 7 de Dezembro de 1941 marca também uma data significativa, mas sobretudo para os cerca de 100.000 habitantes tradicionais do Havai: “Imediatamente após o ataque, foi declarado um estado de guerra nas nossas ilhas. O exército militar dos EUA assumiu o poder.



“Lutar nas selvas das ilhas muitas vezes desabitadas foi uma das experiências mais horripilantes da guerra no Pacífico”.

Do documentário televisivo alemão “Von Hawaii nach Iwo Jima - Der Krieg im Pazifik” (Do Havai a Iwo Jima – A Guerra no Pacífico). “ZDF History”, Guido Knopp (editor), 5.9.2004. Nem um único ilhéu é visto ou ouvido no documentário.



Haunani-Kay Trask, Directora do Centro de Estudos Havaianos da Universidade de Honolulu salienta que após o ataque japonês à frota americana do Pacífico em Pearl Harbor, não só os soldados americanos tiveram de ir para a guerra, mas também muitos dos habitantes tradicionais das ilhas. O seu pai foi um dos polinésios recrutados em 1941. A sua experiência traumática no exército militar norte-americano “racialmente segregado” assombrou-o até à velhice. Nas cerimónias regulares de comemoração da queda da Segunda Guerra Mundial no “USS Arizona Memorial National Park” na Base da Marinha de Pearl Harbor, as vítimas polinésias não são consideradas dignas de menção.

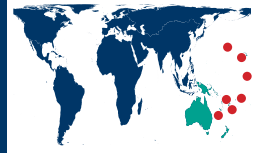
Haunani-Kay Trask – Havai



Estação de escuta 7: Haunani-Kay Trask – Havai

“Eu não tinha nascido, quando o meu pai foi para a guerra. Os meus pais casaram depois de Pearl Harbor. Pearl Harbor foi fundada a 7 de Dezembro de 1941 e casaram a 2 de Janeiro. A lei marcial foi imediatamente declarada e todos os que eram bons americanos inscreveram-se para ir para a guerra, incluindo o meu pai e todos os outros havaianos. Porque o exército americano era segregado na Segunda Guerra Mundial, não sabiam onde colocar os havaianos porque não eram negros – o exército tinha unidades negras separadas – mas também não os podiam colocar com homens brancos, porque os brancos ficavam chateados. Assim, eles tinham o seu próprio tipo de pequenas unidades na guerra, o que, claro, era o resultado de uma espécie de pensamento do apartheid que criou a separação, mesmo quando foram realmente para a guerra e estavam todos lá a ser mortos ao mesmo tempo. E muitas, muitas pessoas morreram. Mas o meu pai não morreu. Felizmente ele voltou, mas como muitos soldados, nunca quis falar sobre a guerra. Tornou-se um defensor e lutou arduamente contra o racismo. Mas muito raramente nos falava em criança sobre a guerra, porque era tão terrível”.

Bases de Destacamento para os Aliados no Pacífico Sul



OCEÂNIA

Na sequência do seu ataque a **Pearl Harbor**, as forças japonesas avançaram da Micronésia para a Nova Guiné no Pacífico Sul, no início de 1942.

Na ilha offshore da **Nova Bretanha** estabeleceram uma base militar gigantesca na pequena cidade portuária de Rabaul, onde estavam estacionados até 90.000 soldados. A partir daí, as forças japonesas pretendiam avançar para a vizinha costa norte da Austrália, o que os Aliados tentaram evitar a todo o custo.

Os **EUA** enviaram centenas de milhares de soldados com equipamento militar pesado para a região ao longo de uma distância de 10.000 quilômetros. Para assegurar o seu abastecimento de armas e munições, alimentos, vestuário e cuidados médicos, foi rapidamente criada uma estreita rede de bases militares em todo o Pacífico.

O **Havai** serviu como primeiro posto avançado onde mais de um milhão de soldados americanos pararam a caminho dos campos de batalha da Oceânia.

As **Ilhas Midway** não estavam localizadas na rota de destacamento propriamente dita, mas a sua posição é a meio caminho entre o Havai e o Japão, o que fez delas uma base naval importante para os porta-aviões norte-americanos. Ao largo da costa destas ilhas, em Junho de 1942, as potências opostas travaram uma das mais significativas batalhas navais da Segunda Guerra Mundial.

Também de importância estratégica ao lado das colónias francesas do Pacífico da **Polinésia** e da **Nova Caledónia** foram os arquipélagos de **Samoa**, **Fiji** e, em particular, as **Novas Hébridas** ou **New Hebrides** (actual Vanuatu). Ali, na ilha de Espiritu Santo, foi criada em 1942 a “Base de Comando da Ilha IV” – campo de treino, área de recreação e campo médico para meio milhão de soldados dos EUA, Austrália e Nova Zelândia.

Os habitantes das ilhas ocupadas pelos militares norte-americanos tiveram de servir nas suas dezenas de milhares, como ajudantes baratos, construtores, fornecedores de alimentos ou batedores. Na **Samoa Americana**, a marinha americana também recrutou soldados, e mais de 8.000 ilhéus das Fiji foram lutar na guerra da selva nas Ilhas Salomão em 1943.

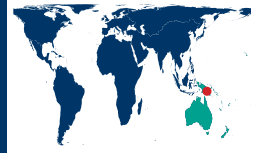
Juramento de recrutas na Samoa Americana.



Julho de 1943: Soldados de Fiji lutando pelos Aliados na Nova Geórgia nas Ilhas Salomão Ocidentais.



Nova Guiné: Agricultores e Pescadores em Guerra



OCEÂNIA

Até 1942, havia apenas cerca de 8.000 brancos a viver entre dois milhões de ilhéus indígenas na Nova Guiné, um território aproximadamente do tamanho da França. Ao longo dos três anos seguintes, a maior ilha do Pacífico foi vaporizada por 300.000 japoneses e um milhão de americanos e pouco menos de 500.000 australianos, tornando-a quase um soldado estrangeiro para cada ilhéu.

As forças estrangeiras recrutaram cerca de 100.000 ajudantes locais no terreno. Ambos os lados beligerantes cometeram uma multidão de crimes: saquearam casas, incendiaram aldeias e roubaram os abastecimentos e o gado dos aldeões. Utilizaram castigos corporais e tortura, violaram mulheres, abusaram dos seus homens e mandaram executar qualquer ilhéu que suspeitassem ter colaborado, através de fuzilamento.

Os oficiais japoneses ordenavam frequentemente aos ilhéus que marchassem em frente das suas próprias tropas como um “escudo humano”. Mas os Aliados também forçaram os habitantes locais à mão armada a cumprir vários deveres de guerra.

O principal teatro de guerra era o terreno acidentado da Cordilheira Owen Stanley, no interior da Nova Guiné.

Carregadores locais dos Aliados na linha da frente nas montanhas da Nova Guiné.



Apenas um estreito caminho pedestre conduzia desde a costa norte, onde os japoneses tinham desembarcado, até à cidade portuária de Port Moresby, na colónia Australiana de Papua, na costa sul. Este caminho, o Trilho de Kokoda, foi objecto de uma guerra de desgaste que durou vários meses, na qual ambos os lados dependiam de ajudantes locais. Estes tinham de explorar o terreno, limpar caminhos na selva, construir pontes temporárias, erguer acampamentos, construir barracões, bem como cavar trincheiras, montar campos de tiro e construir bunkers. Caçavam e pescavam para os soldados. Montavam armadilhas e colocavam emboscadas. Por caminhos íngremes, transportaram tudo o que os estrangeiros necessitavam, para travar a sua guerra, para as montanhas: tendas e sacos-cama, louça e candeeiros, provisões de comida e água, canhões e granadas, armas e munições. E na sua descida equilibravam os feridos em macas de bambu para os levar de volta aos campos de base e aos hospitais de campo no vale.

127.000 japoneses e dezenas de milhares de australianos e americanos morreram durante os combates na ilha. Ninguém se preocupou em contar as vítimas entre os habitantes locais.

Membros de um batalhão de infantaria na Nova Guiné, Novembro de 1944.





“Para que e com que fundamentos deve o Japão compensar? Se o povo da Nova Guiné pedisse uma indemnização, eu gostaria de lhes perguntar os fundamentos do seu pedido. Afinal de contas, estávamos a defendê-los. Não creio que lhes tenhamos causado qualquer problema. Só usámos as suas terras como campo de batalha”.

Yusako Goto, membro do Alto Comando japonês na Nova Guiné durante a Segunda Guerra Mundial, no documentário australiano “Senso Daughters” (1990).



Asina Papau e **Ovivi Arau** estavam entre as dezenas de milhares de carregadores e ajudantes locais utilizadas pelos Aliados na Nova Guiné na Segunda Guerra Mundial. Meio século depois, numa entrevista para o documentário “Anjos de Guerra”, eles criticaram o governo da sua antiga potência colonial, a Austrália, por nunca reconhecer, e muito menos por os compensar pelos seus esforços de guerra. E isto apesar do facto de durante a guerra os militares da Nova Guiné gozarem de uma reputação lendária. Cantores populares celebraram-nos como “Fuzzy Wuzzy Angels” (por causa dos seus cabelos encaracolados), e o soldado australiano Bert Beros tinha-lhes dedicado um poema nas ferozmente contestadas Montanhas Owen Stanley em 1942, que uma rádio australiana tinha popularizado em todo o país. Tudo isto foi esquecido depois de a guerra ter terminado.



Asina Papau/Ovivi Arau – Nova Guiné

Estação de Escuta 8: Asina Papau/Ovivi Arau – Nova Guiné:



(canção australiana “Fuzzy Wuzzy Angels”)

(Bert Beros, soldado australiano, lê o seu poema “Anjos Com os Cabelos Encaracolados”):

“Muitas mães na Austrália quando um dia atarefado é feito

Enviam uma oração ao Todo-Poderoso para a guarda do seu filho

Pedindoi que um anjo o guie e o traga de volta em segurança

Agora vemos essas preces serem respondidas na pista Owen Stanley. Lentos e cuidadosos nos lugares maus da horrível pista de montanha O olhar sobre os seus rostos fá-los-ia pensar que Cristo era negro.

Que as mães da Austrália, quando oferecem uma oração

Mencionem aqueles anjos improvisados com o seu cabelo felpudo”.

(Asina Papau – Nova Guiné): “Desde a guerra, nada tem sido feito pelos trabalhadores. Os jovens não sabem como as coisas foram difíceis para nós. As pessoas estão a esquecer-se de que carregamos os feridos sobre um ombro e bombas sobre o outro.

Não tínhamos medo dos japoneses. Trabalhámos arduamente, apesar de todo o perigo. Foi-nos prometida uma compensação e peço agora o que nos foi prometido”.

(Ovivi Arau – Nova Guiné): “Era tão terrível como ajudantes, que tivemos de dormir na nossa própria merda. A Austrália tratou-nos daquela maneira – como merda! Tive de dormir sobre os cadáveres dos japoneses. Bebi água cheia da sua carne em decomposição. Mas por termos suportado tudo isto, não temos nada”.

A Revolta de Soldados Coloniais da Papua



Na Nova Guiné, milhares de ilhéus lutaram ao lado dos Aliados, muitos dos quais vindos da colônia australiana da Papua, no sul da ilha. O comandante do 162º Batalhão de Infantaria dos EUA na Nova Guiné escreveu sobre o Pacific Islands Regiment (*Regimento das Ilhas do Pacífico*), tripulado por soldados locais: “O trabalho dos membros desta Companhia durante as operações foi notável e, sem a valiosa assistência desta, as nossas tropas teriam tido extrema dificuldade em cumprir a sua missão”.



Contudo, muitos oficiais australianos viam os soldados coloniais como subordinados que não estavam aptos a serem tratados nos mesmos termos que os seus mestres brancos. Os batalhões de Papua tiveram muitas vezes de lutar na linha da frente durante o dia e de vigiar durante a noite para que os soldados australianos pudessem desfrutar de uma boa noite de sono. Em finais de 1944, os comandantes australianos ordenaram aos soldados indígenas que tirassem os seus uniformes e continuassem a lutar com os seus panos de lombo, até mesmo anexando-lhes as insígnias das suas fileiras militares.

Um sargento do *Regimento das Ilhas do Pacífico* chamado Tapioli recusou-se a obedecer a esta ordem humilhante e informou o seu superior australiano que preferia pintar as suas riscas “no rabo” do que usá-las na coxa. Outros soldados seguiram o exemplo de Tapioli e reclamaram de forma vociferante sobre este “insulto deliberado”. Quando o jovem oficial australiano D.J. Kerr tentou repreendê-los, os ilhéus atacaram-no com paus. A altercação quase se transformou numa troca de tiros entre os soldados revoltados e as tropas Aliadas.

Quatro dos novos rebeldes guineenses foram levados a comparecer perante um tribunal militar que os sentenciou a seis meses de prisão. Contudo, os arguidos utilizaram o julgamento para promover a sua causa. Eles denunciaram a desigualdade e a atitude racista dos seus oficiais australianos. Um cabo indígena de nome Diti resumiu a sua indignação dizendo que estava acostumado a saudar com o seu braço, como todos os soldados fizeram. Se fosse forçado a usar as suas riscas no seu colo, mostraria aos seus oficiais o que pensava deles, levantando a sua perna, como um cão, e piscando os seus genitais.

O Sargento William Matpi gritou que “se os mestres quisessem disparar sobre ele, podiam”. Ele tinha lutado bem ao lado dos soldados australianos e americanos, e devia ter um uniforme de adequado, “não um usado pelos criados”. Como resultado destes protestos, os comandantes australianos foram finalmente forçados a cancelar o seu novo regulamento de uniforme.

OCEÂNIA

Escotismo para os Aliados nas Ilhas Salomão



Os batedores ou escuteiros locais transmitiam informações sobre as posições japonesas às estações de rádio secretas dos Aliados.



O Corpo de Trabalho das Ilhas Salomão era constituído por 3.700 homens que efectuavam todo o tipo de trabalho para os Aliados.

As quase mil ilhas e atóis das Ilhas Salomão, habitadas por cerca de 200.000 caçadores, agricultores e pescadores na altura, ainda nem sequer tinham sido mapeadas em pormenor quando se tornaram um campo de batalha na Segunda Guerra Mundial, referida como “grande morte” pelos ilhéus como sendo a causa das suas consequências devastadoras.

No início de 1942, a força aérea japonesa levou a cabo os seus primeiros ataques aéreos às ilhas. Pouco depois, as tropas japonesas aterraram na ilha principal de Guadalcanal e começaram a construir uma pista de aterragem na costa leste. Pretendia-se que a pista tivesse três quilómetros de comprimento e 300 metros de largura e deveria permitir aos japoneses controlar o espaço aéreo sobre o Pacífico Sul. A fim de concluir o mais rapidamente possível, as tropas japonesas deportaram milhares de homens da Coreia para Guadalcanal e também reuniram os ilhéus das aldeias vizinhas como trabalhadores forçados. Durante todo o dia, e mesmo à noite sob holofotes, tiveram de limpar plantações de coqueiros, nivelar campos e jardins, remover terrenos elevados, cavar trincheiras e construir depósitos, abrigos de ataque aéreo e quartéis.

No entanto, os batedores locais mantinham os Aliados informados sobre o progresso das obras de construção japonesas. A maioria destes ilhéus eram voluntários que tinham sido anteriormente membros da Polícia Colonial Britânica. Agora, eles misturavam-se com os outros trabalhadores no estaleiro de construção japonês, espiando os planos e as posições das tropas. Os seus mensageiros levavam então a informação durante a noite por caminhos da selva até estações de rádio escondidas nas montanhas. De lá, era transmitida em forma codificada para bases dos Aliados em Fiji, Vanuatu e Havai. Esta informação permitiu que as tropas de aterragem dos EUA apreendessem o aeroporto de Guadalcanal um pouco antes da sua conclusão e subsequentemente utilizassem-no para os seus próprios esforços de guerra. Em finais de 1943, as tropas japonesas foram forçadas a retirar-se das Ilhas Salomão. A campanha nas ilhas foi um ponto de viragem na guerra na Oceânia. Aqui, o Japão perdeu batalhas vitais no ar, no mar e em terra. Sem a ajuda da população local, os Aliados não o teriam conseguido, ou pelo menos não o teriam conseguido tão rapidamente. Milhares de habitantes das ilhas sacrificaram as suas vidas. O número exacto de vítimas é permanente desconhecido.

OCEÂNIA

Jacob Vouza – “Herói Nacional das Ilhas Salomão”



Uma estátua em Honiara, a capital das Ilhas Salomão, comemora os voluntários locais que lutaram e morreram ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Fica no centro da cidade e mostra um soldado melanésio em tanga ou pano de lombo, segurando uma catana. A estátua de bronze retrata Jacob Vouza, um “observador da costa”, que se recusou a revelar posições Aliadas mesmo sob tortura quando foi capturado pelos japoneses. A placa abaixo da estátua lê-se: “América, Austrália, Nova Zelândia e os Aliados agradecem aos habitantes das Ilhas Salomão pelos seus tremendos esforços durante a Segunda Guerra Mundial. Isto toca também os habitantes das Ilhas Salomão que lutaram ao nosso lado durante as batalhas das Ilhas Salomão desde Guadalcanal até Bougainville”. Esta apreciação de pedra pelos Aliados das suas tropas auxiliares locais pode ser bastante marcante - sendo tão rara -, mas mesmo assim não trouxe quaisquer benefícios financeiros. Após a guerra, a maioria dos veteranos das Ilhas Salomão ficou de mãos vazias.



Biuku Gasa provém de um remoto território lagunar no norte das Ilhas Salomão e durante a guerra fez história a nível mundial. Quando as Ilhas Salomão se tornaram um campo de batalha em 1943, Biuku Gasa voluntariou-se para explorar as posições japonesas para os Aliados. Disfarçado de pescador tradicional e juntamente com o seu amigo Aaron Kumasi, operou atrás das linhas inimigas. Numa das suas viagens de reconhecimento numa canoa escavada, descobriram um grupo de soldados norte-americanos encalhados numa pequena ilhota. Os batedores foram buscar ajuda e assim também salvaram a vida do capitão dos EUA encalhado: John F. Kennedy. 60 anos depois, Biuku Gasa ainda proclamava orgulhosamente: “Sem mim, não teria existido o Presidente dos EUA, John F. Kennedy”.



ESTAÇÃO DE ESCUTA

Biuku Gasa – Ilhas Salomão



Estação de escuta 9: Biuku Gasa – Ilhas Salomão

“Os japoneses foram os primeiros a aparecer aqui na zona de Munda. Na altura, todos fugiram, espalhando-se em todas as direcções. Fui a Gizo para ser voluntário como batedor. Estava de regresso a Gizo com o meu amigo Aaron Kumasi quando descobrimos um barco estilhaçado num recife à entrada da lagoa. Remámos em direcção à ilha mais próxima quando de repente um homem saiu de debaixo das árvores e para a praia, chamando: “Ei, ei, vem, vem! Mas nós recuámos rapidamente, pensando que ele era japonês. Ele gritou: ‘Ei, se são batedores, conhecem John Kari, não conhecem?’. John Kari era da minha aldeia e era também guarda costeira. Foi assim que soubemos que tínhamos encontrado amigos. Eram americanos, nove homens no total. Dissemos-lhes para terem cuidado porque tínhamos visto outro homem numa ilha vizinha que era provavelmente japonês. Mas eles responderam: ‘Não, não, ele não é japonês, é o nosso capitão à procura de água’. Kennedy!”. Quando o Capitão Kennedy conduziu o seu barco para a baía de Kolombangara, não tinha reparado que um contratorpedeiro japonês estava em perseguição. E por isso fez ‘boom!’ Os japoneses lançaram os seus torpedos e afundaram o barco de Kennedy. Dois dos seus tripulantes morreram. Os restantes onze fugiram para uma pequena ilhota na entrada da lagoa de Vonavona. Foi aí que os encontrámos. Subimos coqueiros para ir buscar cocos para eles, abrimo-los e demo-los aos americanos, incluindo Kennedy. Ele falou um pouco de Pidgin English e queria que entregássemos uma mensagem às suas tropas. Mas nós não tínhamos papel. Eu disse-lhe: “Porque não escreve a mensagem na pele de um coco, ou, como vocês, brancos, dizem, na casca? Kennedy ficou tão encantado com esta ideia que segurou a minha cabeça nas suas mãos e perguntou-me como é que eu a tinha concebido. Depois esculpiu a mensagem no coco com uma faca: “Onze de nós sobrevivemos. Os dois nativos sabem onde estamos. Precisamos de um barco. Eles podem levar-vos até nós”. Ele pediu-nos que levássemos a mensagem a Rendova. Mas nós não devemos ser vistos por ninguém. Se encontrássemos algum japonês, devíamos atirar o coco para o mar. Remámos 60 quilómetros até Rendova onde havia muitos americanos e conduzimo-los de volta à ilhota. Foi assim que salvámos a vida de Kennedy. E assim acabou a história”.

Aborígenes australianos: Soldados Sem Custos



Já em 1940, os oficiais de recrutamento australianos foram ainda instruídos pelas autoridades militares de que “não era necessário nem desejável” recrutar “pessoas que não fossem substancialmente de ascendência europeia”. No entanto, após a primeira bomba japonesa ter atingido a cidade de Darwin, no norte do continente, a 19 de Fevereiro de 1942, os aborígenes foram também bem-vindos para guardar esta região que era apenas escassamente povoada por brancos. Os Aborígenes não tinham direitos como cidadãos ou qualquer direito de voto – estes só foram concedidos na sequência de um referendo em 1967. Mas já tinham sido suficientemente bons para arriscar as suas vidas pelos Australianos nas linhas da frente da I Guerra Mundial. Agora, estavam encarregados de operar como “patrulhas móveis” ao longo da costa norte australianas, medindo milhares de quilómetros, e de levar a cabo uma “guerra de guerrilha em caso de desembarque por forças inimigas”.

O custo desta guarda costeira foi descrito pelos militares australianos como “muito moderado”, uma vez que o serviço dos Aborígenes não era recompensado financeiramente, mas sim com “anzóis de peixe, arame para lanças de peixe, tomahawks e canos”. Os Aborígenes também só podiam transportar as suas “armas tradicionais”, ou seja, lanças e sem armas.

Apesar disso, os seus instrutores brancos estavam convencidos de que os aborígenes podiam

facilmente derrotar pelo menos qualquer tropa de desembarque japonesa mais pequenas: “Os Aborígenes eram mestres totais do seu ambiente. Os seus dotes bushcraft ou conhecimento de vida no mato eram soberbos. Conheciam o país em pormenor; em particular, sabiam onde se encontrava água. Os seus conhecimentos de bushcraft e conhecimentos locais deram-lhes uma mobilidade que nunca poderia ter sido igualada pelos japoneses ... a unidade não tinha uma linha de abastecimento para proteger. Os Aborígenes encontravam a sua comida, água e até armas no mato. Os japoneses, por outro lado, se tivessem aterrado, teriam estado no final de uma linha de abastecimento alargada e vulnerável – apresentando oportunidades ideais para operações de guerrilha”. No entanto, os militares australianos ainda se deparavam com um problema que achavam difícil de resolver. Os Aborígenes não conseguiam compreender porque é que, de repente, estavam destinados a matar qualquer japonês sem ser castigado, depois deles próprios terem experimentado exactamente o oposto. Em 1932, a polícia australiana tinha enviado uma expedição punitiva para levar três dos seus líderes para a prisão. Foram acusados do assassinato de pescadores japoneses de pérolas que tinham assediado mulheres aborígenes. Aparentemente, levou algum tempo até que os aborígenes acreditassem que eram agora expressamente solicitados a matar japoneses.

OCEÂNIA



Os guerreiros aborígenes armados apenas com lanças assumiram a guarda da costa norte australianas pouco povoada em Arnhemland em 1942..

As Estrelas da Avó Lovett

“Durante a Segunda Guerra Mundial, o departamento de Defesa deu estrelas a algumas mulheres, simbolizando o reconhecimento da Austrália dos sacrifícios que as suas mulheres faziam em tempo de guerra. Foi emitida uma estrela para cada parente masculino das forças armadas (...) A avó Hannah Lovett (...) poderia ter usado uma coroa de estrelas.

A avó Hannah e o seu marido, James, criaram uma família de combatentes. Cinco dos seus filhos serviram no estrangeiro na Primeira Guerra Mundial (...) Edward, Frederick, Herbert e outro filho, Samuel, também se voluntariaram para a Segunda Guerra Mundial. (...) A família da avó Hannah serviu bem a Austrália, mas a Austrália ignorou os Lovetts quando pediram espaços de assentamento de soldados na terra que os seus antepassados tinham ocupado por milénios. Ao contrário, a terra foi dada aos soldados brancos”.



Alick Jackomos, Derek Fowell: Forgotten Heroes. Aborigines at War. (Heróis esquecidos. Aborígenes em guerra.) Melbourne 1993.

“Avozinha” Hannah Lovett (ao centro, com medalha). 19 membros da sua família ao longo de duas gerações serviram em guerras pela Austrália.



Enquanto serviam na Europa, os soldados Maori só muito raramente recebiam notícias de Aotearoa (Nova Zelândia).



Soldados do Batalhão Maori preparam-se para o destacamento em Faenza, no norte de Itália.

O Batalhão Maori da Nova Zelândia

Antes da Segunda Guerra Mundial, a população indígena Maori da Nova Zelândia era vista como cidadãos de segunda classe no seu país e, como tal, não elegível para se juntar às forças armadas. Mas quando a necessidade surgiu, também eles eram autorizados a ir para guerra, embora apenas como um “Batalhão Maori” separado e sob o comando de oficiais brancos. Os Maoris lutaram ao lado dos Aliados na Síria, Egito, Líbia, Tunísia, Grécia e Itália. Eles sofreram 640 mortos, 1.791 feridos e 158 capturados.

O canto de marcha do Batalhão Maori:

“Uma banda leal dos Maoris. Velejando a partir da Nova Zelândia.

Para nos conquistar a liberdade e a paz.

Marchando ombro a ombro em frente E nós gritaremos novamente.

Ake aka kia kaha e. Haere tonu haere tonu ra. Kia-o-ra Kia-o-ra.

Batalhão Maori marcha para a vitória (...).”

Colónias francesas no Pacífico: Dos Mares do Sul para o Norte de África



Quando a **França** declarou guerra à Alemanha a 3 de Setembro de 1939, dois dias após o ataque da Wehrmacht à Polónia, a mobilização geral incluiu também as colónias francesas no Pacífico. Não só os ilhéus tiveram de realizar trabalhos forçados na construção de bases militares, por exemplo na Nova Caledónia, onde 300.000 soldados aliados se prepararam para o seu destacamento para o Pacífico Sul; milhares de ilhéus também tiveram de entrar em guerra do outro lado do mundo com o *Bataillon du Pacifique*.

Polinésios (do Taiti) e **melanésios** (da Nova Caledónia) lutaram com o Exército Francês Livre contra as tropas do governo de Vichy no Líbano em 1941, e contra as forças fascistas alemãs e italianas no deserto líbio em 1942/43.

Participaram na libertação de Roma, bem como nos desembarques aliados em Provença. E no final de 1944, empurraram as tropas alemãs de volta a Belfort na Alsácia antes de terem de esperar um ano num campo no sul de França para o seu transporte de volta ao Pacífico.

Em **1940**, Henri Naisseline, um alto dignitário local, tinha apelado aos seus compatriotas para “estarem ao lado de Gaulle”, a fim de defenderem a honra do tricolor, “simbolizando o espírito de liberdade e justiça”.

Ao mesmo tempo, escreveu uma carta ao General de Gaulle, expressando a sua esperança de que aos ilhéus fosse concedida a cidadania francesa em reconhecimento “dos feitos e sacrifícios de todos aqueles de nós que contribuirão e que cairão em campos de batalha distantes”.

Em **1945**, Naisseline recordou aos governantes franceses que tanto o Governador Sautot como o Almirante d’Argenlieu lhe tinham prometido conceder a cidadania aos ilhéus “após a conclusão das hostilidades”. A França nunca honrou esta promessa.



Os voluntários do Bataillon du Pacifique (retratos anónimos dos “Archives territoriales de Nouvelle-Calédonie”).

OCEÂNIA

O Chefe das Ilhas Polinésias adverte sobre Hitler em 1939



O atol de coral de Hikueru, mais de 500 quilómetros a leste do Taiti. De lá, Nohorai Sue, o "chefe" tradicional da ilha, ofereceu a sua ajuda contra a Alemanha de Hitler numa carta à Radio Club Océanie (R.C.O.), a estação emissora da colónia francesa Polinésia, a 21 de Outubro de 1939.

“Quando Hitler falava de paz no passado, já contradizia as suas acções. Tudo o que Hitler diz é uma mentira. Sabemos sobre as crueldades do seu regime injusto. Sabemos que ele nem sequer honra os tratados que ele próprio assinou. Isto é confirmado pelas suas ameaças, pela sua agressão e pelas suas guerras contra Estados europeus mais pequenos. Primeiro anexou a Áustria, depois a Checoslováquia, e no mês passado desceu à Polónia. A Alemanha revelou-se para o mundo como uma nação que deve ser ostracizada. Qualquer pessoa que valorize a justiça e a liberdade considerá-la-á insuportável tendo de testemunhar mais uma guerra cruel na Europa em 1939. Nem mesmo duas décadas depois da nação alemã, que sempre desejou mal aos outros, ter sido arrasada até ao chão, levantou-se mais uma vez para atacar outros países a fim de se apropriar da sua riqueza e dos frutos do trabalho dos seus habitantes. Por conseguinte, a população de Hikueru está preparada, por unanimidade e instantaneamente, para seguir qualquer apelo para defender a França e vir em auxílio do país”.

Uma crítica à Guerra “Moderna”

A Segunda Guerra Mundial, conduzida por tropas estrangeiras nas ilhas do Pacífico, deixou muitos dos seus habitantes com um choque cultural. O antropólogo David Welchman Gegeo ilustra isto usando a sua própria ilha de Malaita nas Ilhas Salomão como um exemplo:

“Entre os Kwará’ae em Malaita – a minha cultura – a guerra consistia em pequenos ataques e escaramuças entre tribos, com arcos e flechas como armamento, combate frente a frente, forte raiva mútua e antagonismo entre combatentes opostos, e reduzidas taxas de baixas”. Os anciãos Kwará’ae ficaram chocados com o comportamento dos soldados estrangeiros, “que combatiam todo o dia e depois regressavam ao acampamento à noite para ver filmes, brincar e divertir-se” enquanto “os campos de batalha estavam cobertos de cadáveres – demasiados para enterrar (...) Porque estes soldados não estavam pessoalmente zangados com os seus adversários, os anciãos do Kwará’ae tinham dificuldade em compreender o que era a guerra”.



Atolos Entre as Frentes: A Guerra no Pacífico Central



OCEÂNIA

Durante 1943/44, a linha da frente da guerra na Oceânia deslocou-se para as **Ilhas Gilbert e Ellice**, controladas pelos Britânicos, na zona do Pacífico Central. O norte do arquipélago tinha sido ocupado por tropas japonesas desde 1942; o sul tornou-se uma área de destacamento para os Aliados.

A base japonesa localizava-se na ilha de **Tarawa**. Túpua Leupena, uma testemunha ocular, recorda-se: “Os japoneses entraram nas casas do povo e saquearam. Levaram as mulheres à força, mas não havia nada que pudéssemos fazer, tínhamos medo”. Apesar da ameaça mortal, algum ilhéus continuou secretamente a operar estações de rádio previamente instaladas pelo exército da Nova Zelândia. Transmitem avisos aos Aliados sempre que se aproximavam esquadrões anti-bombas ou unidades navais japonesas vindas do Pacífico Norte. Graças a este reconhecimento, os Aliados conseguiram aterrar apenas várias centenas de quilómetros a sul das posições japonesas em **Funafuti**, uma das ilhas Ellice, em 1942. A ilha era povoada por cerca de 4.000 pessoas na altura, que não tinham sido avisadas da chegada dos primeiros 1.000 fuzileiros norte-americanos e numerosas unidades de construção “por razões de segurança”.

Funafuti 1943: Os Aliados abateram dezenas de milhares de coqueiros para dar lugar a uma pista de aterragem. Isto permitiu-lhes atacar as posições japonesas na ilha vizinha de Tarawa.



O pânico espalhou-se assim entre os habitantes à medida que os navios de guerra se aproximavam da ilha pela primeira vez. Uma testemunha ocular relatou que a armada parecia um “grupo de caranguejos gigantes que corriam pelo oceano na nossa direcção”. As forças norte-americanas confiscaram um terço de Funafuti para uma pista de aterragem e reinstalaram os habitantes numa pequena ilhota.

Após várias semanas de combate, as tropas aliadas conseguiram finalmente tomar a base japonesa em Tarawa. Lá, recrutaram 2.000 homens para o Corpo de Trabalho das Ilhas Gilbert e Ellice. Os americanos chamaram aos trabalhadores locais de “bootless soldiers” ou soldados sem botas, porque andavam descalços.

Quando a linha da frente se deslocou mais para norte, em 1944, os ilhéus começaram a reconstruir as suas aldeias. Mas onde outrora havia coqueiros, agora só encontraram terra queimada. Os Aliados pagaram alguma compensação pelas plantações e jardins destruídos, mas isto nem sequer cobriu o valor dos frutos, coco e peixe que os ilhéus tinham sido obrigados a fornecer gratuitamente aos soldados estrangeiros ao longo dos anos de guerra anteriores.

Tarawa 1944: As mulheres locais trabalhavam para as tropas aliadas, por exemplo como cozinheiras, lavadeiras e limpadoras. Elas apresentaram um tapete tecido à mão aos soldados como um “presente para a guerra”.



O Massacre de Banaba de 1945

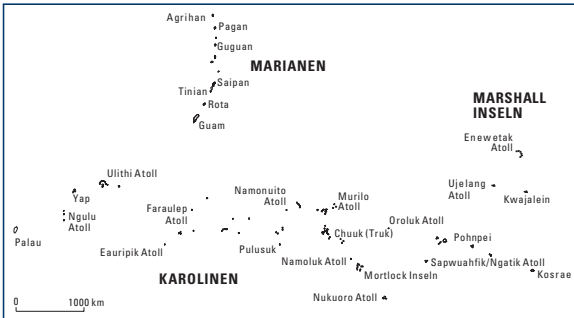
A 24 de Agosto de 1943, 500 fuzileiros japoneses desembarcaram na ilha do Pacífico Central de Banaba. Forçaram mais de mil ilhéus a embarcar em navios e deportaram-nos para bases militares japonesas no Pacífico Norte para realizar trabalhos forçados. Apenas cerca de 150 foram mantidos em Banaba como escravos de trabalho. Estes ainda estavam à mercê dos ocupantes, quando o Japão capitulou a 15 de Agosto de 1945. Nesta data, a guerra na Oceânia tinha oficialmente terminado, mas não em Banaba.

A 20 de Agosto, soldados japoneses amarraram as mãos dos trabalhadores e conduziram-nos às falésias perto da aldeia de Tabiang. Lá, vendaram os seus prisioneiros e alvejaram-nos. De acordo com um relatório da UNESCO, 143 homens morreram no massacre. Quando os Aliados desembarcaram em Banaba, a 1 de Outubro de 1945, só encontraram lá os japoneses que afirmaram ter evacuado todos os ilhéus. A verdade só veio à luz dois meses mais tarde, quando um homem meio esfomeado saiu do seu esconderijo e revelou o que tinha realmente acontecido. O seu nome era Kabunare, tinha 28 anos de idade e o único sobrevivente do massacre.

Nestas falésias, soldados japoneses massacraram 143 habitantes de Banaba a 20 de Agosto de 1945, uma semana depois da capitulação japonesa.



As Batalhas Finais e Crimes de Guerra na Micronésia



Mapa (Ilhas Carolina, Mariana e Marshall).

Sem a sua colónia da Micronésia, o Japão não teria sido capaz de levar a cabo os ataques surpresa à Pearl Harbor, o Pacífico Sul e a Ásia no final de 1941. As forças japonesas tinham estabelecido postos avançados, campos de treino e bases de abastecimento nas ilhas do Pacífico Norte, após a Primeira Guerra Mundial.

Quando os Aliados avançaram sobre a Micronésia em 1944, as tropas japonesas defenderam as suas fortificações militares lá “até ao último homem”. Não se renderam mesmo em situações completamente desesperadas.

Na ilha de Saipan, centenas deles saltaram para a morte ao largo dos penhascos íngremes na ponta norte da ilha, que desde então são conhecidos como os “Penhascos do Suicídio”. Os Aliados tiveram de mobilizar 600 navios de guerra e um quarto de milhão de soldados para libertar as ilhas micronésias da ocupação japonesa.

Guam 1942:
Oficiais japoneses guardam
trabalhadores forçados locais que plantam arroz.



Quando a Força Aérea Americana começou a bombardear posições japonesas na ilha de Guam, os soldados ali estacionados vingaram-se dos indígenas Chamorros.

Em Agat, soldados japoneses ordenaram a um agricultor de 40 anos que se ajoelhasse, esmagaram-no na parte de trás do pescoço com uma espada e deixaram-no a morrer. Em Agana, enterraram vivo um grupo de jovens. Em Tai, Fonte e noutros lugares, decapitaram ao acaso os ilhéus. A partir de 8 de Julho, Guam foi bombardeado dia e noite durante 13 dias consecutivos a partir de centenas de navios. Quando as tropas americanas conseguiram finalmente desembarcar, dois terços dos edifícios da ilha estavam destruídos e mais de 90% dos cerca de 22.000 Chamorros ficaram desalojados.

Outras ilhas micronésias também sofreram muito durante a guerra. Os japoneses deportaram homens de **Pohnpei** para as linhas de frente da Nova Guiné. Em **Kosrae**, forçaram os habitantes das ilhas a realizar trabalhos forçados. E em **Palau**, a sede do Alto Comando japonês, os 5.000 ilhéus indígenas tinham dez vezes mais o número dos soldados japoneses, que lhes roubaram todo o seu abastecimento durante um bloqueio naval aliado. Um terço dos ilhéus morreu à fome.

Conquistar a pequena ilha de **Tinian** revelou-se vital para vencer a guerra. A partir daqui, a Força Aérea americana pôde, pela primeira vez, alcançar o continente japonês com bombas pesadas de longo alcance, que nos dias 6 e 9 de Agosto de 1945 lançaram as bombas atómicas sobre Hiroshima e Nagasaki que forçaram o Japão a capitular. Isto significou o início da era atómica no Pacífico – com consequências de longo alcance para os habitantes da região.

“Tempos Radiantes” depois de 1945: A Militarização do Pacífico



OCEÂNIA



1946: Teste da bomba atômica no Atol de Bikini na Micronésia.

O confronto em bloco não moldou apenas a história do pós-guerra na Europa; teve também um efeito significativo na Oceânia. Muitas ilhas do Pacífico, desde a Polinésia até à Micronésia, foram negadas na dependência depois de 1945, porque os seus antigos governantes coloniais continuaram a utilizá-las como bases militares e pretendiam testar as suas armas lá. Até 1996, os EUA, Grã-Bretanha e França detonaram mais de 300 átomos, hidrogénio, plutónio e bombas de neutrões na região do Pacífico.

As forças norte-americanas implantaram instalações de monitoria de submarinos nucleares na ilha micronésia de **Yap**, bem como estações de radar para a Força Aérea norte-americana nas Ilhas **Marianas** do Norte. Em **Kwajalein**, um atol das terras Marshall que já tinha servido como base japonesa na Segunda Guerra Mundial, os militares norte-americanos forçaram os habitantes a mudarem-se para **Ebeye** em 1960 – uma ilha 13 vezes mais pequena. Desde então, a Lagoa Kwajalein tem sido utilizada como campo de ensaio para a detonação de mísseis de longo alcance que detonam ali após terem sido lançados a mais de 7.000 quilómetros de distância na Califórnia.

No auge da Guerra Fria, a União Soviética também detonou mísseis de longo alcance no Oceano Pacífico entre o Japão e o Havai.

Os primeiros mísseis balísticos intercontinentais da República Popular da China atingiram o norte das Ilhas **Fiji**. Já na década de 1980, mais de 100 submarinos nucleares de várias nacionalidades atravessaram o Pacífico, para além de navios de guerra e porta-aviões com mais de 10.000 ogivas nucleares a bordo. No **Havai**, havia mais armas nucleares estacionadas do que em qualquer outra parte do mundo.

Nos países limítrofes do Pacífico, foram construídas 200 centrais nucleares e os resíduos radioactivos foram despejados no oceano em numerosos locais.

Os militares americanos viam o Pacífico como um “lago americano” e criaram um denso cinturão de semicircular de bases militares 10.000 quilómetros a oeste do continente americano, desde **Okina-wa** no Japão via **Coreia do Sul**, **Taiwan** (antiga Formosa), **Filipinas** e **Micronésia** até à **Austrália** e **Nova Zelândia**. 360.000 soldados estavam ali estacionados no final dos anos 80.

O Nuclear Free and Independent Pacific Movement, NFIP (Movimento para um Pacífico Independente e Livre de Armas Nucleares) formou-se em 1975 como uma oposição para a militarização da Oceânia, unindo iniciativas anticoloniais, indígenas e ecológicas em toda a região do Pacífico. O movimento conseguiu fazer parar os testes nucleares no ano de 1996.



Kwajalein na Micronésia: Na Segunda Guerra Mundial, primeiro uma base japonesa, depois um porto de escala para as forças dos EUA, no Pacífico a partir de 1944. Campo de ensaio para os mísseis americanos de longo alcance desde 1960.

Por um Pacífico sem armas nucleares!



Caricatura do Havai:
Páre de protestar!
Eles são também para
a sua proteção!

Cartaz de protesto da Conferência
das Igrejas do Pacífico contra a con-
taminação da Oceânia causada por
resíduos nucleares, testes de bombas
e armazenamento de armas.



"Da próxima vez que forem à guerra, por favor não o façam na nossa parte do mundo!"

Uma mulher idosa do arquipélago de Palau, na Micronésia.

Do “ponto Um Milhão de Dólares” para um “som na base de aço”



Uma praia na ilha de Espiritu Santo ainda com os escombros enferrujados espalhados das tropas americanas que despejaram o seu equipamento no oceano após o fim da guerra. Os ilhéus chamam o local de Ponto Milhão de Dólares ou “Million Dollar Point”.

Numa praia em Espiritu Santo, uma pequena ilha no norte de Vanuatu, as tropas norte-americanas despejaram todo o seu equipamento no mar após o fim da guerra em 1945: jipes e camiões de trabalho, pneus e motores, armas e canhões, peças sobressalentes e ferramentas, estações de rádio, receptores e equipamento telefónico, uniformes e tendas, mesas e cadeiras de aço, pensos para feridas e medicamentos, bem como inúmeras caixas de comida e bebida. Os ilhéus não podiam acreditar quando viram os soldados a usar bulldozers para despejar todos estes bens valiosos de um cais e para o mar.

Havia várias razões para este gigantesco desperdício. A administração colonial britânico-francesa da ilha não queria que as tropas norte-americanas entregassem o seu equipamento parcialmente novo aos ilhéus, pois poderiam tê-los vendido e viver do lucro em vez de trabalharem para os seus mestres coloniais. Os EUA também consideravam população do Pacífico como futuros clientes para os seus bens, razão pela qual os soldados não podiam dar nada, provocando cenas semelhantes em muitas ilhas do Pacífico.

Os ilhéus nomearam apropriadamente o local deste enorme acto de desperdício de **Million Dollar Point** (Ponto Milhão de Dólares). Nessa altura, as pessoas vinham até de barco das ilhas vizinhas para “procurar roupas e artigos comestíveis” no leito do oceano.

Os turistas que visitam as Ilhas Salomão consistem principalmente em veteranos e seus familiares. Podem comprar postais com os escombros militares deixados para trás nas ilhas pelas tropas dos seus países.



Ao longo das Ilhas Salomão ainda há vestígios visíveis da guerra seis décadas após o seu fim. Visitantes estrangeiros aterram na ilha principal Guadalcanal num aeroporto que foi construído durante a guerra e chama-se “Henderson Air Field”, nome de um oficial norte-americano. Como a sede da administração colonial britânica na pequena ilha de Tulagi tinha sido completamente bombardeada, a nova capital longe do aeroporto sobre destroços da tal Honiara foi criada não muito depois.

A estrada que leva até lá é forrada com casernas e bunkers, canhões e crateras de bombas, destroços de aviões e partes de tanques em decomposição. Navios de guerra e embarcações de desembarque em naufrágio continuam a enferrujar nas praias da ilha.

As colinas a oeste de Honiara chamam-se **Bloody Ridge** (Cume sangrento) por causa das brutais batalhas que ali tiveram lugar. E o estreito ao largo da capital é novamente transportado para o **Iron Bottom Sound** (Estreito de Savo) como aqui o fundo do mar é o lar de 48 navios de guerra japoneses e americanos naufragados.

Hoje em dia, tais vestígios da guerra servem de atracções turísticas. Guias locais oferecem excursões sobre a Segunda Guerra Mundial ou “World War II Tours” e escolas de mergulho organizam viagens a navios de guerra naufragados. Estes tipos de relíquias de guerra podem ser encontrados em todo o lado, nas ilhas do Pacífico.

Brasileiros em Monte Castello Mexicanos em Manila



Dezenas de milhares de soldados da América do Sul e Central lutaram contra as potências do Eixo fascista e o continente também abasteceu os Aliados com matérias-primas baratas.

A **Bolívia** estava entre os países que pagaram pela guerra, segundo o escritor Eduardo Galeano: “Já condenado às rações de fome, o país apoia a causa Aliada vendendo a sua lata dez vezes mais barata em comparação com o que a já baixa taxa de consumo iria buscar”.

O **Uruguai** enviou curativos para as tropas Aliadas durante a guerra e também forneceu ao Exército Vermelho botas que foram produzidas por comitês antifascistas. Quando o navio de guerra “Graf Spee” atracou em Montevideo em 1939, os trabalhadores do estaleiro recusaram se a repará-lo. O capitão procedeu ao afundamento do seu próprio navio na foz do Rio da Prata (Rio de la Plata).

O **México** declarou guerra à Alemanha nazi a 22 de Maio de 1942, depois de submarinos alemães terem afundado navios mercantes mexicanos no Atlântico Sul. O governo mexicano já tinha acolhido dezenas de milhares de refugiados republicanos após a Guerra Civil Espanhola e também tinha concedido asilo a 1.500 antifascistas alemães. Em Abril de 1944, o México enviou uma ala da força aérea para as Filipinas, para participar na libertação de Manila da ocupação japonesa.



Mosaico do memorial no Rio de Janeiro em homenagem aos tombados da Segunda Guerra Mundial.



Soldados da Força Expedicionária Brasileira antes de embarcarem para servir em combate em Itália.

O **Brasil** produzia borracha, a matéria-prima para os pneus dos veículos militares. Para acompanhar o aumento da procura causado pela guerra, 55.000 homens do nordeste do Brasil foram recrutados como operários. Eram chamados “soldados de borracha”. Depois dos submarinos alemães e italianos terem afundado os navios militares e mercantis brasileiros ao largo da costa do país em 1942, o comando militar brasileiro enviou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para o combate com 25.000 soldados. Lutaram ao lado dos Aliados em Itália em 1944, por exemplo, na batalha de Monte Castello, durante a qual 500 brasileiros foram mortos.

“O acolhimento (em Itália) foi tudo menos amigável. Havia macacos pintados nas paredes, e havia slogans que diziam que os brasileiros comiam carne humana. Os brasileiros davam chocolate às crianças, que tremiam, para provar que não eram animais”.

(Pablo Reis: *Memórias do Front*. 2003)

AMÉRICA DO SUL

Dezenas de Milhares de Voluntários contra o Fascismo



Soldados das Caraíbas a caminho das linhas de frente da Europa.

Na ilha de **Porto Rico**, uma colônia americana, os militares norte-americanos registraram 350.000 homens no início da guerra, dos quais 53.000 foram até eventualmente chamados. A maioria deles permaneceu no país como força de proteção, os restantes estavam estacionados em **Cuba** e nas colônias europeias da **Jamaica**, **Trinidad**, **Curaçau**, **Aruba** e **Guiana holandesa**. O 65º Regimento de Infantaria da Guarda Nacional Porto Riquenha foi destacado para proteger o Canal do Panamá a partir de 1943. Quando não havia mais ameaças de ataques alemães ou japoneses, um regimento foi transferido primeiro para o Norte de África e depois para França em Dezembro de 1944. Em Março de 1945, os porto-riquenhos atravessaram o Reno para livrar o sul da Alemanha do regime nazi. Outros soldados porto-riquenhos assistiram a combates no Havai e na Birmânia.

Na altura da Segunda Guerra Mundial, a maioria das ilhas das Caraíbas estavam sob o

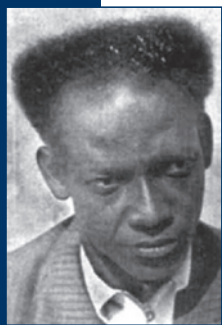
domínio colonial britânico. Com a ajuda de trabalhadores locais, a Força Aérea dos EUA estabeleceu onze bases da força aérea na região na **Jamaica**, **Antígua**, **Santa Lúcia**, **Trinidad**, **Bahamas**, bem como na **Guiana Britânica** e nas **Honduras Britânicas** (Belize). O seu objetivo era repelir os ataques de submarinos da marinha alemã que tinha afundado 336 navios só nas Caraíbas em 1942, metade dos quais eram petroleiros.

16.000 homens das Índias Ocidentais voluntariaram-se para se juntarem ao Exército Britânico. As colônias francesas da **Martinica** e **Guadalupe** também forneceram milhares de homens para as tropas francesas livres. A população das ilhas das Caraíbas também apoiou o esforço de guerra dos Aliados com donativos financeiros.

Só na minúscula ilha de **Granada**, não mais de 60.000 habitantes doaram mais de 20.000 libras para o Fundo de Guerra Britânico.

CARAÍBAS

O Combatente da Resistência do Suriname, Anton de Kom

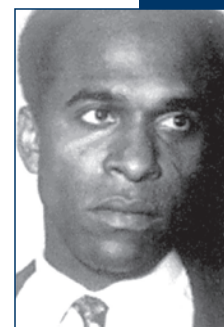


Na Suriname da década de 1930, surgiu um movimento de resistência contra o domínio colonial holandês. Anton de Kom, um dos intelectuais preeminentes do país, desempenhou um papel fundamental no mesmo. Estudou na Holanda, onde organizou outros estudantes das colônias que apoiavam a independência. Quando regressou ao Suriname, no início de 1933, muitos depositavam nele grandes esperanças. No entanto, os governantes coloniais deportaram-no e à sua família de volta para Amsterdão. Quando as tropas nazis se reuniram na Holanda, em Maio de 1940, Anton de Kom juntou-se à resistência e trabalhou para o jornal clandestino “De Vonk”. Em Agosto de 1944, agentes da Gestapo descobriram o material subversivo na sua caixa de correio. Levaram-no para Kamp Vught, um campo de concentração alemão em solo holandês. De lá, os nazis mudaram-no para Oranienburg em Setembro e mais tarde para Sandbostel, um sub-campo do campo de concentração de Neuengamme. Morreu lá a 24 de Abril de 1945, apenas alguns dias antes do campo ser libertado. Desde que o Suriname ganhou a independência em 1975, a Universidade na capital Paramaribo tem o nome “Anton de Kom Universiteit van Suriname”.

Frantz Fanon, Anti-fascista da Martinica

Frantz Fanon, um representante internacional do movimento de libertação argelino FLN na década de 1950, originalmente chamado a partir da Martinica, onde, aos 17 anos, se voluntariou para lutar pela França Livre. Tinha demonstrado um interesse precoce pelas consequências do racismo. O genocídio dos judeus cometido pelos alemães tinha sido um factor importante para a sua decisão de lutar na Segunda Guerra Mundial. No seu livro “Black Skin, White Masks” (Pele Negra, Máscaras Brancas) explicou:

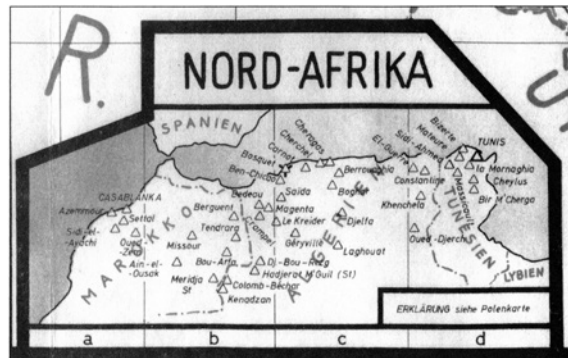
“O racismo colonial não é de forma alguma diferente de qualquer outro racismo. O anti-semitismo fere o meu núcleo mais íntimo, agrava-me e um horrível desrespeito escorre o meu sangue; é-me negada a oportunidade de ser um ser humano. Não me posso distanciar do destino que aguarda o meu irmão”.



Leis Anti-semitas e Campos de Trabalho no Norte de África



Marshall Philippe Pétain com Adolf Hitler em 1940.



Mapa alemão dos campos de trabalho no Norte de África.

Após o acordo de cessar-fogo entre o regime francês de colaboração sob Marshall Philippe Pétain e o regime nazi em Junho de 1940, os cerca de 500.000 judeus das colónias do Norte de África também se viram confrontados com um perigo mortal. Ainda em Maio de 1940, 1.350 judeus argelinos tinham dado as suas vidas na luta francesa contra a Wehrmacht alemã. Mas com a transferência da administração colonial para o regime de Vichy, os judeus na Argélia perderam primeiro a sua cidadania e depois quaisquer cargos ou funções públicas que detinham.

Após o “Estatuto dos Judeus” de 3 de Outubro de 1940, era ilegal para eles trabalharem, por exemplo, como jornalistas ou professores, e a partir de Junho de 1941 a proibição foi alargada a advogados, comerciantes, agentes de seguros e homens de negócios. Os oficiais coloniais franceses forçaram finalmente os judeus a vender os seus negócios e propriedades residenciais a preços degradados



e proibiram-nos de frequentar escolas e universidades. Juntamente com os seus colaboradores franceses, os fascistas alemães e italianos operaram mais de uma centena de campos de trabalho no Norte de África, onde membros da oposição política e presos deportados da Europa também se juntaram a milhares de judeus magrebinos que foram levados para lá. 562 prisioneiros foram obrigados a trabalhar até à morte num único campo em Giado, na Líbia, então uma colónia italiana.

No leste de Marrocos, 7.000 trabalhadores forçados tiveram de colocar os carris de um caminho-de-ferro trans-saariano planeado, que se estenderia até ao Níger.

Os campos na Argélia e Tunísia situavam-se na sua maioria em regiões desérticas remotas onde dezenas de milhares de prisioneiros estavam expostos aos sufocantes dias quentes e às noites amargamente frias, sem qualquer abrigo. Foi por isso que o combatente partidário Claudio Moreno descreveu o campo de Hadjerat M’Guil como um “Buchenwald francês no Norte de África”. Como resultado da fome, abuso e tortura nos campos de trabalho, de Pogroms como o da Tunísia em 1941, e da deportação para os campos de morte dos nazis, entre 4.000 e 5.000 judeus norte-africanos foram mortos.

Restos do campo de trabalho de Tendirara, no leste de Marrocos. Os prisioneiros de lá tiveram de colocar os carris para a linha férrea trans-saariana planeada pelo regime de Vichy.

PERSEGUIÇÃO DE JUDEUS

Os Ajudantes de Hitler no Norte de África

Líderes religiosos árabes da Argélia com Marshall Philippe Pétain em Vichy, 1942.



“Numerosos testemunhos afirmam que soldados árabes, polícias e trabalhadores desempenharam todos os papéis – por vezes grandes, outras vezes, pequenos – na implementação dos projectos dos perseguidores europeus dos judeus do Norte de África: desde a execução de estatutos anti-judaicos, ao recrutamento de trabalhadores judeus, até à operação de campos de trabalho forçado. Desde a

periferia de Casablanca até aos desertos a sul de Trípoli, os árabes serviram rotineiramente como guardas, vigilantes e supervisores nesses campos de trabalho. Com raras excepções, eram temidos pelos judeus (e outros) cativos como servos dispostos e leais dos seus superiores nazis, Vichy e fascistas”.

Robert Satloff: Entre os Justos. Histórias Perdidas do longo alcance do Holocausto nas Terras Árabes. Nova Iorque 2006.



Alice Cherki é escritora e psiquiatra. Nascida em Argel numa família judaica, já desde cedo teve de sofrer as leis anti-semitas do regime de Vichy, que também foram aplicadas nas colónias francesas. Na década de 1950, revolucionou a psiquiatria argelina juntamente com Frantz Fanon e lutou lado a lado com ele contra o domínio colonial francês na guerra argelina. Em 2000 publicou uma biografia do teórico dos movimentos de libertação anti-colonial: “Frantz Fanon, A Portrait”, ou Frantz Fanon um Retrato, que também foi publicada em inglês (Cornell University Press, New York 2006). Nela, demonstra quão significativas foram as experiências feitas por Fanon durante a Segunda Guerra Mundial para as suas posteriores análises do racismo e do colonialismo.


ESTAÇÃO DE ESCUTA

Alice Cherki – Argélia

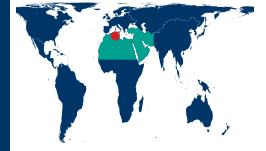


Estação de escuta 10: Alice Cherki – Argélia

“Quando o regime de Vichy chegou ao poder em 1940, uma parte substancial dos colonos europeus na Argélia eram apoiantes de Pétain. Eles puseram em prática as leis do governo de colaboração de Vichy o mais rapidamente possível, o que não era de todo necessário na Argélia. Os judeus foram afastados dos cargos públicos, os seus bens confiscados e as crianças judias deixaram de poder ir à escola.

Comerciantes judeus honestos que nunca tinham estado envolvidos em política foram transferidos para campos de concentração. Lembro-me muito bem do tempo, apesar de na altura ter apenas três anos de idade. Um dia, uma enfermeira do jardim de infância mandou-me para casa – porque eu era judia. Perguntei-lhe: ‘Madame, o que significa, ser judeu?’ Porque aos três anos de idade ainda não sabia nada sobre estas coisas. Ela respondeu: ‘Ser judeu significa ter grandes olhos, uma grande boca e grandes orelhas – tal como tu!’”

Planos Nazis para a “Solução Final” no Médio Oriente



O regime nazi também planeou a aniquilação dos judeus nos países árabes. O Comando Especial das SS que deveria organizar esta aniquilação aguardava em Atenas desde meados de 1942.

A unidade – incluindo “sete Führer das SS”, 17 Unterführer e esquadrões” – estava sob o comando do SS Obersturmbannführer **Walter Rauff**, que já tinha estado envolvido em assassinios em massa na Polónia. Em 1941 ele tinha mandado modificar os camiões para facilitar a morte das pessoas lá dentro com os gases de escape.

A sua “familiaridade com o processo de extermínio racionalizado dos judeus” predestinou Rauff “para a nova posição como líder de um esquadrão móvel da morte para o Médio Oriente”.

A unidade de Rauff consistia em não mais de 100 homens, mas, como na Europa Oriental, os nazis contavam em encontrar “voluntários” locais suficientes para a aniquilação dos judeus: “Como o humor já indicava há muito tempo, havia um contingente substancial e em parte bem organizado de árabes da população local que ofereciam os seus serviços como capangas dispostos dos alemães. O principal objectivo do comando de Rauff, a realização da Shoah na Palestina, teria sido rapidamente posto em acção imediatamente após a chegada do ‘Panzer Army Africa’”.

Após os Aliados terem conseguido repelir o ataque das tropas germano-italianas ao Egipto, o Comando da Morte das SS desembarcou na Tunísia em Novembro de 1942, onde na altura viviam cerca de 85.000 judeus. Imediatamente após a sua chegada, Rauff mandou prender membros dirigentes da comunidade judaica e ordenou-lhes que mobilizassem 2.000 judeus em trabalhos forçados até ao dia seguinte para trabalharem no desenvolvimento das linhas de frente alemãs. Caso eles não o fizessem, Rauff ameaçou “a prisão imediata de 10.000 judeus”. Os ocupantes alemães mandaram construir 30 campos de trabalho forçado na Tunísia e também forçaram os judeus a continuar a trabalhar nos portos e nas linhas férreas durante o bombardeamento dos Aliados. Além disso, os judeus tinham que pagar acusações no valor de milhões que foram utilizados para compensar a população árabe na sequência dos ataques dos Aliados, uma vez que o “judaísmo internacional” tinha sido alegadamente responsável por eles. Na cidade tunisina de Sfax, o comando SS planeou a construção de um campo de concentração, que não pôde ser realizado devido ao avanço dos Aliados.

Citações de: Klaus Michael Mallmann/Martin Cüppers, Halbmond und Hakenkreuz. Das Dritte Reich, die Araber und Palästina, Darmstadt 2006.

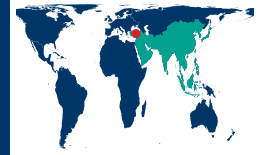
Walter Rauff, o comandante das SS para o Médio Oriente.



Judeus em Tunis a caminho de trabalhar como trabalhadores forçados, Dezembro de 1942.



PERSEGUIÇÃO DE JUDEUS



“Stolperstein” (pedra de tropeço) em 83 Rothenbaumchaussee, Hamburg-Eimsbüttel (Alemanha), para Alegria Benezra cuja família veio de Esmirna. Foi levada para o campo de concentração Fuhlsbüttel em 1940 e deportada para Riga em 1941.

“Os cerca de 20.000 a 25.000 judeus turcos residentes na Europa (também) tornaram-se alvo de perseguição nazi (...) 2.200 a 2.500 judeus de origem turca foram deportados para os campos de extermínio de Auschwitz e Sobibor durante o Holocausto, e mais 300 a 400 para campos de concentração em Ravensbrück, Buchenwald, Mauthausen, Theresienstadt, Dachau e Bergen-Belsen, onde muitos deles perderam as suas vidas. Outros sucumbiram às más condições nos campos de Drancy e Westerbork, foram baleados ou torturados até à morte pela Gestapo (...)”.

A família Kavajero de Izmir foi deportada para Auschwitz a 11 de Fevereiro de 1943.



“A importância da Turquia neutra para a estratégia de guerra alemã e o elevado número de ‘Reichsdeutsche’ (Alemães Imperiais) a viver na Turquia proporcionou aos turcos oportunidades formidáveis para protegerem os seus judeus que vivem na Europa. Vários diplomatas turcos utilizaram com sucesso esta constelação para obterem isenções de medidas anti-judaicas para os seus protegidos judaicos, e em numerosos casos individuais pressionaram de forma determinada pela libertação de judeus presos (...)”.

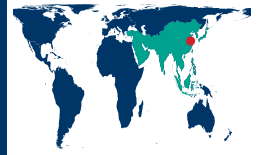
“Ao contrário dos esforços de diplomatas específicos no terreno, a política oficial de Ancara foi orientada, antes de mais, para evitar a imigração ou a reemigração de judeus para a Turquia. Na altura da Conferência de Evian, em 1938, o governo turco já tinha emitido o decreto confidencial 2/9498, que proibia a imigração de perseguidos Judeus. Já na década de 1930, a Turquia tinha revogado a cidadania de muitos judeus turcos residentes no estrangeiro (...)”.

“Em Outubro de 1942, o governo nazi fez um ultimato aos Estados neutros e do Eixo para repatriar os seus cidadãos judeus. Os judeus turcos constituíam um dos maiores grupos; os funcionários nazis estimavam entre 4.000 e 5.000 Judeus turcos que requerem repatriação apenas do Norte de França. O governo de Ancara reagiu ao ultimato expatriando milhares de outros judeus turcos residentes na Europa e instruiu os seus consulados a não procederem a qualquer repatriação de grupo (...) Ao adoptar esta abordagem passiva, a Turquia quebrou a sua obrigação de protecção para com os seus cidadãos no estrangeiro”.

Citações de:

Corry Gutstadt: A Turquia, os judeus e o Holocausto. Berlin/Hamburg 2008.

Planos Nazis para a “Solução Final” no Extremo Oriente



Na sequência da chegada dos nazis ao poder em 1933, muitos judeus fugiram da Alemanha por mar ou na linha férrea transiberiana para Xangai chinesa, pois este era um dos poucos lugares onde os refugiados sem visto eram bem-vindos. Até 1938, cerca de 18.000 judeus europeus chegaram ao país, diz-se que o número total final será de 30.000.

A maioria dos “Auslandsdeutsche” (alemães no estrangeiro) que viviam na China e conduziam o “comércio oriental” eram solidários com o nazismo. “No final de 1933, mais de 600 dos alemães que viviam na China já eram membros do NSDAP/AO. Havia um Gauleiter, uma Juventude Hitleriana e um jornal com uma suástica chamada “Ostasiatischer Beobachter”, e desde a chegada dos judeus refugiados da Alemanha houve também uma propaganda maciça e anti-semita dirigida aos chineses e aos japoneses”.

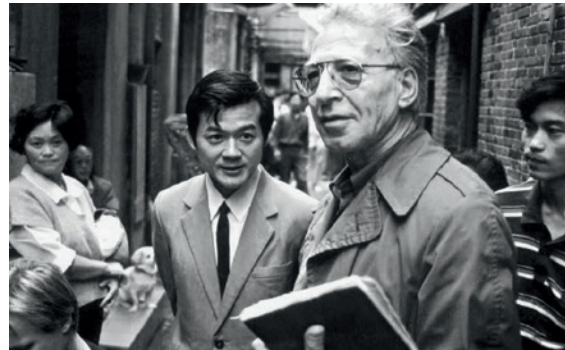
Pressionados pelos nazis alemães, a administração de ocupação japonesa instalou um gueto para os refugiados judeus no bairro bombardeado de Hongkou, em 1943.



A luta diária pela sobrevivência no gueto judaico de Xangai.



Memorial no bairro de Hongkou, comemorando os refugiados judeus e o gueto de Xangai.



Peter Finkelgruen visitando o antigo gueto judaico de Xangai.

Xangai em 1942, o regime nazi também enviou um alto funcionário nazi a Xangai, Josef Meisinger, que tinha adquirido o apelido de “o carneiro da Varsóvia”. Ele apresentou propostas aos ocupantes japoneses que advogavam “a solução final do problema dos refugiados judeus” mesmo aqui, na longínqua China:

“Os judeus podiam ser recrutados para realizar trabalhos forçados com rações alimentares decididamente insuficientes. Isto já diminuiria consideravelmente o seu número. Os judeus sobreviventes poderiam ser carregados para um navio deficiente, rebocados para o mar alto e abandonados ou afundados ali. O Comissário da Polícia apresentou uma outra proposta: na Península de Potong, uma chamada câmara de gás poderia ser construída com a assistência alemã”.

Os ocupantes japoneses não foram levados por estes planos de extermínio. Mas no gueto, que eles criaram e que existiu até a cidade ser libertada pelas tropas americanas a 3 de Setembro de 1945, contudo, muitas pessoas morreram – incluindo o pai de Peter Finkelgruen.

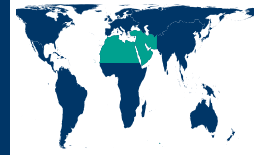
Citações de:

Peter Finkelgruen, Haus Deutschland oder die Geschichte eines ungesühnten Mordes,

Hamburgo 1994.

PERSEREGUIÇÃO DE JUDEUS

Simpatizantes Fascistas no Médio Oriente



A simpatia para com a Alemanha nazi e a Itália fascista no Médio Oriente não se restringiu apenas a partes da população; estendeu-se também aos círculos governamentais mais altos. Em muitos lugares, os partidos fascistas e os jovens ou gangues seguindo o exemplo da Juventude Hitleriana surgiram durante a década de 1930, tais como o “Partido Nacionalista Socialista Sírio” (1932), o “Partido dos Jovens do Egipto” (1933), e o Futuwwa no Iraque (1935) e na Palestina (1936). Representantes destas organizações participaram nos Comícios de Nuremberga, e algumas delas foram convidadas pessoalmente pelo líder da Juventude Hitleriana Baldur von Schirach quando viajou pelo Médio Oriente desde Damasco via Bagdad até Teerão em 1937. No Egipto e Marrocos, no Iraque e no Líbano, traduções do livro “Mein Kampf” de Hitler estavam disponíveis mesmo antes da guerra.



O **Rei Ibn Saud** da Arábia Saudita informou Hitler de que não tinha nada mais do que “o maior respeito e admiração” pelo “Führer da Alemanha”.

O **Rei Faruk** do Egipto declarou ter “enorme admiração pelo Führer e o maior respeito pelo povo alemão”, cuja vitória sobre a Inglaterra “desejava ardentemente” em 1941. Faruk esteve em contacto com os líderes das SS e revelou segredos militares britânicos à Wehrmacht alemã. A Irmandade Muçulmana Egípcia, cujo número de seguidores aumentou de 8.000 para 200.000 na década de 1930, seguiu o exemplo alemão, apelando a um boicote às lojas judaicas e exigindo um

boicote: “Judeus fora do Egipto e da Palestina”. Isto resultou em ataques à bomba contra uma sinagoga e residências privadas judaicas no Cairo em 1939.



Gamal Abdel Nasser, presidente egípcio de 1954 a 1970.



Anwar as-Sadat, presidente egípcio de 1970 a 1981.

Oficiais egípcios, incluindo os antigos presidentes **Gamal Abdel Nasser** e **Anwar as-Sadat**, estavam em contacto permanente com o comando do “Afrikakorps” alemão na Líbia em 1942 e coordenaram as suas actividades com o general nazi Erwin Rommel. Para tal, Sadat recebeu equipamento de rádio e 20.000 libras de agentes secretos alemães no Cairo em 1942.

Os líderes árabes também mantiveram um contacto amigável com Mussolini, que tentou enraizar-se a eles como a “Espada do Islão” em emissões de rádio de língua árabe a partir de Itália e que queria conduzir pessoalmente as tropas germano-italianas para o Cairo em 1942 “num cavalo branco”.

O Rei Faruk do Egipto e **Schekh el-Azhar**, o chefe dos muçulmanos egípcios, planeava um acolhimento tremendo para as tropas fascistas, que iria exceder a pompa com que o próprio Napoleão foi outrora acolhido. As forças britânicas no Norte de África impediram-no – com a ajuda de dezenas de milhares de soldados coloniais de todo o mundo.

COLABORAÇÃO

“Comemorando as vitórias nazis”

“Vinte e quatro horas por dia, as estações de rádio de Bari, Palermo e Berlim gritavam as promessas de Mussolini – a ‘Espada do Islão’ – na Língua árabe: ‘Pilhagem imensurável, morte para os ingleses e os judeus!

(...) No Próximo Oriente (...) uma quietude ominosa e sinistra prevalecia sob o exército britânico. O jovem Rei Farouk do Egípto e os seus ministros recusa-

ram-se a levantar um pequeno dedo na defesa do seu país invadido. Sabemos por diplomatas que estavam no Cairo na altura que as vitórias nazis foram comentadas com sorrisos de esperança e uma troca de olhares significativos nos palácios do Nilo. Na Palestina, os effendis (aristocratas desembarcados) diziam aos fellahin (camponeses): “Agora vai e vende a tua terra aos judeus e sê rápido, pois dentro de um mês Hitler estará em Jerusalém, e não só terás a tua terra de volta, mas também tudo o que os judeus possuem”!

Pierre van Paassen, canadiano de ascendência holandesa e correspondente dos jornais americanos, sobre o estado de espírito no Médio Oriente em 1943.



Os salvadores árabes

“Em todas as fases da perseguição nazi, vichy e fascista aos judeus em terras árabes, e em todos os lugares em que ocorreu, os árabes ajudaram os judeus (...) E houve ocasiões em que certos árabes escolheram fazer mais do que apenas oferecer apoio moral aos judeus. Eles salvaram corajosamente vidas judias, por vezes arriscando as suas próprias vidas no processo. Esses árabes eram verdadeiros heróis”.

Um destes “heróis” foi **Khaled Abdelwahhab**. Depois das tropas alemãs marcharem para a Tunísia, ele escondeu a extensa família judia de Anny Boukris numa quinta quando soube que um oficial alemão estava a planear raptar a sua mãe para a levar para um bordel militar.

O académico Robert Satloff sugeriu, portanto, honrar Khaled Abdelwahhab no memorial israelita de Yad Vashem como “Justo entre as Nações” – o primeiro árabe entre quase 23.000 pessoas de todo o mundo que salvou judeus do Holocausto.

Citações de: Robert Satloff, Among the Righteous (Entre os Justos).

Lost Stories from the Holocaust's long reach into Arab Lands, New York 2006.



O tunisino Khaled Abdelwahhab salvou uma família judia de ocupantes alemães em 1942.

Líder da Palestina e Criminoso de guerra



Hadj Amin el-Husseini tinha sido o líder político e religioso pré-emergente da população árabe na Palestina desde os anos 20. No seu papel de “Chefe dos Muçulmanos”, felicitou Heinrich Wolff, o cônsul-geral alemão de Jerusalém, quando o NSDAP chegou ao poder na Alemanha em **1933**, expressando a sua esperança de que a “forma de governo fascista e antidemocrática” se instalasse também noutros países.

Quando liderou a revolta contra o Mandato britânico e os judeus na Palestina em **1936**, Husseini recebeu não só apoio propagandístico, mas também financeiro da Alemanha nazi e da Itália fascista.

Procurado pela polícia britânica, foi para o Líbano em **1937** e depois para o Iraque, onde em **Abril de 1941** tomou parte num golpe pró-fascista para derrubar o governo posto pela Grã-Bretanha. Quando o seu golpe foi esmagado, Husseini e o chefe do governo pró-fascista iraquiano, Rachid Ali al-Ghailani, fugiram para o exílio na Alemanha nazi. Ali, Husseini declarou “a guerra contra os Aliados e os judeus” como “o dever sagrado” de todos os muçulmanos, numa série de emissões em língua árabe, que imitam a propaganda alemã.

Após a sua nomeação como Gruppenführer SS por Heinrich Himmler, Husseini recrutou dezenas de milhares de voluntários muçulmanos para a Wehrmacht e a Waffen-SS. Não só se encontrou com Goebbels e Eichmann, mas também, a **28 de Novembro de 1941**, com Hitler, a quem admirava como “líder engenhoso”.

Husseini esteve também, pessoalmente envolvido no Holocausto. Em **1943**, instou a liderança nazi a recusar que homens, mulheres e crianças ju-

deus da Bulgária, Roménia e Hungria emigrassem para a Palestina e em vez disso deportaram-nos para campos de extermínio alemães na Polónia, onde a morte certa os esperava. Embora Husseini tenha permanecido na Alemanha nazi até **7 de Maio de 1945** e tenha sido incluído na lista de criminosos de guerra, conseguiu voltar incólume ao Médio Oriente, onde a Liga Árabe não perdeu tempo em nomeá-lo para o mais alto representante dos árabes palestinianos em **finais de 1945**. O Conselho Nacional Palestino elegeu-o presidente em **1948**.

Nestas funções, Husseini poderia apelar novamente a “uma guerra de extermínio contra os judeus” e o Estado de Israel, na sequência da decisão da ONU sobre uma solução de dois Estados na Palestina, em 1947/48.

Delegado palestiniano na Conferência dos Estados Não-Alinhados na **década de 1950** e presidente da Cimeira Islâmica na **década de 1960**, Husseini nunca se distanciou da sua colaboração com os nazis até à sua morte em **1974**. Ainda em 2002, Yassir Arafat chamou-lhe “herói” e a si próprio “um dos seus seguidores”.

COLABORAÇÃO



“Apoiar a luta dos Aliados contra os poderes do Eixo durante o tempo da guerra foi a abordagem consensual no seio da população árabe”.

Muitos historiadores mantêm silêncio sobre a simpatia para com a Alemanha nazi na Palestina. Citação de: René Wildangel, *Zwischen Achse und Mandatsmacht. Palästina und der Nationalsozialismus*, Zentrum Moderner Orient, Berlin 2007.

O Mufti de Jerusalém e a “Solução Final”

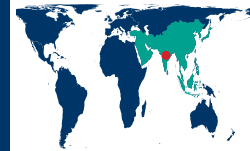
“Os extremos só podem ser combatidos por extremos. Pode o ferro ser queimado por algo mais suave do que o ferro? Os árabes em particular e os muçulmanos em geral são obrigados a perseguir um objectivo do qual não devem desviar-se e pelo qual devem lutar com todas as suas forças. É a expulsão de todos os judeus dos países árabes e muçulmanos. (...) A Alemanha nacional-socialista soube salvar-se da calamidade dos judeus. (...) Detectou o perigo judeu com todos os pormenores e encontrou uma solução final para ela, que irá dissipar a calamidade numa base mundial. (...) Árabes e muçulmanos, estejam atentos, não desperdicem esta oportunidade (...)”

O líder palestiano Hadj Amin el-Husseini, num discurso no “Islamisches Zentral-Institut zu Berlin” (Instituto Islâmico Central de Berlim) a 2 de Novembro de 1943.



O líder palestiano Hadj Amin el-Husseini recrutou voluntários muçulmanos para as SS na Bósnia em 1943.

3.500 Indianos nas Waffen-SS e 50.000 no lado dos japoneses



Subhas Chandra Bose foi um dos políticos mais influentes da Índia no início da Segunda Guerra Mundial. Em **Março de 1939**, o Congresso Nacional Indiano, a organização mais im-

portante do movimento anticolonial, elegeu-o presidente pela segunda vez, embora o seu oponente tivesse o apoio tanto de Mahatma Gandhi como de Jawaharlal Nehru. Ao contrário deles, Bose não só defendeu a resistência armada contra os mestres coloniais britânicos, mas também a cooperação com as potências fascistas do Eixo.

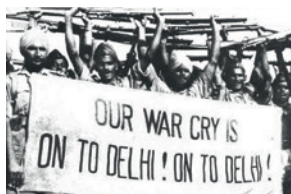
Para Nehru, “O triunfo de Hitler e do Terror Castanho que se seguiu foi um grande choque”. E Gandhi declarou: “Se os nazis vierem à Índia, o Congresso dar-lhes-á a mesma luta que deu à Grã-Bretanha”. Quando Bose soube que a Grã-Bretanha e a Alemanha nazi estavam em guerra em **Setembro de 1939**, ficou eufórico e disse a uma multidão de 200.000 apoiantes em Madras: “A tão esperada crise chegou finalmente. Esta é a oportunidade de ouro da Índia”. Colocado em prisão domiciliária pela administração colonial britânica, ele conseguiu fugir para a Alemanha em **1941**, onde o regime nazi lhe forneceu um milhão de Reichsmark para espalhar propaganda nazi antibritânica através da imprensa escrita indiana e dos meios de comunicação social.

Bose viu Hitler como um “revolucionário” e adaptou o byname “Netaji” (“respeitado líder”). Instruiu os seus colegas a estudarem organizações fascistas como a Hitler Youth, a Gestapo e a Reichsarbeitsdienst como inspiração para a criação de uma Índia independente e de uma sociedade que deveria ser “uma síntese do socialismo e do fascismo”.



Soldados da Legião Indiana a lutar pela Wehrmacht alemã na Muralha do Atlântico no Sul de França, 1944.

Em **1942**, Bose recrutou 3.500 desertores entre os estudantes e soldados indianos que tinham lutado pelos britânicos e acabaram em cativeiro alemão pela sua “Legião Indiana”. Foram primeiro integrados na Wehrmacht alemã e mais tarde na Waffen-SS e caçaram combatentes da resistência em França, em 1944.



Voluntários indianos de Singapura entraram em guerra com as forças japonesas.

O próprio Bose voltou para a Ásia a bordo de um submarino alemão em **1943**.

Baseado em Singapura, recrutou mais 50.000 voluntários para o seu Exército Nacional Indiano, que invadiu a Índia juntamente com tropas japonesas através da fronteira da Birmânia em **1944**.

Bose morreu num acidente de avião enquanto fugia dos Aliados em **Agosto de 1945**. Até aos dias de hoje, muitos indianos consideram-no um “herói”, especialmente na sua região natal de Bengala. Ali, escolas e universidades recebem o seu nome, bem como uma estação de metro e o Aeroporto Internacional de Calcutá; há estátuas de Bose e uma festa que se refere a ele.

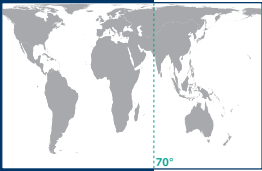
COLABORAÇÃO

“O que mais admiramos no fascismo é o espírito jovem, a excitação criativa”.

O político indiano Subhas Chandra Bose numa entrevista com o jornal italiano “Il Giornale d’Italia”, de 29 de Dezembro de 1933.



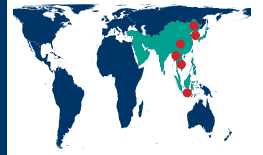
A Ordem Mundial Fascista



Uma vez iniciada a guerra, as potências do Eixo fascista discutiram acordos para dividir o mundo que pretendiam conquistar entre si. A Alemanha deveria receber a Europa do Leste Oriental, partes da Ásia que se estendem até ao Afeganistão e um império colonial na África Central. A Itália reivindicou os estados do sul adjacentes ao Mediterrâneo, desde o Magrebe até ao Médio Oriente, bem como a África Oriental. O Japão deveria ter a região do Pacífico e grandes partes da Ásia. O 70° meridiano (no leste do actual Paquistão, a oeste da cidade de Bombaim) formou a fronteira entre os hemisférios alemão e japonês.

Ali, ambas as forças pretendiam juntar-se depois de “libertar a Índia do jugo britânico”. Onde quer que as três potências ganhassem o controlo militar dentro dos seus respectivos territórios, instalavam regimes fantoches. Nos países que ainda estavam sob o domínio dos Aliados (coloniais), recrutaram colaboradores para realizar actos de sabotagem e de desertores para se juntarem às suas próprias forças.

Simpatizantes fascistas do Extremo Oriente



A **Coreia** tornou-se uma colónia japonesa em 1910. Alguns elementos da elite coreana – principalmente grandes proprietários de terras, líderes religiosos e intelectuais – ficaram felizes por serem integrados na administração colonial japonesa e viram como uma honra poder enviar os seus filhos para prestigiadas universidades e academias militares japonesas.

A **Manchúria**, ocupada pelas tropas japonesas em 1931, tornou-se o estado satélite de Manchukuo. O seu chefe de estado foi o último imperador chinês Pu Yi, que tinha sido forçado a abdicar antes do início da guerra em Pequim.

Na **China** os políticos do Partido Popular Nacional, como Wang Jingwei, estavam preparados para fazer parte de um governo fantoche sob controlo japonês, apesar da guerra de extermínio do Japão no país. A **Indochina**, uma colónia francesa, esteve sob o controlo do regime de colaboração de Vichy a partir de meados de 1940. Os “futuros líderes” foram treinados em organizações juvenis fascistas, e os senhores feudais locais, tais como Bao Dai no Vietname, Norodom Sihanouk no Camboja e Sisavang Vong no Laos, estavam todos demasiado felizes por serem fotografados com o Marechal Pétain para brochuras de propaganda.

A **Tailândia** foi governada pelo Marechal de Campo Phibun Songkhram que admitiu abertamente a sua admiração por Hitler e Mussolini. Ele deu-se a si próprio o nome de “po nam” (“líder”), e todos os jornais tiveram de imprimir o cabeçalho “One Land” ou Uma Terra: Tailândia. Um Líder: Phibun. Um Objectivo: Victoria”. A sua orientação nacionalista culminou na mudança do nome país em 1939, de Sião para a Tailândia, significando literalmente “Terra dos Tailandeses” e excluindo a minoria chinesa. A fim de repatriar os tailandeses dos países vizinhos para o seu grande império tailandês, Phibun enviou o seu exército para o Camboja e o Laos com o apoio dos japoneses, em 1940.

Na **Birmânia**, Aung Sang, pai da actual líder da oposição Aung Sang Suu Kyi, esteve do lado dos invasores japoneses até pouco antes do fim da guerra. Os japoneses proporcionaram-lhe treino militar e promoveram-no a general principal. A sua visão para o futuro da Birmânia era apresentada nos seguintes termos: “O que queremos é uma administração estatal forte, como exemplificada na Alemanha e Itália. Haverá apenas uma nação, um estado, um partido, um líder”.

Na **Indonésia**, Achmed Sukarno, que mais tarde se tornou presidente do país, foi o mais alto funcionário indonésio dentro da autoridade de ocupação japonesa a partir de 1943. Políticos líderes indonésios redigiram a sua declaração de independência em Agosto de 1945, no gabinete do Almirante japonês Maeda.



Imperador chinês Pu Yi em Manchukuo.



Wang Jingwei (China), ao serviço dos ocupantes.



Bao Dai (Vietname), um amigo do Marechal Pétain.



O “Líder” Phibun Songkhram da Tailândia.



Aung Sang (Birmânia), ao serviço dos militares japoneses.



Sukarno (Indonésia), leal ao Japão.

COLABORAÇÃO

Judeus fora – Nazis na Argentina sob o comando de Juan Perón



Juan Domingo Perón, presidente de longa data da Argentina, já tinha visitado os países fascistas da Europa quando jovem oficial na **década de 1930**. Em Itália, foi submetido a um treino militar no exército de Mussolini. De volta à Argentina, manteve contacto estreito com o serviço secreto dos nazis, cuja “disciplina militar” ele admirava. O grupo militar com quem ele subtraiu o poder em **1943**, endossou um “acordo de cooperação mútua” com Walter Schellenberg, o chefe do Nazi Sicherheitsdienst (Agência de Inteligência).

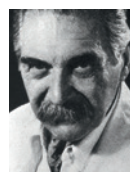


Evita e Juan Domingo Perón.

Quando a Argentina teve de declarar guerra à Alemanha sob pressão dos Aliados em **Fevereiro de 1945**, Perón garantiu aos seus “amigos alemães” que também eles “beneficiariam” porque, “como país em guerra”, a Argentina poderia “circular livremente na Alemanha após a guerra (e) trazer um grande número de pessoas para a Argentina”.

Entre aqueles que conseguiram fugir para a Argentina, graças à operação de resgate organizada a partir do palácio presidencial de Perón, encontravam-se criminosos de guerra infames como Adolf Eichmann, responsável pela deportação e assassinato de milhões de judeus; Josef Mengele, o médico do campo de concentração de Auschwitz, responsável pelas experiências humanas e pelo envio de dezenas de milhares para as câmaras de gás; Josef Schwammberger, comandante de vários campos de trabalho polacos e responsável pela morte de inúmeros judeus; e Erich Priebke, o braço direito do chefe da Gestapo de Roma e envolvido no tiroteio de 335 reféns italianos.

Colaboradores europeus do regime nazi acabaram também na Argentina, como por exemplo, toda a liderança do regime fascista de Ustaše da Croácia, incluindo o seu chefe de governo Ante Pavelić, que tinha sido responsável pelo assassinato de centenas de milhares de judeus, sérvios e sinti e romanos.



*Criminosos de guerra que encontraram refúgio na Argentina (da esquerda para a direita):
Josef Schwammberger
Erich Priebke
Adolf Eichmann
Josef Mengele
Ante Pavelic.*

Os refugiados judeus eram menos bem-vindos na Argentina. Já a 12 de Junho de 1938, o governo argentino emitiu uma directiva aos seus consulados para recusar vistos de imigração a “todas as pessoas” que nos seus países de origem eram “classificadas como indesejáveis” – por outras palavras, judeus.

Em 1947, o governo de Perón ainda empregava um fanático anti-semita como chefe da autoridade de imigração argentina, Santiago Peralta, que tinha estudado antropologia na Alemanha e decretado judeus como “cistos no corpo da população” e que tinham de ser “afastados”.

*Citações de:
Uki Goñi: Odessa –
Die wahre Geschichte.
Fluchthilfe für
NS-Kriegsverbrecher,
Berlin/Hamburg 2006.*

COLABORAÇÃO

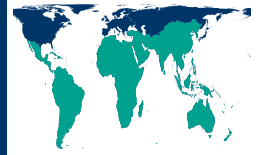
As Vítimas dos Colaboradores

Os colaboradores apoiaram as potências fascistas do Eixo em todo o mundo, política, económica e, em muitos casos, também militarmente. Mesmo os esquadrões da morte das Waffen-SS, as brigadas de gás venenoso dos fascistas italianos e os comandos assassinos dos ocupantes japoneses encontraram milhares de capangas dispostos. Dezenas de milhares voluntariaram-se para trabalhar nas indústrias de armamento das potências beligerantes, centenas de milhares reportaram servir nas suas forças, e milhões de pessoas aplaudiram as suas vitórias. Estas colaborações em massa limitaram seriamente e atrasaram a libertação do globo do fascismo europeu e da megalomania japonesa. Milhões de mortos foram a consequência. Não teriam acontecido sem colaboração.



Voluntários muçulmanos do Turquestão ao serviço militar da Alemanha Nazi em França, em 1943.

No total, a Wehrmacht alemã conseguiu recrutar cerca de 200.000 desertores Muçulmanos na União Soviética do Sul.



“A história da Segunda Guerra Mundial, como qualquer história, é escrita pelas potências vitoriosas, mas também pelos proprietários e pelos ricos. Apesar das suas derrotas, a Alemanha e o Japão acabam por ser contados entre os vencedores da guerra, uma vez que são vistos como pessoas de igual nível, embora as historiografias de ambos os países tenham de suportar um exame crítico e uma revisão. Mas os que foram esquecidos depois da guerra, como se não tivessem existido enquanto esta estava em curso, os que são forçados a reaprender a sua história juntamente com os seus filhos sem encontrar os seus próprios feitos registados, são os que podem ser contados entre os verdadeiramente derrotados. Derrotados e sem uma voz própria, é assim que centenas de milhões de pessoas e os seus descendentes ainda vivem hoje, em África, Ásia, América Latina, Austrália e em todo o Pacífico”.



*Kum'a Ndumbe,
professor na Universidade Jaunde,
nos Camarões, no seu prefácio ao livro
“Unsere Opfer zählen nicht –
Die Dritte Welt im Zweiten Weltkrieg”
(As nossas vítimas não contam –
O Terceiro Mundo na Segunda Guerra Mundial),
Rheinisches JournalistInnenbüro /
recherche international e.V. (Hg.),
Berlim/Hamburgo 2005.*

“Os investigadores dos países ricos sofrem, consciente ou inconscientemente, de um racismo silencioso que os leva a considerar qualquer acontecimento fora do seu ‘centro de riqueza’ como quase irrelevante para o seu trabalho. Isto cria um corpo de literatura sobre a Segunda Guerra Mundial, que se preocupa principalmente com as nações ricas. Quem tem os meios também determina os temas, teorias e linhas de investigação. É por isso que as vítimas da periferia não contam.

E as próprias vítimas aprendem e leem a literatura sobre a Segunda Guerra Mundial, tal como publicada e distribuída mundialmente pelos centros dos ricos, e nela não reconhecem a sua própria história”.

Uma Exposição da recherche international e V. (Alemanha)



A lista dos colaboradores que, desde os anos noventa, investigaram, redigiram textos, tomaram conta da organização ou concederam apoios financeiros para o projecto de longa duração O TERCEIRO MUNDO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL é longa. A lista dos nomes de todos os participantes pode ser acedida nas publicações sobre o tema e na página Web. O fim do projecto levou à criação de uma versão mais extensa da exibição (itinerante) para o Centro de Documentação do NS da cidade de Colónia no início de 2025, para a qual foram concebidas também versões Online e brochuras da exposição em formato PDF em quatro línguas. Participaram nas mesmas:

Concepção e realização: Christa Aretz e Karl Rössel (recherche international e.V., Colónia)

Centro de Documentação do NS da cidade de Colónia: Dr. Annemone Christians-Bernsee, Dr. Jan Neubauer, Dietmar Orfgen, Dirk Lukaßen, Melanie Longenrich

Layout/Desenho Gráfico: Amado Alfadni (placares), Holger Deilke (exposição), Andreas Hollender (brochura)

Cartografia: Beate Reußner (Berlim, Alemanha)

Radução e legendagem: Lise Mercier e Giovanni Pannico (Francês) | Subtext Berlin (Inglês e Português) | Beatriz de Medeiros Silva (Português)

Altifalantes nas estações de escuta: Maria Schüller, Ernst-August Schepmann & Hartmut Stanke (Alemão) | Susan Bonney-Cox & Alan Fountain (Inglês) | Lise Mercier & Mark Wartenberg (Francês) | Aline Frazão & Mário Fradique Bastos (Português)

Intérpretes: Jil Richter (Inglês), Christiane Zender (Francês), Katja Krause (Português)

Versões Online: Christine Bolz, Ralf Dank, Redaktionsbüro Dank, Colónia

Tecnologia de filmes e Trailer: Sebastian Fischer (FilmInitiativ Köln e.V. / Afrika Film Festival Köln)

Impressão: Block 6 (exposição); WB-Druck (folhetos), WIRmachenDRUCK (brochura e cartazes)

Página Web: Thorsten Schiller, Colónia

Redes sociais: Malwina Cronin, Colónia

Principais parceiros de cooperação 2024/25: Stiftung Umwelt und Entwicklung Nordrhein-Westfalen (Bona, Alemanha) • Cidade de Colónia (Centro de Documentação do NS, Pelouro para a Europa e Assuntos Internacionais da Câmara Municipal de Colónia, Pelouro da Cultura, Pelouro para a Integração e a Diversidade) • Rosa Luxemburg Stiftung (Berlim, Alemanha) • Jutta Vogel Stiftung (Colónia, Alemanha) • asb – Aktion Selbstbesteuerung (Estugarda, Alemanha)

Fotografias: Alice Cherki, Paris • Australien War Memorial, Camberra • Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz, Berlim • Bundesarchiv (Wikimedia Commons) • Compagnie Mémoires Vives, Estrasburgo • Corry Gutstadt, Hamburgo • Department of Defence Documentation Centre, Pretória • E.C.P.A.D/França • Fondation du 8 mai 1945, Argel • George Rodger, Magnum, Agentur Focus, Londres/Paris • Imperial War Museum, Londres • iz3w-Archiv, Freiburg • Jan Banning, laif, Colónia • Koloniales Bildarchiv, Universitätsbibliothek Frankfurt/Main • Léo Durupt/Conservatoire Régional de l'Image Nancy-Lorraine • Heimatmuseum Luckenwalde • Museum of Victoria, Donald Thomson Collection, Melbourne • National Archives (U.S. Airforce, U.S. Army, U.S. Navy, U.S. Marine Corps, U.S. Signal Corps), Washington • Robert Hunt Library, Londres • Serge Klarsfeld, Paris • Service des archives de la Nouvelle-Calédonie: Album Elmer J. Williams, Nouméa • S.I.R.P.A. – Service d'informations et de relations publiques des armées, Paris • Imagens dos filmes documentários «Unterwegs als sicherer Ort» (On the Move Is a Safe Place) de Dietrich Schubert, Kronenburg, e «Angels of War» de Andrew Pike, Camberra • Recherche International e.V., Colónia • Rheinisches JournalistInnenbüro, Colónia • Verlag Assoziation A, Hamburgo/Berlim • Weltchronik, Rainer Detering, Karlsruhe • Retratos de mulheres da Ásia: Women's Active Museum (WAM), Tóquio; fotógrafos: Furusawa Kiyoko, Huang Tzy-ming, Ishida Yoneko, Kawada Fumiko, Nakahara Michiko, Nishino Rumiko, Nobukawa Mitsuko, Okano Fumihiko, Shen Chun-fan, Shibasaki Haruko, Shiba Yoko; parceiros de cooperação: Committee on Measures for Compensation to Former Korean «Comfort Women for Japanese Army and Drafting Victims», Foundation of Japanese Honorary Debts, House of Sharing, Korean Council for the Women Drafted for Military Sexual Slavery by Japan, Lila Pilipina, Malaya Lolos, Taipei Women's Rescue Foundation, The Japan East Timor Coalition, Violence against Women in War-Network Japan.

Em alguns casos, não conseguimos identificar a origem das fotografias. Os potenciais titulares de direitos devem contactar a recherche international e.V. em Colónia.



3welt2weltkrieg 3. Welt im 2. Weltkrieg www.3www2.de

Patrocinado por:

NS-DOK

NS-Dokumentationszentrum der Stadt Köln



Stadt Köln



asb



JUTTA VOGEL STIFTUNG
Kulturerhalt in den Wästen Afrikas



Anúncio publicitário da exposição nos murais do Castle of Good Hope na Cidade do Cabo:
„O Terceiro Mundo na Segunda Guerra Mundial – Um Capítulo Suprimido da História“.